

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ENSINO E
NARRATIVAS**

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: passados possíveis de se preservar em
Caxias-MA**

JOANA BATISTA DE SOUZA

SÃO LUÍS
2016

JOANA BATISTA DE SOUZA

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: passados possíveis de se preservar em
Caxias-MA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

SÃO LUÍS
2016

Souza, Joana Batista.

Educação patrimonial: passados possíveis de se preservar em Caxias - MA / Joana Batista Souza.– São Luís, 2016.

---147 f.

Dissertação (Mestrado) – História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pacheco Filho

1. História. 2. Memória. 3.Educação 4. Patrimonial. 5 Ensino. 6. Maranhão I.
Título

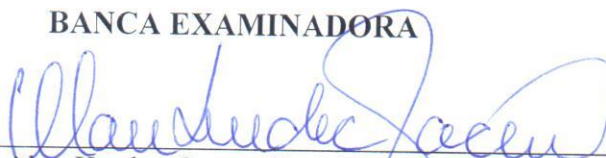
CDU: 37(812.1):72.02

JOANA BATISTA DE SOUZA

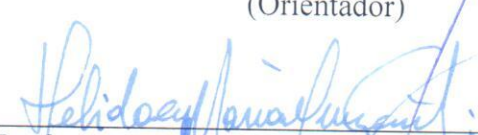
**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: passados possíveis de se preservar em
Caxias-MA**

Aprovada em ____/____/____

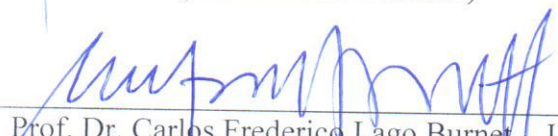
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho – UEMA
(Orientador)



Profa. Dra. Helidacy Maria Muniz Correa- UEMA
(Examinador – Interno)



Prof. Dr. Carlos Frederico Lago Burnet - UEMA
(Examinador – membro Externo)

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho
(Examinador– Suplente)

Dedico este trabalho à minha MÃE, pelo seu amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar em mais essa jornada e principalmente por me iluminar na sua fé e me mostrar os caminhos “Senhor tu és o meu pastor... Guia-me!”.

À coordenação do Mestrado na pessoa de Profa. Mônica Piccolo, pela oportunidade, competência incentivo durante o curso. Aos professores que participaram da banca de qualificação, Profa. Júlia Constança e Profa. Sandra Regina, pelas indicações que nortearam a pesquisa. Aos professores do mestrado que nos acompanharam com compromisso e dedicação, pelos direcionamentos dispensados para a elaboração da nossa escrita: Tatiana Reis, Sandra Regina, Elizabeth Abrantes. Sem esquecer Profa. Milena Galdêz. Todas encantadoras e competentes no que fazem.

Ao professor, orientador, Alan Kardec, pela tranquilidade, confiança e pela orientação e ensinamentos, sou muito grata ao senhor por tudo.

À Profa. Salânia Maria Barbos Melo por iniciar junto comigo a primeira etapa tão importante deste trabalho, por me incentivar a escrever. Profa. Salânia eis a minha gratidão por tudo, algum dia aprenderei a florescer as palavras como você faz.

À Profa. Jordânia Maria Pessoa me incentivo de sempre e também por me mostrar os caminhos.

Aos colegas que compartilharam os desafios e as alegrias próprios da pós-graduação: Liana, Elaine, Carlos, Márcia, Bianca, Wild, Fábio, Ricardo, Larissa, Aurea, Thalisse, Germeson, Paulo.

A esta Universidade que tenho muita honra em levar o seu nome para onde eu for, e a todos os funcionários, não vou especificá-los, para não ser injusta, obrigado pelo respeito recíproco.

Aos professores que não foram meus professores, mas que tenho admiração e respeito: Marcelo Cheche, Henrique Borralho.

A todos da minha família, meu irmão Antonio (Toin), que esta continua lá para os rumos do Planalto Central (Brasília), torcendo por mim “Valeu Negão”. Às minhas sobrinhas Jhuli e Jhene, que tenho no coração. À Hanna Maria e em especial a Maria Helena que nessa reta final contribuiu muito para a finalização deste trabalho.

À minha querida irmã Teresinha de Jesus que carrega no nome a palavra mais forte que existe (Jesus) que faz dela uma mulher guerreira por estar sempre me apioando.

Ao amigo Tiago de Jesus Araújo Cruz pelo grande apoio nessa reta final, foi um prazer te conhecer.

À Venúzia Belo, “exemplo de amizade”, pela serenidade, pelo carinho e disponibilidade de sempre!

À Iolanda Luz, pela cumplicidade e pelo companheirismo, pela sensatez, pela leveza de ser feliz e principalmente por me fazer acreditar que tudo é possível.

Jesus é a nossa Luz!

“Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido durante o Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão e tem como objetivo discutir sobre a metodologia da Educação Patrimonial no contexto das escolas públicas de Caxias-MA gerando um diálogo entre os indivíduos e o patrimônio cultural. Cabendo assim questionar, qual a relação da metodologia da Educação patrimonial com preservação do patrimônio local? Por tal, este trabalho se propõe levantar os possíveis desafios à efetivação da Educação Patrimonial no espaço escolar a partir da percepção de que preservar o patrimônio cultural se apresentam como essencial para os sujeitos históricos, na medida em que possibilita o reencontro com as raízes das suas comunidades e a reafirmação das suas identidades. Assim contribuir para o âmbito acadêmico com a discussão sobre as manifestações da cultura no Maranhão e do processo de valorização do patrimônio cultural local, através da reflexão sobre o lugar que a escola ocupa nos campos de tensão gerados pelas mudanças sócio-políticas na sociedade, não se constituindo uma instituição avessa às modificações do contexto social e discutir a importância da preservação do patrimônio local a partir da sala de aula, assim como ampliar as práticas preservacionistas do Patrimônio cultural. É, então, uma estratégia por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em “patrimônio”. Conhecer a história de sua cidade, seu processo constitutivo, seu patrimônio cultural é sentir-se que faz parte deste processo como ser ativo. Pode ser o caminho para a criação de uma identidade local. Nesta perspectiva a Educação Patrimonial pode ser aplicada como objeto de estudo a cerca que tem sido indicado para o Ensino de História por possibilitar a compreensão do aluno, identificando o passado nos vários espaços de convivência, na escola, casa, comunidade, trabalho, lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos do presente.

Palavras-chave: História. Memória. Ensino. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

HERITAGE EDUCATION: Possible past to preserve in Caxias –MA

This work was developed during the course Professional Master 's Graduate Program in History , Teaching and Narratives of Maranhão State University and aims to discuss the methodology of heritage education in the context of public schools in Caxias -MA generating a dialogue between individuals and cultural heritage. Fitting well question. What is the relationship of equity Education methodology with preservation of local heritage? For this, this paper aims to raise the possible challenges to the effectiveness of heritage education at school from the perception that preserving the cultural heritage are presented as essential to the historical subjects, to the extent that allows the reunion with roots their communities and the reaffirmation of their identities. Thus contribute to the academic environment to the discussion about the cultural manifestations in Maranhão and the enhancement of local cultural heritage process, through reflection on the place that the school takes the stress fields generated by socio-political changes in society, not constituting one institution averse to changes in the social context and discuss the importance of preserving local heritage from the classroom, as well as extend the preservation practices of cultural heritage. It is, therefore, a strategy through which social groups and individuals narrate his memory and his identity, searching for them a public place of recognition, as even in that turn into "heritage". Knowing the history of their city, its constitutive process, its cultural heritage is to feel part of this process as being active. It may be the way for the creation of a local identity. In this perspective, Heritage Education can be applied as an object of study about which has been nominated for the Teaching of History by allowing student understanding, identifying the past in the various living spaces, school, home, community, work, leisure - and also to locate the significant problems of the present.

Key words: History. Memory. Heritage Education. Teaching

RESUMEN

EDUCACIÓN SOBRE EL PATRIMONIO: Posible pasado para preservar en Caxias - MA

Este trabajo se desarrolló durante el curso del Programa Graduado de Maestría Profesional en Historia, Enseñanza y narrativas de la Universidad del Estado de Maranhao y tiene como objetivo discutir la metodología de la educación del patrimonio en el contexto de las escuelas públicas en Caxias - MA generar un diálogo entre los individuos y el patrimonio cultural. Pregunta bien apropiado. ¿Cuál es la relación de la metodología de la educación de equidad con la preservación del patrimonio local? Para ello, el presente trabajo tiene como objetivo aumentar los posibles desafíos para la eficacia de la educación del patrimonio en la escuela a partir de la percepción de que la preservación del patrimonio cultural se presenta como esencial para los sujetos históricos, en la medida en que permite el reencuentro con las raíces sus comunidades y la reafirmación de su identidad. De este modo contribuir al ambiente académico para la discusión acerca de las manifestaciones culturales de Maranhao y la mejora de proceso de patrimonio cultural local, a través de la reflexión sobre el lugar que la escuela lleva a los campos de tensiones generadas por los cambios socio-políticos en la sociedad, no constituyendo una institución aversión a los cambios en el contexto social y discutir la importancia de la conservación del patrimonio local desde el aula, así como ampliar las prácticas de conservación del patrimonio cultural. Es, por lo tanto, una estrategia mediante la cual los grupos sociales e individuos narran su memoria y su identidad, la búsqueda de ellos un lugar público de reconocimiento, ya que incluso en que se convierten en "patrimonio". Conocer la historia de su ciudad, su proceso constitutivo, su patrimonio cultural es sentir parte de este proceso como activo. Puede ser el camino para la creación de una identidad local. En esta perspectiva, la educación sobre el patrimonio puede ser aplicado como un objeto de estudio sobre el que ha sido nominado para la enseñanza de la historia, al permitir la comprensión del estudiante, identificando el pasado en los diversos espacios de vida, escuela, hogar, la comunidad, el trabajo, el ocio - y también para localizar los problemas significativos de la presente.

Palabras-clave: Historia. Memoria. Educación sobre el Patrimonio. Educación.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- Guia Turístico - Encarte 2001.....	61
FIGURA. 02 - Guia Turístico - Encarte 2001.....	61
FIGURA 03- Guia Turístico de Bolso - Encarte 2013.....	61
FIGURA 04 - Revista caminhos do Maranhão 2001.....	61
FIGURA 05 – Folder das Comemorações do Bicentenário da Elevação a categoria de cidade 2011.....	62
FIGURA- 06 - Ruínas do Quartel da Balaiada - 1970.....	63
FIGURA 07 - Mapa dos limites da cidade de Caxias.....	67
FIGURA 08 - Vista parcial de Caxias - 1957.....	68
FIGURA 09-Vista panorâmica da cidade de Caxias do alto do Morro.....	69
FIGURA 10 – Ruínas do Quartel.....	70
FIGURA 11 – Escavações arqueológicas – 1997.....	70
FIGURA 12 -Ruínas do Quartel – 2014.....	71
FIGURA 13 -Memorial da Balaiada – 2014.....	72
FIGURA 14-Estátua do Negro Cosme.....	72
FIGURA 15- Acervo do Memorial.....	72
FIGURA 16- Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Catedral).....	73
FIGURA 17- Casarão do Comendador Alderico Silva (Seu Dá).....	73
FIGURA 18- Palácio Episcopal.....	74
FIGURA 19 - Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José (Matriz).....	75
FIGURA 20 – Réplica da Estátua do Cristo Redentor.....	75
FIGURA 21- Imagem de Nossa Senhora Das Dores e Bom Jesus dos Passos.....	76
FIGURA 22 – Largo da Matriz.....	77
FIGURA 23 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.....	77
FIGURA 24 – Igreja de São Benedito.....	78
FIGURA 25 – Fábrica União Caxiense.....	80
FIGURA 26 – Centro de Cultura (antiga Fábrica União Caxiense).....	80
FIGURA 27 – Antigo Mercado Central.....	81
FIGURA 28 – Prefeitura Municipal.....	81
FIGURA 29 – Praça Dias Carneiro (Panteon).....	82
FIGURA 30 – Estação Ferroviária.....	83

FIGURA 31 – Instituto Histórico e Geográfico.....	84
FIGURA 32– Estátua poeta Gonçalves Dias.....	84
FIGURA 33 – Prédio do Antigo Fórum.....	86
FIGURA 35- Fachada da residência da família Silveira	87
FIGURA 36 - Fachada da residência da família Lôbo	87
FIGURA 37- Estátua da residência da família Lôbo.....	88
FIGURA 38 - Igreja Nossa Senhora de Nazaré	88
FIGURA 39 - Igreja de Santo Antônio.....	89
FIGURA 40 Fachada do Colégio Caxiense fundado em 1937.....	95
FIGURA 41 Alunos caminhando pela Rua 1º, ao fundo o Palácio Episcopal.....	97
FIGURA 42 Mapa dos limites de tombamento do Centro Histórico de Caxias – MA..	99
FIGURA 43. Alunos do 9ª ano da U. I.M. João Santino Torres – Povoado Cabeceira de São Pedro- 3º Distrito de Caxias - 2008.....	101
FIGURA 44. Alunos da Tuma do 2º ciclo da EJA-Educação de Jovens e Adultos da U. I. M. Antonio Edson– 2009.....	101
FIGURA 45- Alunos e professores da U.I.M. Senador Alexandre Costa- Codó, ao fundo Fachada da Prefeitura Municipal.....	101
FIGURA 46 - Fachada da igreja de N. S. do Rosário dos Pretos – 2012.....	101
FIGURA 47 - Conversa com alunos da U.I.M. Deborah Pereira.....	102
FIGURA 48 – Alunos da Escola Municipal Magnólia Costa- São João do Sóter na Praça Gonçalves Dias.....	102
FIGURA 49- Alunos caminhando até o adro da Igreja da Catedral.....	102
FIGURA 50 - Professores de História da Rede Municipal – 2008.....	103
FIGURA 51- Academia Caxiense de Letras - Alunos da U.I.M. Deborah Pereira.....	104
FIGURA 52- Entrada do casarão do Com. Alderico Silva.....	104
FIGURA 53 - Acadêmicos do Curso de Pedagogia- UEMA.....	104
FIGURA 54 - Professores de História da Rede Municipal de Educação – 2008.....	104
FIGURA 55 - Alunos do 6º Ano da U.I.M. Antonieta Castelo- Aldeias Altas.....	105
FIGURA 56 - Alunos do Programa BB Educar da Secretaria Municipal de Educação de Caxias.....	105
FIGURA 57 - Alunos da U.E.M. Magnólia Costa - São João do Sóter	
FIGURA 58- Alunos da U.E.M. Guiomar Assunção- Caxias-MA.....	106

FIGURA 59- Alunos da U.E.M. Magnólia Costa - São João do Sóter ao fundo Igreja de Santo	106
FIGURA 60- CAPA Suporte Pedagógico.....	113
FIGURA 61 –Ilustração do Centro de Cultura (antiga fábrica têxtil).....	117
FIGURA 62 - Palácio Episcopal.....	119
FIGURA 63 - Caminhada do Mastro de São Sebastião.....	119
FIGURA 64. Balneário Veneza.....	119
FIGURA 65. Memorial da Balaiada.....	120
FIGURA 66. Escultura de Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme.....	123
FIGURA 67- Ilustração Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Catedral).....	126
FIGURA 68- Ilustração do casarão do Antigo Fórum Desembargador Arthur Almada Lima.....	127
FIGURA 69-Mapa dos limites de tombamento do Centro Histórico de Caxias – MA.	128
FIGURA 70-Armazém Caxias.....	130

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. O ENSINO DE HISTÓRIA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRI.....	23
2.1. <u>Ensino de História e Consciência Histórica</u>	23
2.2. A formação da consciência histórica.....	31
3. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INVESTIGAÇÃO E DESAFIOS	40
3.1. Conceito de educação patrimonial	40
3.2. O Patrimônio Histórico e cultural em Caxias: o Centro Histórico como laboratório de Educação Patrimonial.....	52
4. A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: uma experiência pelo Centro Histórico de Caxias– MA.....	91
4.1. Caminhando e contando histórias pelo centro histórico: um Relato de Experiências..	91
4.2. A construção de material paradidático para a inclusão da Educação patrimonial nas escolas de Caxias-MA.....	108
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS.....	141

1. INTRODUÇÃO

Minha terra, minha cidade, você mora em meu coração
Por onde for, vou cantar você, princesinha do Maranhão.

As tuas praças, teus casarões misturam passado e presente
Que fascina e encantam a gente.

As tuas pontes, tem águas que são cristalinas
Veneza beleza plena
Caxias minha menina.

Teus morros, teus matos, teus bichos
Teu céu de beleza sem par
As tuas palmeiras tão lindas
Onde canta o sabiá
Transmitem a tua beleza
O teu encanto e magia
Pra você o meu canto princesa,
Pra você o meu canto Caxias.

Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá
Nesse canto que eu canto, canto com alegria
Canto pra você princesa, canto pra você Caxias.

(Música: Naum Esteves)

A preservação do patrimônio local e da memória dos lugares tornou-se discussões frequentes no meio acadêmico e tem sido muito explorado no desenvolvimento das cidades. Nesse contexto, faz-se necessário envolver a escola, as autoridades, a comunidade em geral no trabalho de fortalecer a preservação de seus bens culturais. Notadamente, a educação tem papel importante na formação dos sujeitos e nos coloca em condições preponderantes de desenvolver a comunidade e o espaço em que se vive.

Nos dias atuais, o ensino de história ligado ao Patrimônio é um dos temas de grande interesse tanto de pesquisadores quanto de professores, aos quais utilizam frequentemente a expressão “Educação patrimonial” para dar sentido às práticas educativas nos espaços escolares e também fora deles.

As dimensões e as características que definem o nosso tempo e espaço geram discussões constantes sobre o que, como e para quem preservar. Nesse sentido, este trabalho se propõe levantar os possíveis desafios à efetivação da Educação Patrimonial no espaço escolar a partir da percepção de que a preservação do patrimônio cultural se apresenta como essencial para os sujeitos históricos, na medida em que possibilita o reencontro com o seu passado e a reafirmação das suas identidades.

A ideia de estudar sobre Educação Patrimonial surgiu em 2004, quando ainda era acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em História, pelo Centro de Estudos Superiores de Caxias – CESC/UEMA. Na ocasião, comecei a desenvolver um projeto particular intitulado de “Caminhar pela Cidade”. O mesmo é realizado através de passeios turísticos no centro histórico de Caxias com alunos das redes pública e particular de Ensino e professores das mais variadas áreas além de visitantes de outras localidades, com a finalidade de despertar nos participantes do passeio, a riqueza do patrimônio histórico cultural edificado da cidade que precisa ser valorizado e preservado.

Toda essa riqueza cultural, agregada ao fato da comunidade não reconhecer e não valorizar tais manifestações evidencia a necessidade de realização do levantamento, do registro e da documentação dos patrimônios materiais e imateriais, bem como a inserção da temática do patrimônio no currículo escolar, através de um programa de Educação Patrimonial, procurando discutir e definir com a comunidade as formas de resgate, identificação e preservação dos seus bens culturais. O diálogo com essa temática, além de permitir aos acadêmicos o contato direto com a realidade empírica e com as necessidades através das ações de Educação Patrimonial, pode incentivar a construção da identidade local, por meio do (re)conhecimento da trajetória histórica e da apropriação dos bens culturais que os representam.

A Educação Patrimonial tem sido considerada como o ensino centrado nos bens culturais, objetivando proporcionar às pessoas um maior contato com patrimônio cultural de sua região, o que possibilita, a partir da problematização dos objetos ou patrimônios culturais representativos de uma comunidade, a construção coletiva do saber, a estruturação e constituição de uma identidade cultural e histórica.

Inicialmente, gostaria de mencionar o lugar de onde estou falando. Desde a Graduação no curso de Licenciatura em História, dedico-me a estudar e pesquisar o campo do Patrimônio e Memória no Centro de Estudos Superiores de Caxias da Universidade Estadual do Maranhão. O meu enfoque em especial é a metodologia da Educação Patrimonial. Nesse sentido, permito-me posteriormente tecer algumas reflexões

de ordem conceitual e teórica sobre o papel e os usos da Educação Patrimonial no contexto escolar.

Essas discussões e trocas de experiências que nos fez refletir mais ainda sobre a temática da Educação Patrimonial no contexto escolar, gerando um diálogo entre os indivíduos e o patrimônio cultural de seu lugar. Assim, na tentativa de suscitar um grau de pertencimento, fazendo com que o indivíduo adquira o hábito de valorizar e preservar.

Nessa perspectiva, os alunos precisam ser orientados a refletir sobre a importância de se conhecer a história da sua cidade e de proteger o seu patrimônio. É nesse sentido que cabe citar o papel fundamental do professor de História em sala de aula no processo de educação para o patrimônio.

A Educação Patrimonial como uma metodologia de trabalho pode enriquecer o diálogo sobre a prática da cidadania e o reconhecimento das gerações passadas e da cultura local podem ser abordadas a partir dessa perspectiva. Além disso, de trabalhar essa metodologia na sala de aula e fazer os alunos compreenderem as noções de patrimônio e qual o significado para eles.

Discutir essa temática no Mestrado surge a partir da relação que tenho com a cidade, através das fotografias que costumo tirar dos logradouros, das paisagens, das festas populares, pela curiosidade ao caminhar pela cidade e também das leituras de livros de escritores locais, e sem dúvidas por causa das ilustrações de livros como o “Memórias de Caxias, cada rua sua história”, publicado em 1991 pela Professora escritora Letícia Mesquita, que me abriu as portas para eu poder ilustrar outros trabalhos, e pela influência que sempre cresci ouvindo dizer que Caxias “é a terra de Gonçalves Dias”, embalada pela famosa estrofe da “Canção do Exílio”, “Minha terra tem palmeiras”, onde canta o sabiá”, de Coelho Neto e Vespasiano Ramos; outro motivo foram as leituras sobre patrimônio, a princípio o imaterial e, finalmente, por fazer passeios guiados pelo centro histórico com as escolas locais e de outras localidades, bem como mostrar a cidade aos visitantes.

Foi durante o contato com os alunos que pude perceber o quanto existe uma carência no conhecimento acerca da cidade. Assim, essa ideia foi ampliada durante o processo de percepção de que a maioria das pessoas não conhecem a história de Caxias, muitos conhecem porque já ouviram falar na televisão ou porque seus parentes mais antigos falavam das histórias antigas da cidade.

A partir dessa constatação e experiências com os alunos começaram a surgir alguns questionamentos e, para tanto, o trabalho se torna relevante ao problematizar

questões como: a Educação patrimonial é trabalhada nas escolas de Caxias? Os professores conhecem a história da cidade? Os alunos conhecem a história de Caxias? De que forma é empregada essa metodologia nas aulas de História, visto que a cidade teve grande destaque no cenário maranhense relacionado à construção do patrimônio arquitetônico herdado da influência portuguesa estampada nos casarões, nos becos e travessas estreitas, pela representação do patrimônio imaterial relacionado aos modos de festejar, de dançar através das festas populares como o Divino, a Festa do Reisado, a Dança do Lílí, como também, as celebrações populares, nos festejos de São Benedito, Santo Antônio, São Francisco e São Sebastião, na referência nacional através da literatura dos poetas Gonçalves Dias, Teixeira Mendes, Coelho Neto e dos marcos da história como o conflito da Balaiada registrado na historiografia maranhense?

O que motivou a problemática aqui suscitada nos remete a discutir a importância da Educação Patrimonial no processo educacional, como ação pedagógica nas aulas de História no espaço escolar em Caxias, na perspectiva de alertar os alunos através da leitura e compreensão dos bens culturais, principalmente pelo fato de haver a descaracterização do patrimônio edificado de forma acelerada.

Como objetivo geral este trabalho se propõe a analisar o papel da Educação patrimonial na formação da cidadania e seu lugar pedagógico no Ensino de História das escolas de Caxias-Maranhão. Entre os objetivos específicos, pretendemos discutir e conhecer os aspectos conceituais e legais relativos à Educação patrimonial; pesquisar sobre de que forma ocorreu a implementação das políticas patrimoniais no Brasil; compreender os sentidos e significados do patrimônio histórico cultural de Caxias para os alunos na perspectiva de conhecer as relações entre patrimônio, ensino e formação da consciência histórica, para verificar de que forma este patrimônio é articulado pela(o)s suas(eus) cidadã(o)s; identificar de que forma os professores trabalham a educação patrimonial nas escolas de Caxias.

A prática de preservar o patrimônio está estritamente relacionada com a formação da consciência histórica adquirida pelos indivíduos ao longo do tempo. As ações educativas para a preservação do patrimônio são formadas a partir da possibilidade de desenvolvimento do lugar e despertar a valorização da memória coletiva com a finalidade de assegurar a identidade cultural de seus indivíduos¹. De acordo com essa afirmativa,

¹ A discussão sobre identidade cultural será explicada no decorrer do trabalho como parte da reflexão sobre Educação Patrimonial e a relação dos sujeitos na contemporaneidade.

A preservação dos valores culturais e ambientais caracteriza-se, crescentemente, como uma tendência da atualidade. A valorização das coisas locais, em contraposição à globalização da economia e da comunicação, reveste de importância a manutenção de identidades específicas que garantam as pessoas à referência do seu lugar (Simão Apud Gázzola, 2007, p. 15).

Nessa perspectiva, busco com esse trabalho refletir sobre a metodologia da Educação Patrimonial no contexto escolar de Caxias – MA, gerando um diálogo entre os sujeitos e o patrimônio cultural na visão de que o patrimônio pode ser trabalhado como forma de reconhecer que tudo aquilo que herdamos e possuímos de outras gerações possui valor.

A metodologia desta pesquisa baseia-se nas seguintes referências: Patrimônio cultural, em destaque as leituras de Pelegrini (2006), Chuva (2012), que direcionaram-me a entender as relações entre passado, presente e futuro na ótica do patrimônio; as leituras de Horta (1999) e Soares (2003), Gil (2014), Pinto (2007), que ajudaram-me a pensar em como se aplica a metodologia da Educação Patrimonial na categoria do Ensino; Bittencourt (2013), Schimdt (2011), que me auxiliaram a compreender o ensino de História em sala de aula imbricado com as práticas de preservação do patrimônio local; sobre a categoria Consciência Histórica, os autores Rüsen (2011), Schimdt e Barca (2014), Helena Pinto (2016) abriram os caminhos para conhecesse a relevância desta categoria no Brasil, que até então não conhecia, a qual tem contribuído para entender que só há preservação se houver a conscientização dos sujeitos.

A pesquisa qualitativa para Alves-Mazzotti & Gewandsnajder (2004) pode desempenhar um papel vital na combinação com outros métodos de pesquisa. Assim, as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, por possibilitar o uso de uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de construção de dados: “[...] os procedimentos mais utilizados são a observação (participante ou não), a entrevista em profundidade e a análise de documentos, embora possam ser complementados por outras técnicas”.

Discutir sobre Educação patrimonial tem outro motivo especial, pois além de promover os passeios históricos pela cidade, sou Membro - Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, que preserva parte do acervo documental da Estrada de Ferro São Luís-Teresina, entre outros, como fotografias, obras clássicas, jornais caxienses do século XIX e XX, disponíveis ao público e aos pesquisadores. E também por fazer parte desde 2012 do Grupo de Pesquisa “Histórias do Maranhão”, que desenvolve estudos

sobre a história da cidade, com o intuito de identificar e documentar os bens representativos da diversidade e da pluralidade cultural da sociedade caxiense. Por último, por ser professora da rede pública municipal e percebo a importância de direcionar o olhar para novas temáticas durante as aulas de História.

A partir de então, nasceu o desejo de trabalhar com a categoria de análise Patrimônio, especificamente com a Educação Patrimonial e como ela pode ser aplicada nas escolas, e também auxiliar os professores com a possibilidade de trabalhar outras metodologias nas aulas. Percebi, durante os passeios pelo centro histórico da cidade, o distanciamento dos alunos com a História de Caxias, mesmo havendo algumas iniciativas de professores do município em trabalhar a temática na sala de aula com alunos do Ensino Fundamental e Médio, ainda é muito tímida essa discussão em sala de aula, por diversos motivos, carga-horária extensa, obrigatoriedade dos conteúdos, falta de recursos, e muitas vezes por não conhecer a história da cidade, etc.

Outra questão que percebi foi que, a Educação Patrimonial é uma metodologia imprescindível para o conhecimento dos bens culturais. Dessa forma, é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. “Este processo reforça a auto-estima dos indivíduos e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural” (HORTA, 1999, p. 9). A Educação Patrimonial tem o papel de proporcionar aos jovens o conhecimento dos símbolos, das histórias, dos objetos culturais, tornando-os significativos e assim protegê-los posteriormente.

Visamos, com essa pesquisa, contribuir no âmbito acadêmico, para professores e também estudantes da rede de ensino pública e particular com a discussão sobre as manifestações culturais do Maranhão e do processo de valorização do patrimônio cultural local, através da reflexão sobre o lugar que a escola ocupa nos campos de tensão gerados pelas mudanças sócio-políticas, não se constituindo uma instituição avessa às modificações do contexto social e discutir a importância da preservação do patrimônio a partir da sala de aula, assim como ampliar as práticas preservacionistas.

Este trabalho se propõe discutir os possíveis desafios da aplicação da Educação Patrimonial no espaço escolar a partir da percepção de que a preservação e a conservação do patrimônio cultural se apresentam como essencial para os sujeitos históricos, na medida em que possibilita o reencontro com o passado das suas comunidades e a reafirmação das suas identidades. Maria Auxiliadora Schmidt (2009, p. 58) defende que

do ponto de vista do ensino de História, a ideia da aula como "o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer ao seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade que edificou este conhecimento".

A pesquisa é sempre uma longa viagem empreendida por um sujeito, cujo olhar vasculha, bisbilhota lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e da apropriação do conhecimento.

Os novos objetos de pesquisa têm atraído o interesse do pensamento humano dando um vigor significativo às pesquisas históricas na medida em que possibilitam a articulação entre reflexão teórica e elemento empírico. Essas modalidades de pensamento refletem representações coletivas e por isso, são dotadas de especificidades importantes à investigação científica. Tais representações, analisadas a partir de situações que envolvem os novos sujeitos sociais e as novas identidades coletivas tornam-se permanentes desafios ao pesquisador no estabelecimento de um campo privilegiado de indagações.

Esta pesquisa pretende discutir a Educação Patrimonial e como é discutida a partir do espaço escolar em especial nas aulas de História, como suporte para a compreensão de alunos e professores no que se refere a valorização do Patrimônio, permitindo o encontro destes com o passado para que possam ampliar a relação com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequar-se a aprofundamento da complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e dos grupos. Foram desenvolvidas palestras nas escolas sobre a história cidade, visitas ao centro histórico e aos locais de promoção de eventos culturais, discussões em grupo, oficinas, identificação dos bens culturais da cidade.

A partir das fontes primárias e secundárias, que são encontradas nos centros de memória, museus, centros de documentação e informação, nos monumentos, fotografias, casas, nas fontes orais, ruas, praças, igrejas, prédios escolares entre outros, constituem-se vestígios do patrimônio, onde é possível empregar conceitos e pressupostos metodológicos da Educação Patrimonial envolvendo alunos e educadores, portanto a preservá-las além de possibilitar um contato direto com esses bens culturais.

Esse trabalho está estruturado em cinco capítulos fundamentais. No primeiro é a **Introdução** na qual será desenvolvida as primeiras considerações sobre o trabalho.

No segundo capítulo, intitulado **Ensino de História como processo de formação da consciência histórica**, é abordado a discussão sobre as mudanças do ensino de História e os avanços da disciplina escolar e Educação patrimonial a partir do espaço escolar em especial nas aulas de História como suporte para a compreensão de alunos e professores no que se refere a formação de uma consciência histórica do passado para a compreensão e valorização do Patrimônio cultural de Caxias – MA e discutir os pressupostos da categoria Consciência histórica de como ela é formada a partir da compreensão pelos sujeitos do tempo histórico na qual está inserido.

No terceiro capítulo, será discutida a **Educação Patrimonial: investigação e desafios**. Será abordado ao longo do capítulo a constituição do conceito de educação patrimonial, em seguida será discutido sobre o Patrimônio Histórico e cultural em Caxias revelando o Centro Histórico como laboratório de Educação Patrimonial nas aulas de história e como ocorre a formação do patrimônio em Caxias-Ma e a formação da conscientização dos caxienses para a preservação do mesmo.

Por fim, o quarto capítulo será trabalhado **A prática da Educação Patrimonial: uma experiência pelo Centro histórico de Caxias**. Discutiremos nesse capítulo, a Educação Patrimonial como ação educativa nas escolas. Ainda nesse capítulo será feito um relato de experiência da minha prática enquanto educadora preocupada com o patrimônio local. Na oportunidade, será mostrado através de fotografias os passeios realizados com professores e alunos do município da rede de ensino pública e particular. Para finalizar a pesquisa, apresentaremos sugestões para a elaboração de um material pedagógico que dará suporte aos professores e alunos com o objetivo de ser usado na escola, como complemento nas aulas de História. No último capítulo as Considerações finais acerca do trabalho.

Assim, a relevância do presente trabalho reside na proposição do diálogo entre o patrimônio de Caxias e a educação Patrimonial, buscando equacionar as possíveis discrepâncias entre a teoria difundida e a prática apresentada pelo professor, bem como propondo alternativas a estes, de modo a fornecer pistas para a melhoria de novas práticas em sala de aula.

2. O ENSINO DE HISTÓRIA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Neste capítulo faremos uma discussão acerca das transformações ocorridas no Ensino de História no Brasil, era tido como um ensino voltado para a formação tradicional dos sujeitos, ao legitimar o ensino de História através da dissimulação das desigualdades sociais e institucionalização da memória nacional e social. Outro ponto abordado são os diversos domínios da História e da necessidade de uma disciplina mais abrangente e de reflexões mais sistemáticas em busca de outras perspectivas e novos objetos e problematizações resultante da formação da consciência histórica.

2.1 Ensino de História e Consciência Histórica

Para ler o Patrimônio de uma cidade e preservá-lo, não basta apenas a experiência vivida, é preciso construir uma teia de sentidos e significados. Dar sentido à cidade é educar através da ação consciente de seus moradores. Dessa forma se faz necessário criar estratégias entre a escola, ou seja, a educação formal e a leitura da cidade através de metodologias e atividades não formais, pelo contato, pela observação do lugar, das memórias, das histórias e das suas pluralidades.

É nesta perspectiva que consideramos pertinente inserir nessa discussão a consciência histórica utilizada para explicar de que forma devemos estar preocupados com o lugar que vivemos e como podemos nos sentir parte dele. Para Cerri (2011, p. 53-58), a nossa consciência de tempo é fundamental para nos percebermos como sujeitos históricos. Outra perspectiva, segundo o referido, autor é estabelecida entre os séculos XIX e XX, na qual há uma ampliação do desejo de despertar para outros ramos da ciência como a astronomia que surge para ampliar a noção de consciência de tempo linear.

Por fim, Cerri destaca que a ideia de pensar e se orientar no mundo histórico se torna mais relevante quando pensamos no conhecimento do contexto em que vivemos. Para tanto, apoiamo-nos na definição de que a consciência histórica é um fenômeno ligado à prática educativa.

Essa consciência estabelece a relação do indivíduo com o grupo, ou seja, ele se torna parte do grupo, percebendo-se no grupo, há uma ligação que define os homens e os

grupos a interagirem com a sua existência nas dimensões do passado, do presente e do futuro, aos quais são elementos fundamentais que define as identidades.

Na perspectiva de Jörn Rüsen (2011), o homem só pode agir no mundo se interpretá-lo e a si mesmo de acordo com as intenções de sua ação e de sua paixão; agir (incluindo deixar-se estar e ser objeto da ação de outrem) só ocorre com a existência de objetivos e intenções, para os quais é necessária a interpretação com o qual o homem se coloca para além do que ele e o seu grupo são no presente imediato. Agir, enfim, é um processo em que continuamente o passado é interpretado à luz do presente e na perspectiva do futuro.

A consciência histórica é mediadora da conscientização, discutida pelo professor Paulo Freire (2015, p.54), na década de 1960, na qual ele discorre que a conscientização é uma exigência humana. A conscientização histórica é racional e nas palavras de Cerri (2011, p. 80-81), “não é apenas conceder consciência a quem não a tem (isso não existe), mas atuar com nossa consciência, buscando influenciar e transformar a consciência dos educandos, num processo em que a nossa própria consciência geral e histórica”. Nesse quadro atual de inquietações e crises do sujeito, perguntas são colocadas, tais como: de que forma devemos ensinar? E quais os desafios de trabalhar com o Ensino de História? Como se ensinar História em tempos de crise do sujeito na contemporaneidade?

O campo da História surge como disciplina escolar autônoma nos fins do século XIX na Europa, especialmente na França, pautada em dois vieses – na genealogia da nação e nos estados de mudança daquilo que é subvertido. No Brasil, procurou-se garantir de maneira hegemônica, a criação de uma identidade comum, baseada na imposição. Durante muitas décadas, o ensino de história no Brasil passou por várias mudanças, desde a Monarquia até a República, houve a proposta de construção da nacionalidade brasileira pautada no amor à pátria e amor a nação. A maioria dos programas curriculares e orientações educacionais impunha o modelo voltado para a construção da nacionalidade, fundamentadas nas noções de pátria, herói e na tradição.

Neste sentido, a História se constitui como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de uma identidade comum, onde cidadão nacional é destinado a continuar a organização da nação brasileira. Esse discurso é intensificado durante o Regime Militar, ao legitimar o ensino de História através da dissimulação das desigualdades sociais e institucionalização da memória social. A educação pública durante esse período foi pensada em formar alunos através da manipulação, os militares encontraram nos livros didáticos e na escola elementos para condicionar o indivíduo a ser

obediente à ordem vigente, priorizando a formação profissional e a transformação do Brasil em nação desenvolvida. O que é dito pelo discurso é preferencialmente afastado do real e dito de outro modo, a fim de estabelecer um diálogo de imposição de quem o quer dizer. Contudo, para Bourdieu e Passeron (2009, 31), “a violência simbólica, é manifestada através de diferentes universos sociais com a igreja, a escola, a família, [...] a empresa ou o exército”. Após 1964, o ensino de História aprofundou essa concepção, combinada com medidas de restrições à formação e à atuação dos professores e com uma redefinição dos objetivos da educação, sob a ótica da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, no sentido de exercer o controle ideológico e eliminar qualquer possibilidade de resistência ao regime autoritário. (NADAI, 2006, p.56).

Com as mudanças estruturais que nortearam o período militar principalmente a educação foi o setor que mais sofreu modificações. Durante as décadas de 60 e 70, a Ditadura Militar passou a dar atenção especial ao ensino de História, ao tomar a decisão de modificar principalmente os níveis de ensino de 1º e 2º graus, hoje Ensino Fundamental e Médio respectivamente.

Por influência da ideia do desenvolvimento nacional, a disciplina História voltou-se para o estudo de temas econômicos e passou a valorizar a industrialização e exaltação do capitalismo. Desse modo, a disciplina foi colocada a serviço do Regime Militar, como estratégia para a formação de cidadãos obedientes.

A qualidade do ensino refletia os interesses de manter a massa escolar, assim como outros segmentos da sociedade, sob a égide do poder militar. Nesse sentido, a escola perdeu o foco de formar indivíduos conscientes de sua cidadania. O Estado deixou de cumprir seu papel quanto a proporcionar uma escola voltada para a promoção de sujeitos reflexivos. A preocupação era simplesmente deixar clientela escolar à margem das decisões políticas, econômicas e sociais, como afirma Germano:

[...] durante o regime militar, a atuação do Estado se pautou por privilegiar demasiadamente o capital e por ser excludente com relação às classes subalternas. O resultado do ponto de vista social, foi o aguçamento da concentração de renda, com notória repercussão no campo educacional (GERMANO, 2000, p. 168).

Com a obrigatoriedade do ensino e a generalização de conteúdos, que visava fundamentalmente à formação técnico-profissional, foi necessário fazer a reorganização dos currículos para atender aos interesses vigentes. Com a implantação da Lei 5.692/71, ficou definido que deveriam ser implantados programas e disciplinas, principalmente na

área das ciências humanas, que proporcionasse ao aluno um contato maior com as manifestações harmônicas e de compreensão da vida em sociedade, dando ênfase ao conhecimento da perspectiva de desenvolvimento do país. As medidas tomadas para redefinir os conteúdos das ciências humanas atingem sobretudo, a disciplina História durante o regime militar, pois ela era considerada uma ameaça por incentivar o aluno a refletir sobre a realidade.

No entanto, durante o período pós-guerra, o ensino de História passou a ser considerado perigoso, pois poderia enfatizar a história das guerras e disseminar ideias racistas e preconceituosas. Além disso, os conteúdos de História e Geografia foram substituídos pelos conteúdos de Estudos Sociais, com o objetivo de transmitir ao alunado conteúdos mais humanísticos e pacifistas, voltados ao estudo do processo econômico, avanço cultural, científicos e tecnológicos na sociedade civil brasileira, principalmente no ensino elementar das escolas públicas, nas quais foram implantados como obrigatórios em todos os currículos do país.

O objetivo específico dos Estudos Sociais era o desenvolvimento individual e o ajustamento pessoal e social do aluno. Dessa forma, o aluno tinha o dever de adquirir, através da escola, a compreensão e o respeito desses princípios, bem como saber empregá-los no meio onde vivia. De acordo com o material elaborado pelo MEC/COLTED (Ministério da Educação e Cultura e Comissão do Livro Técnico e Didático, 1969: 155), “os Estudos Sociais eram a mais importante área do currículo escolar, o principal eixo ou centro desse currículo, considerado ainda como ponte de ligação entre a escola e a vida.

Os Estudos Sociais visavam a garantir a educação social do aluno. Em primeiro lugar, pela aquisição do conhecimento, onde a criança deveria conhecer o mundo em que vivia, fazendo uso de suas necessidades básicas a nível biológico, afetivo, social e intelectual. Em segundo, de acordo com a habilidade, isto é, na compreensão das relações do mundo em que vivia, deveria lançar mão de fontes e variados recursos e de informações para auxiliarem constantemente na capacidade individual de pensar e agir.

Por último, diz respeito à atividade, uma vez que, para obter a aquisição do conhecimento e das habilidades, deveria oferecer aos alunos a formação de atitudes positivas em relação aos valores humanos através da apreciação e respeito pelas pessoas; valorização do esforço para melhorar as condições de vida; valorização dos recursos

naturais, das instituições, das manifestações culturais e cívicas; desprovimento de preconceitos e fé no entendimento universal.

Contudo, esses objetivos, tiveram conotações de ajustamento e normatização da sociedade através da escola nos níveis de ensino da educação, constatadas pelo fato de que na escola estava inserida a maior parte da população jovem que se encontrava em plena formação pessoal e educacional. Essa forma de dominação, explicitava a urgência do regime militar, no final da década de 1960, em tomar decisões endossadas pelo radicalismo de combate ao comunismo e aos movimentos em repúdio ao autoritarismo militar.

Os reflexos da estratégia militar influenciada pelos Estados Unidos, e sobretudo pelos acordos Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID) - MEC/USAID e a institucionalização de Decretos-Lei, atingiram sobretudo as ciências humanas que foram desvalorizadas em favor de um ensino técnico e profissional, voltado para a formação da mão-de-obra para a indústria.

O nível educacional nas escolas relacionado à construção do conhecimento é, nesse momento, afetado de forma drástica, uma vez que os conteúdos de Estudos Sociais, generalizavam o conhecimento histórico como simples interpretação de fatos, com destaque para a valorização das figuras heroicas e formação para o trabalho.

Desse modo, a militarização da educação, confirma a ideia de que a educação foi definitivamente, durante o período militar, atrelada às características da Doutrina de Segurança Nacional, visava acima de tudo ao disciplinamento educacional. A tentativa de homogeneizar os mecanismos de dominação fez com que o governo militar, no final da década de sessenta, implantasse medidas estruturalistas, que objetivava o ajustamento da educação de acordo com os interesses vigentes. O projeto militar articulou a reintrodução da formação moral e a transmissão de valores cívicos e patrióticos na educação brasileira.

Em 1969, é criado o Decreto-Lei nº 869, em 12 de setembro, que institucionalizou a reintrodução do ensino de EMC (Educação Moral e Cívica) e OSPB (Organização e Política do Brasil) em todos os currículos escolares, inclusive nas universidades, como disciplinas obrigatórias da prática educativa.

Dentro da estrutura educacional tradicional imposta pelo regime militar, na disciplina de Educação Moral e Cívica, estariam definidos os eixos fundamentais do

projeto ideológico e autoritário do regime, pois a mesma deveria subsidiar o comportamento moral dos estudantes representado pela falta de disciplina e respeito.

A Educação Moral e Cívica, ao suprir essas necessidades, seria relevante ao preparo do cidadão brasileiro para o exercício da cidadania e o fortalecimento dos valores espirituais e nacionais. Desse modo, para (Goes & Cunha, 1985), a disciplina orientou e favoreceu a ação dos educadores na formação de circunstâncias para a criação, pelo educando, de “valores subjetivos, imutáveis, imprescindíveis à vitalidade das instituições que integram a Pátria, conhecimentos estes voltados para o âmbito da Família, Escola, Justiça, Igreja, e Forças Armadas”.

Os princípios da Educação Moral e Cívica conforme Souza (2006), eram apoiados pelas tradições nacionais, sendo que a prática educativa deveria ser de ajustamento das pessoas segundo as normas de controle militar. Assim, a disciplina teria o papel de cumprir,

[...] a defesa dos princípios democráticos, através da preservação do espírito religioso, da dignidade da pessoa humana e do amor à liberdade com responsabilidade, sob a inspiração de Deus; a preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores espirituais e éticos da nacionalidade; o fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana; o culto a Pátria, aos seus símbolos, tradições, instituições, e os grandes vultos de sua história; o aprimoramento do caráter, com o apoio na moral, na dedicação à família e à comunidade; a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros e o conhecimento da organização social, política e econômica do país; o preparo do cidadão para o exercício das atividades cívicas com fundamento na moral, no patriotismo e na ação construtiva visando ao bem comum. (GOES & CUNHA, 1985, p.75).

As perspectivas de mudança surgem, sobretudo, em razão da evolução nas Ciências Sociais articuladas ao fim da hegemonia europeia. A produção historiográfica foi se renovando a partir das mudanças de perspectivas em dialogar e encontrar novos rumos, novas abordagens e novos problemas, privilegiando outros espaços de investigação, paralelamente se tornaram objetos de reflexão dos profissionais de História, enriquecendo mais ainda o seu campo de investigação.

A década de 1980 foi um marco nas reformulações do Ensino de História. Muitos debates e discussões sobre novas concepções, novos conteúdos e metodologias. Schimth (2009, p. 14) expõe que o grande marco dessas reformulações concentrou-se na

perspectiva de recolocar professores e alunos como sujeitos da História e da produção do conhecimento histórico.

A resposta para as mudanças começam a surgir com as reformulações das leis da Educação brasileira, principalmente através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96, que determina a reestruturação curricular dos conteúdos. A Lei enfatiza no Art. 26, que:

A parte diversificada dos currículos do Ensino Fundamental e Médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para uma proposta de ensino de história local, voltada para a divulgação do acervo cultural dos municípios e Estados. (BITTENCOURT, 2013, p.142).

Em 1997, o Ministério da Educação vem propor os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, com a intenção de produzir um currículo que servisse de referência em conteúdos e metodologias para o ensino. Os Parâmetros Curriculares na área de História tiveram como justificativa principal superar o Ensino de História voltado para a cronologia e incorporou outras perspectivas historiográficas como trabalhar novas linguagens culturais relacionadas com o cinema, música, fotografias, documentos, e nesse caso o patrimônio, entre outros. A partir daí, são incorporados novos temas e objetos a serem estudados pelo campo da História, a exemplo, a história das mulheres, das crianças, dos movimentos sociais.

Dentre os objetivos fundamentais dos PCNs de História, estão: contribuir para a construção da cidadania no desenvolvimento de raciocínio historicamente corretos; na aquisição da capacidade de análise do passado; na apreensão das pluralidades; no respeito a diversidade social; e, por último, a valorização do patrimônio sociocultural. Nesse sentido, apoiamo-nos nesse último objetivo, mesmo que estabelecido por lei, porém são poucas as iniciativas de trabalhos acerca da adoção da Educação patrimonial nas escolas públicas de Caxias, o que compromete a valorização do patrimônio.

2.2. A formação da consciência histórica

A temática Patrimônio Cultural nos últimos anos vem ganhando espaço nas pesquisas produzidas por professores, pesquisadores historiadores, historiadores da educação, antropólogos, sociólogos, arquitetos e profissionais de diversas áreas, estabelecendo-se como temática interdisciplinar, que reclama novas perspectivas de

análise e seleção desses bens culturais, onde o espaço escolar é reconhecido como suporte físico da educação,

Patrimônio, palavra que compreende várias denominações, como histórico, artístico, paisagístico, tangível, intangível, industrial, genético, entre tantas outras. O que cabe ressaltar é que patrimônio está associado a práticas voltadas ao fortalecimento/produção de identidades de grupos. Preservar, construir ou inventar o patrimônio supõe atribuir valor e construir significados para objetos e obras culturais que constroem identidades. (GIL, 2013, p. 153).

Dessa forma, o diálogo se faz presente nas discussões sobre o Ensino de História e a utilização da expressão “educação patrimonial” como possibilidade para as aulas de história e permite que pensemos nas práticas pedagógicas com o conhecimento histórico escolar relacionado à investigação no campo do patrimônio.

Toda essa riqueza cultural agregada ao fato da comunidade não valorizar tais manifestações evidencia a necessidade de realização do levantamento, do registro e da documentação dos patrimônios materiais e imateriais, bem como a inserção da temática do patrimônio no currículo escolar, através de um programa de educação patrimonial, procurando discutir e definir com a comunidade as formas de resgate, identificação e preservação dos seus bens culturais.

A Educação Patrimonial tem sido considerada como o ensino centrado nos bens culturais, objetivando proporcionar às pessoas um maior contato com patrimônio cultural de sua região, possibilitando, a partir da problematização dos objetos ou patrimônios culturais representativos de uma comunidade, a construção coletiva do saber, a estruturação e constituição de uma identidade cultural e histórica. Conforme Itaquí (1998):

O trabalho da Educação Patrimonial é levar os indivíduos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para uma melhor utilização destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, tendo assim um contínuo processo de criação cultural. A metodologia da educação patrimonial é materializada através do estudo de objetos comunitários como estratégia de aprendizagem do contexto sociocultural (ITAQUI, 1998).

O objeto cultural se torna o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem, funcionando como um facilitador para conhecer, usar, desfrutar e transformar os patrimônios culturais, ou seja, para a apropriação do patrimônio pelas comunidades.

Essas discussões e trocas de experiências que nos fez refletir mais ainda sobre a temática da Educação Patrimonial no contexto escolar, gerando um diálogo entre os indivíduos e o patrimônio cultural de seu lugar. Assim, na tentativa de suscitar um grau de pertencimento, fazendo com que o indivíduo adquira o hábito de valorizar e preservar.

A História nas últimas décadas tem despertado nos historiadores a discussão sobre os seus diversos domínios. Essa preocupação provém da necessidade de uma História mais abrangente e de reflexões mais sistemáticas direcionadas a conexões particulares em busca de outras perspectivas e novos objetos, para os quais exigem outras fontes. Mudaram os objetos da história, na qual se deslocou seus estudos para as margens das sociedades modernas modificando a noção de sujeito.

A operação histórica na visão de Certeau tem um efeito duplo, de um lado, historiciza o atual, exige a explicitação sobre a relação da razão em um lugar próprio que por oposição a um passado se torna presente.

Segundo Beatriz Sarlo (2007, p.17), as histórias da vida cotidiana produzidas em geral de modo coletivo e monográfico no espaço acadêmico, o passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção a regra, as curiosidades. Os sujeitos marginais que teriam sido ignorados em outros modos de narração do passado, traz novas exigências e métodos.

A partir de então foi imposta o que ela chama de guinada subjetiva, quando, por exemplo, a história oral e o testemunho trouxeram à tona a confiança na primeira pessoa que “narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada”, Sarlo acrescenta que a “guinada subjetiva” que se seguiu ao renascimento do 'eu', objeto de todos os privilégios, e ampliado em sociedades que vivem a subjetividade não apenas em sua dimensão íntima, mas como uma manifestação pública.

Essa ideia de novo sujeito partícipe do cotidiano da sociedade, comunga com as discussões de Isabel Barca (2007), quando discorre sobre essa guinada subjetiva, a qual se inicia a partir de determinada consciência histórica adquirida pelos sujeitos. Para a autora, entende-se a consciência histórica como uma atitude de orientação de cada pessoa no seu tempo, sustentada refletidamente pelo conhecimento da História. E acrescenta,

Os sentimentos de pertença e identidade social (local, regional, nacional e outras) constroem-se naturalmente no decurso das diversas vivências quotidianas. Para tal concorrem o meio familiar e cultural, as mídias, a escola. Mas é sobretudo, na escola que a identidade social é aprofundada e (re)orientada através da apropriação que cada um faz da aprendizagem sistemática da História (CERTEAU,2007, pág. 116).

As aprendizagens em História são orientadas para uma leitura ação contextualizada do passado a partir da evidência fornecida pelas múltiplas fontes. A História não trata de certezas sobre um passado considerado fixo até que novos fatos sejam descobertos; existem construções historiográficas diferentes, por vezes a responder a perguntas muito próximas, mas com enfoques diferentes. O ato de interpretar é um ato subjetivo com se refere Alessandro Portelli. Dessa forma, a capacidade de pensar e argumentar sobre a ação dos sujeitos se desenvolve mediante a utilização de fontes e objetos mediadores, juntamente com a ação mediadora do professor e sendo assim, elementos como identidade, temporalidade e capacidade de refletir sobre as mudanças e permanências no Ensino de História, ou seja,

As mudanças operadas no Ensino de História nas últimas décadas do século XX ocorreram articuladas às transformações sociais, políticas e educacionais de uma forma mais ampla, bem como àquela ocorridas no interior dos espaços académicos, escolas [...] discutir o ensino de história, hoje, é pensar os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços, é pensar fontes e formas de educar cidadãos, numa sociedade complexa marcada por diferenças e dificuldades (FONSECA, 2008, p.15).

Na opinião Barca (2007, p. 116), uma aula de História que contribua para a mobilização de identidades na construção de uma consciência histórica adequada às complexidades da sociedade deste século e no contexto de uma sociedade que deseje aberta e dialogante tem de refletir opções conscientes nas áreas veiculadas à visão local, nacional e global. A aprendizagem histórica é pautada no significado de transformar informação em conhecimento configurada no sentido da construção de um termo muito discutido atualmente a *literacia* histórica que, de acordo com Schmidt, Cainelli (2009, p.66), essa expressão é uma espécie de alfabetização histórica muito significativa e tem por finalidade o ensino de História levar a população os conteúdos, os temas, os métodos, os procedimentos e as técnicas que o historiador utiliza para produzir o conhecimento histórico.

Dessa forma, o desejo de trabalhar com a categoria património, especificamente com a Educação Patrimonial nas escolas, surgiu durante os passeios pelo centro histórico da cidade, no qual percebo o distanciamento dos alunos com a História de Caxias.

Mesmo havendo algumas iniciativas de professores do município em trabalhar a temática na sala de aula com alunos do Ensino Fundamental II, ainda é trabalhada de forma tímida. Partindo desse pressuposto que a Educação Patrimonial traz consigo reflexões que perpassam a prática e a teoria, mostrando aos alunos um encontro com o mundo material, de um passado relacionado com a forma de viver de um grupo que precisa ser preservado, tem a expressão da cultura material interiorizada em diferentes documentos históricos, ou seja: edifícios, praças, ruas entre outros.

Essa perspectiva pode se efetivar na sala de aula não somente apenas com um espaço onde se circulam informações, mas um lugar onde é estabelecida uma conexão com a realidade em que vivencia o aluno e também o professor, a relação da prática do professor deve revelar um interesse em articular a teoria e a prática cotidiana em sala de aula, é o que considera Schmidt, Cainelli,

No tocante ao fazer histórico e ao fazer pedagógico, é um dos desafios do historiador é realizar a função didática da História, adequando o conhecimento histórico aos diferentes ambientes, tais com a sala de aula, o museu, e ou o arquivo (Schmidt, Cainelli et al, 2009, p. 35)

O interesse de preservar a memória coletiva ganha espaço nas discussões sobre aproximar realidade do educando, por meio da valorização e promoção da cultura local com o saber histórico apreendido na sala de aula. Desse modo, o patrimônio cultural constitui-se uma das manifestações culturais de um povo, no tempo e no espaço. É elaborado historicamente, mostrando como a sociedade se organiza e se relaciona com os seus semelhantes ao revelar as permanências e as transformações das diversas dimensões e formas de cultura.

Nesse momento, apresento a cidade de Caxias para conhecermos um pouco o desenvolvimento, e assim tentarmos compreender como ao longo do tempo, vai se modificando e se tornando significativa e abrindo a possibilidade de ser lida através de seu contexto histórico.

Caxias Maranhão nasceu das Aldeias Altas, por volta de 1716, às margens do rio Itapecuru nas terras mais planas e mais altas. Seu processo de urbanização iniciou-se com a chegada dos jesuítas, que formaram as primeiras missões catequéticas. Elevada à categoria de Vila (1811), é denominada Caxias das Aldeias Altas, passando à categoria de cidade, com a denominação de Caxias em 1836.

Nesse contexto trazemos a cidade de Caxias, na qual também se mostrava em novas perspectivas. O advento da criação da estrada de ferro trouxe vida nova para os caxienses, trouxe a mudança no cotidiano das pessoas da cidade, fazendo com que Caxias

tivesse um movimento social bem elevado. De fato, Caxias já se configurava como uma cidade de destaque social que lhe rendia inúmeros elogios por parte da imprensa local de jornais como os famosos “Jornal do Comércio”, “*Voz do Povo*”, “*O Cruzeiro*”, dentre outros, que acompanhavam de perto as movimentações comerciais, culturais e sociais da cidade. Como é o caso desta nota no Jornal “Voz do Povo” de 11 de abril de 1931, intitulada “O novo Ford feito para durar”, chamava a atenção das pessoas para a opulência desta cidade e conclamava a todos para o despertar da prosperidade. O cotidiano dos caxienses teve significativas mudanças decorrentes da nova visão de modernização que trouxe as linhas de telégrafos, mais de 4 cinemas, lojas automobilísticas, implantação de passes para estudantes na estação, na criação da Companhia de Luz elétrica, etc. O grande fetiche estava no desenvolvimento e no surgimento de novos hábitos modernos e civilizatórios adquiridos pelos caxienses com a chegada dos trilhos.

Esta informação mostra a importância da ligação de Caxias com o Estado do Piauí, pois a cidade transforma-se em um florescente entreposto de compra e venda de produtos agrícolas, principalmente arroz e algodão, de acentuada participação na economia maranhense dos séculos XVIII e XIX, transformando-a em empório comercial e atraindo comerciantes vindos de outras regiões do país e até do exterior. Nesse sentido, a cidade se mostra antenada com as informações que circulavam diariamente em jornais que mostravam o movimento constante das notícias.

Através das construções edificadas, junto estava sendo representados os significados, os sentidos, a história e a memória dessa sociedade, que vinculada a seu tempo, sedimentava, na memória das futuras gerações, o refúgio de suas identidades. O patrimônio arquitetônico se enriquece, então, continuamente, com novos tesouros que não param de ser valorizados e explorados pelos seus habitantes.

Assim, o patrimônio cultural de cada época e sua preservação depende dos acordos entre a comunidade e o poder público. A valorização do patrimônio cultural se dá pelo fato de representar a memória dos grupos sociais, pois, sendo palco de experiências individuais e coletivas, as pessoas, ao lembrarem dos fatos ocorridos, sentem-se pertencentes ao mesmo espaço, assumindo, assim, uma identidade coletiva. Por isso, a herança cultural de Caxias está presente no patrimônio edificado, constituindo-se este em “lugar de memória”.

Mesmo ainda sendo considerada uma temática recente no Brasil, o órgão governamental que cuida do Patrimônio é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional – IPHAN, nascido como secretaria durante o governo de Getúlio Vargas – SPHAN. Segundo Fonseca (2008), no Brasil a partir da década de 1930, o anteprojeto para criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN), elaborado por Mário de Andrade, assinalava “que o patrimônio cultural da nação compreendia muitos outros bens além dos monumentos e obras de arte”.

Dessa forma, entendia-se que “o patrimônio cultural brasileiro não devia se restringir aos grandes monumentos, aos testemunhos da história oficial, em que, sobretudo as elites se reconhecem, mas devia incluir também manifestações culturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira, as classes populares em geral”, assim como também de apreender a especificidade e a dinâmica social, o campo simbólico de sentidos e significados no qual os bens e as práticas culturais estão inseridos.

O IPHAN toma de empréstimo a discussão para a implementação de uma política de patrimônio cultural que pode ser classificado de diversas formas: patrimônio material, imaterial, ambiental ou natural. Segundo Fonseca, a Constituição Brasileira de 1988, além de oficializar a responsabilidade do Estado, em seu artigo 216, considera como patrimônio cultural:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Constituição Republicana Federal do Brasil, 1988).

A contribuição da Constituição de 1988 foi a ampliação do conceito de patrimônio, pois incluiu os bens de natureza referente “[...] à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Estão sendo desenvolvidos trabalhos de conservação, proteção e valorização de sítios arqueológicos, conjunto de comunidades, do patrimônio de natureza material e imaterial em parcerias com comunidades locais, universidades, governos, iniciativas privadas e pessoas interessadas na preservação dos bens culturais.

A preservação dos bens culturais, é uma preocupação atual, tendo em vista que estamos procurando compreender o objeto em questão, direcionamo-nos com base no referencial teórica da História Cultural que segundo Chartier,

É importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representações das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo e de um espaço (CHARTIER, 1990, p. 17).

Mas o pesquisador interessado em efetuar esse deslocamento enfrentará, necessariamente, os desafios diuturnos daqueles que se aventuram a seguir caminhos pouco trilhados, tendo que se haver com as dificuldades teórico-metodológicas de tomar os bens culturais como objeto e fonte de pesquisa. Eles constituem bons exemplos da fertilidade do estudo da Educação patrimonial nas escolas a partir da sala de aula para a ampliação do conhecimento histórico.

A escola se apresenta com um lugar de referência para as cidades e passa a ser tomada como modelo a ser respeitado. Por outro lado, são instituições vivas, caracterizadas por uma série de relações, dos elementos envolvidos direta ou indiretamente em sua dinâmica.

A Educação Patrimonial aplicada ao ensino de História viabiliza a formação de indivíduos capazes de conhecer a sua própria história cultural. Ao trabalharmos questões referentes ao patrimônio no ambiente escolar, estamos oferecendo subsídios para a construção do conhecimento e da valorização e preservação desses bens culturais, sejam eles materiais, imateriais, naturais ou construídos.

Estudar o espaço da escola é pertinente para podermos encontrar indícios que nos permitem reconhecer as práticas escolares que foram desenvolvidas no passado, que se desenvolvem no presente e prospectar o futuro principalmente através da educação patrimonial, possibilitando o trabalho do professor de História uma melhor aproximação com a temática durante as aulas.

Todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir conseqüente. Portanto, qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes, mesmo que seja para usá-lo como exemplo crítico de uma realidade que deveria ser outra.

A escola, a partir da participação ativa dos professores, monitores, coordenadores e estudantes, pode oferecer oportunidades de reflexão e aprofundamento do conhecimento partindo do contexto sócio-cultural e ambiental de seu entorno. Ali

estão nossas raízes – nossas referências culturais mais próximas. É a partir delas que podemos propor reflexões sobre o que esse patrimônio representa ou pode vir a representar.

Atividades de Educação Patrimonial são raras dentro das escolas, por muitos motivos, dentre eles, o desconhecimento em relação ao conceito de cultura, pela jornada de trabalho excessiva, uma vez que o professor leciona em mais de uma escola e por não conhecer ainda a metodologia da Educação Patrimonial e por decorrência que não consta nos componentes curriculares, na qual é aplicada em muitos caso de forma pontuada em alguns Estados, espalhados pelo país, o que dificulta sua aplicação. Portanto, no capítulo a seguir será discutido a possibilidade de sua utilização na prática escolar e em ações pedagógicas e seu possíveis desafios de efetivação.

3. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: INVESTIGAÇÃO E DESAFIOS

Neste capítulo, faz-se necessário uma breve síntese da metodologia da Educação patrimonial, como se constitui como possibilidade para a prática social no processo de reconhecimento dos bens e sua relação da Educação patrimonial com preservação do patrimônio. Para tanto, trabalharemos o seu conceito e suas perspectivas.

3.1. Conceito de Educação Patrimonial

A Educação Patrimonial é um tema bastante atual, na qual está permeando discussões em universidades, escolas e espaços não escolares. Nesse momento, faz-se necessário definir a Educação patrimonial, na qual se constitui uma prática educativa social que visa à organização de estudos e atividades pedagógicas interdisciplinar, com o objetivo de,

Interagir com diversas áreas do conhecimento visando à análise dos bens culturais que implica explicações múltiplas sobre o sentido do passado, e da memória, associados à política e à educação ambiental, ao direito e ao desenvolvimento tecnológico, industrial e social. (PELEGRINI, 2009, p. 36).

A expressão Educação Patrimonial vem da tradução de *Heritage Education* – expressão inglesa -, que surge no Brasil em 1983 em meio a importantes discussões da necessidade de se aprofundar o conhecimento e a preservação do Patrimônio Histórico-Cultural. O princípio básico da Educação Patrimonial,

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, 1999, p. 05).

Anos mais tarde, com a nova regulamentação dos sistemas educativos no Brasil, resultante da criação de nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, e da adoção dos Parâmetros Curriculares Nacionais a partir de 1997, que atenderam transformações processadas na sociedade brasileira (BITTENCOURT, 1992, p. 134). Os PCN's contemplam a valorização do patrimônio sociocultural e o respeito à diversidade,

reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos como elemento de fortalecimento da democracia (PCN's, 1997, p.33).

A Educação Patrimonial nada mais é do que uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural. Compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do Patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema.

O presente trabalho trata da compreensão das práticas escolares resultantes do estudo do patrimônio cultural e de sua preservação. Ao confrontar as fontes e abordagens de pesquisa, os estudos tentam decifrar como nos espaços escolares foram instituídas as práticas discursivas, modos de organização pedagógica, consolidação de métodos de ensino, constituição de sujeitos e práticas, aspirações de modernização educacional e significados simbólicos. Os objetos escolares como portadores de mensagens, vestígios da circulação de ideias pedagógicas, indicadores e práticas.

Qual a relação da Educação patrimonial com preservação do patrimônio local? Primeiramente nos reportamos ao Patrimônio Histórico, que, segundo Françoise Choay, o patrimônio histórico é uma parte do patrimônio cultural. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se agregam por seu passado comum:

É, então, uma estratégia por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em "patrimônio". Transformar objetos e estruturas arquitetônicas em patrimônio cultural significa atribuir-lhes uma função de "representação", que funda a memória e a identidade (CHOAY, 2001).

Nesta perspectiva, a Educação Patrimonial pode ser aplicada ao estudo da história local como objeto de análise acerca de que tem sido indicado para o ensino por possibilitar a compreensão do aluno, identificando o passado nos vários espaços de convivência, "a escola", casa, comunidade, trabalho, lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos do presente (BITTENCOURT, 2009, p.168). Cabe referenciar o que diz os PCNs sobre história local,

A preocupação com os estudos de história local é a de os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para a compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença d outros tempos no seu dia a dia (PCNs, 1997 p.40).

Assim, com a forma de abordagem da História Local no espaço da sala da aula, o professor pode despertar no aluno uma consciência crítica, podendo também promover o gosto pela pesquisa explorando as diferentes fontes assim como a memória. A construção de uma proposta de ensino de História Local voltada para à divulgação do acervo cultural dos municípios e Estados, bem como estudar a história local ou a história regional, que contribui para uma compreensão múltipla da História, pelo menos em dois sentidos: na possibilidade de ver mais de um eixo local e na possibilidade da análise de micro-histórias. Entre os objetivos do ensino de história local, destaca-se a importância do aluno conhecer e aprender a valorizar “o patrimônio histórico da sua localidade, de seu país e do mundo”.

Uma contradição se impõe, a sociedade pós-moderna está cada vez mais em processo de aceleração por conta da globalização, em que as pressões se manifestam em todos os meios da sociedade, ao mesmo tempo que absorve e transforma as ideias circulantes nos meios de comunicação globais cada vez mais rápidos, juntamente com a aceleração da tecnologia, que criou, de certa forma, uma lacuna entre o passado e presente tornando as pessoas indivíduos fragmentados, pois Hobsbawm os jovens de hoje crescem sem ter nenhuma relação com o passado. O historiador Eric (1995), chama a atenção, ao afirmar que esta é uma sociedade presenteísta, sendo nela predominante a marca do esquecimento, ao fazer uso de objetos culturais e do tempo como algo extremamente descartável. As pessoas, segundo ele, vivem numa espécie de eterno presentismo,

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo sem qualquer relação com orgânica o com o passado público da época em que vivem. (HOBSBAWM, 1995, p.13).

Na afirmação Hobsbawn a função do historiador é lembrar o que os outros esqueceram, assim a história tornou a estudar nas últimas décadas, com o desenvolvimento de novos campos de investigação, sobre temas de grupos sociais, vidas

peçoais, de forma a penetrar no cotidiano de cada grupo em sua época. Segundo Le Goff (1990, p.09), “o interesse do passado está em esclarecer o presente, o passado é atingido a partir do presente”. Assim, observamos que a partir dos olhos do presente e das memórias existentes que vamos repensando e revendo o passado, entendendo o porquê dos acontecimentos terem se tornado como são. Porém, se não for preservada, a memória vai ser deixada de lado e conseqüentemente esquecida. É justamente através da memória que atribuímos significado ao passado.

Em Caxias existem pessoas interessadas em salvaguardar ainda o que resta da memória. A exemplo, tem-se o Instituto Histórico Geográfico, que guarda parte uma pequena parte do acervo da Estrada de Ferro; O Museu da Balaiada, que funciona como uma espécie de museu escola, direcionando e contando a história da Balaiada; a Academia Caxiense de Letras, onde podemos encontrar vários exemplares de livros de escritores caxienses disponíveis à pesquisa; as Ruínas do Quartel de Fidié, local de batalha durante a Guerra da Balaiada. Assim, identificando que é pela memória que se tem a base da identidade,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno o presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993)

De um modo em geral, a pouca valorização do Patrimônio Cultural, ao mesmo tempo em que ainda é carente se dá pelo desconhecimento, pela falta de preocupação em manter algo que é considerado velho possa servir como significado e de representação de um dado momento do passado.

Dentre as grandes iniciativas propostas pelo IPHAN, em colaborar com a preservação dos bens culturais da sociedade, estão a elaboração de atividades e registros e da valoração do Patrimônio Cultural. Para tanto, preparou-se um Guia Básico de Educação Patrimonial escrito por Maria de Lourdes Parreiras Horta contendo propostas para o desenvolvimento de ações que auxiliem e contribuam para o (re)conhecimento das pessoas no referente às questões do Patrimônio cultural.

Segundo a autora, qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico

urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, resultante da relação entre os indivíduos e seu meio ambiente.

Horta acrescenta ainda, (1999, p.7), o patrimônio vivo está representado nos artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias e fabricar objetos de uso, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e de falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, as canções, as histórias e lendas contadas de geração a geração, com os quais revelam múltiplos aspectos da cultura viva de uma comunidade.

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição e o uso de conceitos e habilidades, na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. O uso dessa metodologia leva aquisição de novas habilidades e conceitos,

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. (HORTA, 2004, p. 03)

Como aproximar o aluno de sua própria história ou da história de sua cidade? Ao pensarmos a História como uma disciplina dinâmica, o ensino de História também é dinâmico à medida que traz para a sala de aulas discussões desse nível relacionada com temáticas atuais para a construção de novos saberes, resultando no estímulo à interação, a socialização e principalmente que o mesmo se perceba como um ser social e valorize seu ambiente e suas experiências. Para Jaim e Pinski e Carla Pinski, despertar no aluno o sentimento de pertencimento ao mundo em que vive é imprescindível, pois cada estudante precisa se perceber de fato como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos. (PINSKI, 2010, p.21)

Para os autores, esse trabalho deve começar na sala de aula, por ser teoricamente um espaço de aprendizagem, de sociabilidades e vivência dos indivíduos dentro e fora do ambiente escolar. Por isso, a (re)elaboração do passado e a consequente reconstrução da memória, como fatores importantes para a composição do presente, exigem o resgate de elementos que darão formas ao espaço vivido e vivenciado, cujos elementos se apresentam como objetos de identificação de uma sociedade, de uma

cultura. É desta forma que os sentidos e os significados adquirem importância, pois com isso novas identidades são, constantemente, afirmadas e reivindicadas.

Segundo Bittencourt (2004, pág.106). “A escola não é apenas o lugar” onde os alunos são alfabetizados ou obtém informações de maneira sistematizada pelas disciplinas escolares, mas também a instituição em que se aprendem conteúdos sociais e culturais associados a comportamentos, valores e ideários políticos. Esse conjunto de saberes são, conteúdos escolares, que exigem, portanto, uma integração nos programas e nos planos escolares e devem ser igualmente planejados e avaliados .

Ao pensar na conscientização dos sujeitos sobre os valores culturais e identitários provenientes das escolas, como lugares socialmente produzidos e ao mesmo tempo privilegiados pelo acúmulo de experiência humana e de vestígios da culturais, resultante da permanente apropriação das “coisas” e objetos do passado, fazem deles “lugares de memória”. Novamente, busco em Nora (1993) compreender estes lugares que, segundo ele, são lugares de memória, se constituem a partir da compreensão de que a memória estaria se perdendo. A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 7). À medida que os prédios de Caxias estão sendo descaracterizados, é uma parte da memória que está desaparecendo, tornando-a ininteligível.

A realização de práticas culturais são fundamentais para a compreensão de que a memória é em parte lembrança, em parte invenção consciente é uma construção com “pedaços” de lembranças que podem produzir uma memória coletiva, por isso, deve ser preservada.

Assim, é (re)conhecendo a identidade cultural que se passa a valorizar e preservar aquilo que é seu, ou seja, despertar o sentimento de pertencimento do lugar. Se a História é construída a partir das experiências do passado e do presente, a escola tem a função de trabalhar com os alunos o conhecimento socialmente produzido na perspectiva da reconstrução e ressignificação desse passado.

Vendo Caxias do Morro do Alecrim com seus casarões que embelezam a cidade ao fundo do vale. Erguem suas casas e suas praças, alinha a sinuosidade de suas ruas,

erguida pelos seus monumentos. Igrejas e sobrados, becos e travessas transformam-se com a força do tempo e do homem. Espaços bloqueados pelas suas irrupções. Parafraçando Certeau (1998) Caxias, assim como Nova Iorque, nunca aprendeu a arte de envelhecer. Seu presente se inventa, hora a hora, no ato de desafiar o futuro.

A destruição ou a alteração das edificações são resultados de determinadas conjunturas econômicas, culturais ou políticas. Por isso mesmo podemos dizer que os bens arquitetônicos constituem-se em elementos privilegiados para a formação do patrimônio cultural de uma cidade. O desinteresse, ou falta de conhecimento, de alguns proprietários(as) em conservar seus imóveis, que possuem valor histórico e cultural para a cidade, leva à destruição dos mesmos.

No ano de 1986, chegou a Caxias uma equipe do Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão - Dphap-MA, composta pelos arquitetos Carlos Frederico Lago Burnett e Margareth Figueiredo e da bibliotecária Marilúcia Basileu Bandeira, para assessoramento, pesquisas e palestras sobre o patrimônio histórico e arquitetônico de Caxias. Após minuciosa pesquisa sobre o patrimônio cultural de Caxias, o Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Benedito Bogéa Buzar, determina,

- Aprovar o pedido de tombamento, elaborado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão, constante do processo nº 0834/90, referente ao Centro Histórico de Caxias/Maranhão.

Art. 2º - Recomendar que o tombamento solicitado seja precedido das exigências contidas nos Arts. 2º e 4º e/ou 7º, da Lei nº 3.999, de 05 de dezembro de 1987 (Arquivo do DPHAP-MA, 1990).

Com essa medida, iniciou-se o processo de tombamento do centro histórico de Caxias, decretado em 1990. Em nota à comunidade caxiense, foi explicado o porquê da necessidade de proceder tal medida,

Pela homogeneidade de seu conjunto urbano, sua presença na história maranhense a produção cultural de seus filhos ilustres, como Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos. Tal fato colocará o imenso acervo cultural de Caxias sob a proteção do Estado, representando garantia de perenidade para seu valioso patrimônio histórico, artístico e paisagístico, propriedade de toda comunidade caxiense. Porém, tudo de valor exige cuidado; uma cidade histórica e seus ambientes naturais também necessitam de atenção, tanto de seus administradores como daqueles que ali habitam. Só assim torna-se possível a preservação de tantas e tão frágeis preciosidades, como o espaço de uma praça, o brilho dos azulejos, a técnica de pau a pique, a cor de uma Igreja (Arquivo do DPHAP-MA, 1990).

A construção de identidades para a cidade de Caxias, a partir do patrimônio cultural, tem no patrimônio edificado instrumento privilegiado. Para que se possa compreender como ocorre esse processo, esboçamos o cenário em que se configura a imagem de uma cidade cultural à Caxias, em que se toma como ponto de partida o processo de colonização no Maranhão feito pelos portugueses (ALMEIDA, 2008).

A modernidade diferente das sociedades tradicionais que veneram e transmitem o passado a cada geração caracterizam-se pela mudança e deslocamentos. Para Hall (2002,) a partir da Globalização, a interferência se multiplica na conceitualização da identidade cultural, colocando-os, como sugere o autor, num jogo pela busca de identidades, onde situações contraditórias são encontradas, e se cruzam mutuamente.

Uma cidade composta de lugares e monumentos, de inúmeras histórias possui um caráter universal, que para o espectador pode ser uma constante explosão na dinâmica das ruas, no movimento dos sujeitos, nas construções e desenvolvimento. Nessa perspectiva, a cidade se revela como um lugar de memórias que ainda resiste ao tempo, as quais precisam ser historiadas, relidas e reconfiguradas pelos sujeitos. Ao recorrer à memória e às digressões de uma cidade, lembro-me novamente de Certeau (1998), a memória fica à espreita, escondida nas sombras das práticas cotidianas, que a aciona como força de intervenção. Segundo o autor, a memória se constrói no encontro com os acontecimentos, em seu instante ainda virtual, quase pronto para realizar-se.

A cidade é, sobretudo, uma *materialidade* erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. (PESAVENTO, 2007).

Assim, a memória consiste num meio de transformar os lugares. “A memória vive e crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (CERTEAU, 1998, p. 163). Dessa forma, vejo Caxias do oitocentos, com seus casarões imponentes, suas ruas estreitas e fachadas sedentas de serem admiradas, estudadas. Ao perceber essa cidade dos tempos modernos, volto a Certeau (1998,), o ato de contar resgata a memória para infinitos encontros que se realizam nas histórias. Por isso, o dizer, o contar é uma arte do fazer, de produzir e de transformar uma realidade que existe em função do que outrora foi dito.

Na descrição de Pesavento (2007), a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo. A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do “habitar”, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do “humano: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais”.

A imagem que associa a cidade à modernidade e ao progresso é reforçada com a implantação das fábricas no final do século XIX em importantes núcleos urbanos, como Caxias e Codó, onde os grandes fazendeiros e comerciantes [...] “desiludidos com a lavoura, quiseram substituí-la como elemento básico da nossa economia, pela indústria têxtil”.

O destaque foi gerado com a produção em escala do algodão e no final do século XIX, com a implantação das indústrias têxteis, atingindo seu auge em meados do século XX, período em que Caxias teve seu ritmo acelerado com a urbanização, sobretudo pela presença da ferrovia, um elemento que, nos diversos lugares em que chegava, transformava-os em espaços de relações capitalistas, de forma que seus modos de vida, usos, costumes, formas de pensar, ver e agir, interpelados pelos padrões burgueses europeus”. Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, a ferrovia tornou-se o “espetáculo-síntese do capitalismo industrial” (LIMA, 1981, p. 20). Muitos fatores colaboraram para isso, a começar pelo ingresso da cidade de Caxias no itinerário da Estrada de Ferro que ligava Caxias à Timon, divisa com Teresina, que possibilitou a formação de novos costumes citadinos marcados pela presença do símbolo do desenvolvimento capitalista, bem como a imagem de ligação direta tanto com a capital maranhense (São Luís), que iniciou sua construção no final do século XIX, quanto a capital do Piauí (Teresina).

Segundo Queiroz (2004, p. 23), “[...] nessa época, as ferrovias costumavam ser saudadas como privilegiados portadores do ‘progresso’, meios quase mágicos pelos quais a ‘civilização’ seria levada até os mais diversos ‘sertões’ [...]”. Mas a ferrovia não trouxe somente os trilhos do progresso, trouxe ideias conectadas com outros lugares em Caxias circulavam diariamente jornais locais que atentavam para esses vestígios de cidade

moderna, a criação de vários empreendimentos deu um novo ar não mais de cidade interiorana, e sim tecendo ares de cidade grande.

Os discursos de progresso e modernidade permearam as páginas dos jornais locais. Anúncios dos mais diversos modos de vida dos caxienses. Em Caxias, havia a circulação de notícias de imóveis, remédios contra lepra, telégrafos. Tinha também os mais variados anúncios de lojas de roupas, revendedoras de automóveis, chegadas de pessoas ilustres no trem, alimentos, bebidas, anúncios profissionais, cabeleireiro, costureiros, perfumarias, e artigos de luxo que vinham tanto da Europa, quanto dos Estados Unidos. Os anúncios mostravam uma cidade moderna, movimentada que enchia a elite caxiense de orgulho por estar contribuindo para o desenvolvimento da cidade.

É importante observar que muitas são as ações desenvolvidas em favor da preservação de patrimônio, entretanto, torna-se fundamental entender e reconhecer que o patrimônio é muito mais do que uma edificação e/ou um fato histórico. Atualmente, pensar o patrimônio é reconhecer as mudanças na conceituação do termo, que passa de patrimônio histórico para patrimônio cultural e direciona as ações de preservação considerando não só o edificado, mas também os saberes, os fazeres, as manifestações de um lugar.

A ruptura dessa visão aparece com a elaboração da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da UNESCO, publicada em 2003, definiu, em seu Artigo 2º, patrimônio cultural imaterial como,

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana” (UNESCO, 2003, art. 2º)

É pertinente adentrar nessa problemática abrindo a discussão sobre o conceito de patrimônio histórico, que ao longo dos últimos anos vem sendo ressignificado, adquirindo novas dimensões e conotações. Françoise Choay (2001) discorre sobre a intensificação da prática patrimonial. Esta intensificação culminou com um alargamento da noção de patrimônio histórico, que passaria a atingir novas categorias de edifícios, além de

conjuntos urbanos e do chamado patrimônio imaterial. O atual conceito de patrimônio histórico estaria, portanto, subdividido em duas categorias.

O patrimônio material, voltado para os testemunhos físicos do passado; e o patrimônio imaterial, voltado para os testemunhos do passado cuja importância não estaria na dimensão física, mas nos saberes, tradições orais, modos de fazer, ritos, entre outros. Para Gonçalves (2009), a proposta de estudar o patrimônio imaterial existe no sentido de registrar essas práticas e representações e acompanhá-las para verificar sua permanência e transformações.

O “patrimônio cultural imaterial”, assim definido, se manifesta em particular, segundo essa mesma Convenção, nos seguintes campos: as tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; expressões artísticas; práticas sociais; conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; técnicas artesanais tradicionais, rituais e atos festivos.

Segundo Fonseca (2008), no Brasil a partir da década de 1930, o anteprojeto para criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN) elaborado por Mário de Andrade assinalava “que o patrimônio cultural da nação compreendia muitos outros bens além dos monumentos e obras de arte”.

Dessa forma, entendia-se que “o patrimônio cultural brasileiro não devia se restringir aos grandes monumentos, aos testemunhos da história oficial, em que, sobretudo as elites se reconhecem, mas devia incluir também manifestações culturais representativas para os outros grupos que compõem a sociedade brasileira, as classes populares em geral”, assim como também de apreender a especificidade e a dinâmica social, o campo simbólico de sentidos e significados no qual os bens e as práticas culturais estão inseridos.

O processo educativo, em qualquer área de ensino/aprendizagem, tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para a aquisição e o uso de conceitos e habilidades, na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. O uso leva à aquisição de novas habilidades e conceitos, como insiste,

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na “necessidade do passado”, para compreendermos melhor o “presente” e projetarmos o “futuro”.(HORTA, 1999, p. 03).

O estudo dos remanescentes do passado motiva-nos a compreender e avaliar o modo de vida e os problemas enfrentados pelos que nos antecederam, as soluções que encontraram para enfrentar esses problemas e desafios, e a compará-las com as soluções que encontramos para os mesmos problemas (moradia, saneamento, abastecimento de água, etc). Podemos facilmente comparar essas soluções, discutir as causas e origens dos problemas identificados e projetar as soluções ideais para o futuro, um exercício de consciência crítica e de cidadania através do olhar.

É saber notório que o Patrimônio Cultural, entendido como todos os bens de natureza material e imaterial, portador de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da nossa realidade, é um promissor instrumento pedagógico ao exercício da cidadania - uma das finalidades do nosso programa educacional.

Diante do processo de modernização das cidades, percebemos a constante desvalorização e desconhecimento com relação ao patrimônio cultural. Desse modo, a experiência no curso de História nos fez refletir sobre a necessidade de investimento na área de Educação para a valorização desses bens culturais. Dessa maneira, começamos a pesquisar sobre a metodologia da Educação Patrimonial no contexto escolar, a fim de podermos despertar o sentimento de pertença aos estudante para que eles possam olhar na perspectiva de futuramente estarem aptos a preservar as Histórias de Caxias bem como preservá-las.

Ao desenvolver a pesquisa, podemos considerar que esse tipo de ação educativa utiliza os bens culturais como fonte primária do conhecimento, gerando um diálogo permanente entre os indivíduos e os patrimônios culturais. Portanto, suscitando um grau de pertencimento, fazendo com que o indivíduo adquira o hábito de valorizar e preservar o patrimônio cultural.

3.2. Patrimônio Histórico e cultural em Caxias: o Centro Histórico como laboratório de Educação Patrimonial

O desafio deste capítulo é discutir em qual contexto é constituído, a noção de patrimônio histórico cultural no município, os usos sociais do patrimônio e memória do passado e como a noção de Centro Histórico foi acontecendo através do discurso identitário, bem como discutir de que forma o patrimônio pode ser percebido como uma fonte patrimonial, possível de ser trabalhada através da metodologia da educação patrimonial.

Em Caxias, foi criado um discurso identitário, na passagem do século XIX para o XX, relacionado à industrialização. Esse discurso se manifesta na representação simbólica de uma cidade idealizada por poetas e também pelas elites locais e intelectuais, baseadas na euforia fabril e conseqüentemente progressista, fruto da constatação de que no século XIX, o mundo definitivamente se tornaria capitalista com a economia industrial vigente.

Esse turbilhão de ventos do progresso, como se refere Pessoa (2009, p. 22), “ainda se confunde com a dicotomia entre passado e presente”, representada na fala recorrente dos caxienses como a cidade do “já teve”. Um lugar que adquire características modernas, se destaca no período industrial através das expressões cunhadas pela imprensa local, como “a *Belle époque*” e “a Manchester Maranhense”, segundo Pessoa (2009, pág. 48),

Caxias: A Manchester Maranhense”. Foi dessa forma que um articulista do *Jornal o Comércio* de Caxias nomeou ao momento histórico que aquela cidade estava vivenciando no final do século XIX. [...] Caxias reflorescia. Não como outrora, embasada em estruturas econômicas tradicionais, mas assim como a Manchester inglesa, nos novos ventos do progresso.

Quanto a expressão “*Belle époque*”, baseada no modelo francês, tomo de empréstimo a fala de Souza (2016), quando explica que essa expressão tem uma face cultural surgida após o esgotamento do signo industrial. Para ele, “é através de uma artimanha discursiva, a cultura local passa a manufaturar uma representação do tempo não mais linear, progressista, mas de um ‘tempo cristal’”. Esse tempo, segundo ele, surge orientado pelo conceito de “imagem cristal”, elaborado por Deleuze, que simboliza “o menor lugar”, ou seja, é o passado contemporâneo e virtual, em que o passado e o presente se espelham. (SOUZA, p. 30).

Nesse sentido, os ecos de cidade moderna criadas pelos poetas e elites, ainda ressoam como a “Princesa do sertão”, a terra das Palmeiras. Um passado cristalizado, inerte num tempo que não existe mais, que se processa corriqueiramente nas falas e escritas dos caxienses.

Voltando ao assunto sobre a construção de um cenário urbano, moderno no período, com as edificações arquitetônicas características do momento na qual a cidade estava passando. Esse cenário urbano começa a receber muitos empreendimentos, dentre eles a construção das fábricas têxteis, estrada de ferro, casarões imponentes para abrigar a

elite industrial, ruas e praças para os passeios, salões, cinema para as diversões cotidianas.

Vemos um nítido projeto da elite sendo desenvolvido para manter o status de cidade importante no século XIX, que merecia estar no cenário nacional, num primeiro momento visto como loucura, mas por outro lado, passou a ser vista não somente na dimensão física, mas como um cenário múltiplo de uma cidade que toma conta de seus habitantes na construção do seu cotidiano, na sua necessidade de inventar e (re)inventar práticas. (PESSOA, 2009, p. 46). Esse ressurgimento da cidade descrita acima conectava-se aos tempos modernos através de um processo de modernização que alterava significativamente a visão de seu espaço urbano,

Forma criadas mais três fábricas de tecido, uma companhia Industrial Agrícola e uma de bondes, uma Companhia para Navegação do alto do Itapecuru, Usina Agrícola Caxiense, Companhia para a exploração de linha de telégrafo e de telefone e uma companhia das Águas. (PESSOA, 2009, pág.56).

Voltando um pouco mais no tempo para lembrarmos ainda, as construções eclesiásticas construídas a partir do século XVIII como as igrejas que dominam o cenário urbano, assim como o Palácio Episcopal produzindo um passado baseado na memória da Igreja com o intuito de expressar a forte presença do catolicismo no município, qual ainda possuía um calendário religioso frequente onde eram comemorados os festejos de São Francisco Santos Antônio e São Benedito, São José.

Este contraste da cidade velha se confunde com a nova, num entrelaçar de passado com presente no desafio de defender um passado e marcar a construção de uma memória local. Percebemos isso nas palavras saudosistas da escritora Letícia Mesquita no livro Memórias de Caxias, cada rua, sua História (1991, p. 07). Para ela,

Caxias, que em outros tempos foi empório do comércio maranhense, Piauí, Goiás e Mato Grosso, o foco luminoso para onde bem cedo se convergia a gana dos aventureiros de toda a sorte, já teve o seu apogeu de grandezas e honrarias, composta quase toda de negociantes ricos e grandes lavradores europeus.

Assim, reproduz-se o passado de uma Caxias oitocentista, ao mesmo tempo em que a velha e nova vão se configurando com padrões modernos, que aos poucos vai substituindo a imagem de cidade provinciana numa cidade modelo, preservando os costumes da elite europeia, tanto na fala, quanto na literatura, na cultura, nos gostos finos e requintados e nas práticas de lazer e de consumo. Falar da Europa e, em especial, da Inglaterra e da França era comum nas rodas caxienses, Pessoa (2009, pág. 118),

acrescenta: “em Caxias, o desejo de expressar a posição social e o requinte que a envolvia era manifesto nos mais diversos eventos sociais: solenidades cívicas, inaugurações, festas religiosas, exposições teatrais e saraus”.

O discurso identitário através da cultura marcou a presença dos poetas, escritores e historiadores como Gonçalves Dias, Coelho Neto, Teixeira Mendes, Vespasiano Ramos que até os dias atuais aparecem como forma de manter o passado glorioso da cidade, a construção escrita desse lugar, notamos no borbulhar desse fragmento,

De posição cultural significativa, Caxias é mencionada em jornais e livros por seus poetas, historiadores, escritores, etc, testemunho vivo da história maranhense; ainda conserva um cenário de belos casarões coloniais, fachadas de azulejos, ruas estreitas e ruínas.

A destruição ou a alteração das edificações colonial e fabril são resultados de determinadas conjunturas econômicas, culturais ou políticas. Por isso mesmo, podemos dizer que os bens arquitetônicos constituem-se em elementos privilegiados para a formação do patrimônio cultural de uma cidade. O desinteresse, ou falta de conhecimento das gerações e de alguns proprietários(as) em conservar seus imóveis, que possuem valor histórico e cultural para a cidade, leva à destruição do mesmo.

É visível a destruição do patrimônio edificado de Caxias. O casario do Centro Histórico, que é parte do cartão postal da cidade, representa a memória desse lugar, e está cada vez mais sendo acelerado, pelo ritmo da História, que oscila de forma rápida trazendo uma problemática vigente de um passado morto, havendo uma mutilação sem retorno, que segundo Nora (1993, pág. 07),

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que possa colocar o problema de sua encarnação.

Apesar da aprovação da medida de tombamento, elaborado pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão em 1990, o Centro Histórico de Caxias está sendo descaracterizado com uma velocidade assustadora, na qual marca uma tensão entre quem deseja salvaguardar a memória da cidade e quem deseja expandir o setor imobiliário e comercial. O acervo patrimonial da cidade é representado, predominantemente, por suas edificações históricas: igrejas seculares, sobrados, casas azulejadas, fábricas têxteis, principalmente as casas do centro comercial. Por isso, os bens tombados podem ser considerados ao mesmo tempo objeto e espaço dessa relação, já que

são lugares de memória, como definiu Pierre Nora, em seu texto “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Para ele, “os lugares de memória” são, antes de tudo, restos, sobretudo,

Porque nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade que a sociedades modernas espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio. À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez prolífero devesse se tornar em não se sabe qual tribunal da história. (1993, p.13).

A noção de “lugares de memória”, construída por Nora, foi de grande relevância, pois procurou relacionar a memória com a história. Os “lugares de memória” surgiram nas sociedades ocidentais modernas como fragmentos de uma memória em franco desaparecimento. As sociedades ocidentais modernas seriam o resultado de uma mutilação sem retorno representada pelo fim das coletividades-memória, que eram as sociedades tradicionais, por excelência as sociedades camponesas, nas quais cada gesto cotidiano era vivido como uma repetição religiosa de atos extremamente significativos para a coletividade, onde havia uma identificação carnal do ato e do significado, com certo tom nostálgico. Estes lugares precisam ser compreendidos no sentido pleno do termo, do mais material e concreto, como os monumentos aos mortos e os Arquivos nacionais, ao mais abstrato e intelectualmente construídos, como a noção de linhagem, de geração, ou mesmo de região e de “homem-memória” (ABREU, 2005, p.40).

Não há em Caxias uma preocupação efetiva para com a preservação do patrimônio, nem a nível material, ou mesmo imaterial, assim como acontece em outras regiões do país como nas cidades históricas de Minas Gerais, de Goiás e Pernambuco entre outras, que tanto as autoridades como os cidadãos, além de se identificar com o patrimônio, tentam preservá-lo, como garantia de preservar o passado e, sobretudo sua História. Nas palavras de Arantes (1984, p.09), “o interesse pela ‘defesa do passado’, conjuga-se na visão dele, com a construção do ambiente (lugar, e território)”, onde se desenvolvem modos de vida direcionados muitas vezes contraditórios entre si.

Esse interesse na defesa de estruturas arquitetônicas, paisagens, recursos naturais decorrem sem dúvidas do desejo de manter laços com o passado, mas também é ideológica. O problema não está apenas em preservar ou não, mas determinar o que defender e como fazê-lo. Esse é o propósito deste trabalho que traz a discussão sobre de

que forma preservar o patrimônio de Caxias, antes que ele se torne apenas uma memória esquecida e sem significado para os caxienses.

Retornaremos a discussão sobre o Centro Histórico de Caxias percorrendo os lugares que fazem parte da área tombada em 1990, ao qual foi citado anteriormente, e identificaremos qual a relevância que tem esses lugares para a preservação da memória coletiva.

A cidade pensada, na visão das elites, é parte de um discurso carregado de simbolismos que mantém que mantém essa postura de cidade gloriosa, reafirmando o poder que essa cidade possuía outrora. O empoderamento desse discurso nos remete a um desafio de procurar nos vestígios desse passado, nas memórias e nos espaços, o significado e as afetividades construídos no entorno da cidade.

Propomos, a partir desse momento, dissertar sobre o Centro histórico de Caxias. No falar corriqueiro dos caxienses, o Centro histórico é chamado de “centro da cidade”, ou mesmo “centro”, muito comum para quem se dirige e transita pelo local, é recorrente as pessoas falarem vamos ao centro, porque ali representa um local onde acontece a dinâmica do município. Geograficamente, a cidade é um vale rodeado de morros. Do lado mais alto está o Morro do Alecrim, antigo morro das Tabocas, referência à guerra da Balaiada ocorrida no século XIX, as ruínas são uma representação do conflito entre balaios e as tropas portuguesas.

Todas as ruas levam ao centro, no qual existe um espaço de sociabilidade em todos os níveis, do comercial ao social, político e econômico, onde todos são atraídos para resolver seus compromissos. Um lugar que se entrelaça prédios modernos substituindo os antigos,

A percepção de centro histórico como tal começa, de fato, o reconhecimento de uma cidade moderna. É a partir do entendimento de que a cidade adquiriu novas características - em sua malha urbana estendida e em crescimento, em sua tipologia arquitetônica ou em suas práticas sociais e econômicas - que se torna possível a identificação de características da antiga cidade, dos espaços antigos dentro da nova cidade ou, melhor dizendo, dos centros históricos das cidades. (PICCINATO Apud FONSECA, 2008, p.12).

O centro é desenhado e ordenado por várias ruas longas e estreitas, uma característica marcante de cidade colonizada, por outro lado, descaracterizadas pela ordem do progresso, as ruas foram calçadas de pedra no século XIX, pela mão de obra escrava, a exemplo das ruas 1º de Agosto, que liga a Igreja da Catedral à Igreja da Matriz, como também a rua Afonso pena, que faz ligação pelo lado esquerdo com a Praça

Gonçalves Dias e pelo lado direito com a Igreja do Rosário dos Pretos, hoje existindo apenas as lembranças de quem passeou pelo calçamento das mesmas.

No Centro histórico estão as praças Gonçalves Dias, praça Cândido Mendes, conhecida como praça da Matriz, a praça Dias Carneiro, mais conhecida como Panteon, por existir dentro da mesma, uma reunião de bustos dos poetas Gonçalves Dias, Coelho Neto, Vespasiano Ramos e Dias Carneiro. Ainda existem clubes de festas, o Teatro Fênix em ruínas, casarões antigos que apresentam características predominantes do século XIX e do XX.

No entorno da praça existem prédios públicos como a Câmara e a Prefeitura Municipal, o Colégio das Irmãs Capuchinhas, a União Artística Caxiense, está ainda localizado o prédio mais imponente do local, o Centro de Cultura, que outrora foi a fábrica de tecido Companhia União Caxiense S/A, a Estrada de Ferro que cortava o estado até a capital do Piauí transportando passageiros e mercadorias. Esses logradouros são os mais citados em prosa, em poesias, em músicas reforçando o discurso identitário de cidade maravilhosa, de uma princesa que precisa a todo custo ser reverenciada,

O centro de uma cidade, o ponto central de sua vida social e das relações de troca, conjugam-se os problemas de controle das características do desenvolvimento urbano como um todo, problemas de dimensionamento do crescimento de grupos específicos de atividades, problemas de controle do custo de assentamento das diferentes atividades – incluindo em alguns casos a moradia -, problemas ligados ao uso do patrimônio histórico e artístico e problemas de controle rigoroso dos efeitos, no plano social, de todos os problemas citados. (FONSECA, 2008, p.16)

Escolhi estes lugares para caminhar com os alunos desde 2004, por representarem lugares de referência e características da herança cultural oitocentista e também do século XX, esta reflexão me impeliu a dar continuidade a minha inquietação de perceber que as pessoas não conheciam a História de Caxias e que eu poderia contribuir para o aprendizado dos alunos ao fazê-los conhecer o patrimônio da cidade, num esforço de contar ou recontar essa memória, aproximando os alunos de sua história, embora esse esforço seja entendido pela historiografia moderna como o lado do interesse utilitário da memória, ou seja, dessa memória entendida como reconstrução, apropriação e /ou manipulação do passado. Para Bresciani (2004), “nessa perspectiva, a memória é mesmo um entender o passado do que agir; impossibilidade, portanto de se cogitar uma memória desinteressada, voltada para um conhecimento puro e descompromissado com o passado”. A autora recorda que Bérghson é insistente ao afirmar que “a memória tem um

destino prático, realiza a síntese do passado e do presente, visando o futuro, contrai os momentos passados para deles ‘servir’ e para que isso se manifeste em ações interessadas” (2004, p. 53).

Nessa vertente “o centro histórico” se torna esse lugar de memória descrito por Nora (1993), “como um lugar rico de cultura e de herança, que os lugares de memórias nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar, etc”.

Nessa senda, tomamos o centro da cidade como fonte, primeiro por ser um espaço significativo descrito anteriormente e por ser uma fonte patrimonial, na qual a cidade se desenvolveu sob a influência europeia, religiosa e pela presença das elites nas construções edificadas, delineando um espaço carregado de sentidos, desde a sua formação representado na forma das ruas, nos becos, nas praças, no casario colonial, nos estabelecimentos comerciais antigos, aos quais se misturam com os modernos nesse frenesi da modernidade, que tem como consequência a descaracterização de outros. Assim, os sucessivos projetos políticos das elites políticas e econômicas locais convergiram no sentido de construção das estradas e pontes que interligassem a cidade à região. (LOPES, 2010, p. 87).

O processo de gestação do tombamento do Centro da cidade, hoje chamado Histórico de Caxias, se oficializou a partir do momento que o espaço foi sendo ressignificado através das “vozes do patrimônio”, uma metáfora significativa, construída na de Almeida (2010), quando explica que,

A sintaxe das vozes do patrimônio histórico cultural em Caxias se efetiva na década de 1980, momento em que o patrimônio edificado da cidade passa a ser alvo da atenção de intelectuais, pesquisadores/as, interessados/as em preservar o acervo arquitetônico da cidade, por reconhecer o valor e a importância desse conjunto para a sociedade. Esse grupo teve a frente Letícia Mesquita, Wibson Carvalho, Renato Meneses dentre outros/as envolvidos/as com a cultura local [...] os guardiões(ãs) da memória caxiense começam a discutir sobre a preservação do acervo arquitetônico de Caxias na perspectiva de que não se perdesse os exemplares significativos da arquitetura colonial, presente nesse centro, ocorrendo a primeira ação preservacionista na cidade. (ALMEIDA, 2010, pág. 160).

Para Almeida (2010), a delimitação do centro histórico e arquitetônico partiu do olhar histórico, ligado à construção dos bens móveis no século XIX. Após esse momento de euforia houve um movimento de descrição da cidade como uma espécie de produto a

ser vendido para alavancar o turismo, articulado pelos governos e por pessoas ligadas à cultura,

Paulatinamente impôs-se a questão de promoção da cidade como um produto com certo valor concorrencial e comunicacional em condição de concorrer com outros “centros históricos”, pelo mesmo mercado turístico: “*Visite São Luís, patrimônio cultural da humanidade!*”; “*São Luís, ilha de encantos*”; “*Visite o Centro histórico de São Luís, é um encanto em cada canto*” (NERIS; SILVA, 2014, pág. 326).

Notadamente, a descrição da cidade de São Luís, segundo Júlia Constança Pereira Camêlo no livro *Fachada da Inserção: a saga da civilidade em São Luís Maranhão* (2012), “é o fortalecimento de uma identidade cultural local, de inserção, único, singular e a produção de uma nova identidade de uma sociedade preservacionista”. O aparecimento dessas ações preservacionistas mudou a forma de exaltação do passado, uma vez que, modificando a noção de monumento isolado, para o entendimento de patrimônio como cultura, identificados em Caxias através das fachadas e casarões antigos, das ruas e praças do centro histórico.

O que estava ocorrendo com o centro histórico de Caxias era uma forma de imitação do que ocorria em São Luís, uma tentativa de construção de uma concepção de patrimônio interligado com outras categorias discursivas construídas na esfera econômica. Como forma de reforçar esse discurso desde a década de 1990, os gestores municipais veiculam encartes com fotografias do centro histórico, principalmente das edificações mais significativas e retratadas por muitos fotógrafos profissionais e amadores desde o século XX.

Nas figuras seguintes, o destaque são para os bens tomados individualmente. Muitos deles, de caráter monumental e paisagístico defendido por um discurso diretamente vinculado ao do turismo da cidade e de lazer urbano. Nos encartes há uma repetição das imagens desses bens, a afirmação através das frases “*Viva os encantos da Princesa dos Sertão*”, “*Princesa do Sertão Maranhense*”, “*Caxias, terra morena de Gonçalves Dias*”, confirmando o discurso de manutenção da imagem de cidade histórica, porém sem ações preservacionistas e de restauração. As imagens são para dar visibilidade a esse tempo. Na assertiva de Polack (1992, pág. 05), podemos, portanto, dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o

trabalho da própria memória em si, ou seja, cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização.

As figuras 01, 02, 03, registram diferentes momentos que os encartes forma produzidos. Em cada pleito municipal, cada administração lança um folder diferente como uma espécie de Guia turístico para exaltar o caráter histórico da cidade. Nos encartes indicam os logradouros públicos, mapas, hotéis, restaurantes, pizzarias para os visitantes conheçam os pontos turísticos da cidade. A ênfase maior dos encartes se concentra no Centro Histórico por representar o período colonial, percebido nos casarões, nas fachadas, nos arcos das casas, nas janelas, nas circunferências das ruas e sinuosidade das praças.

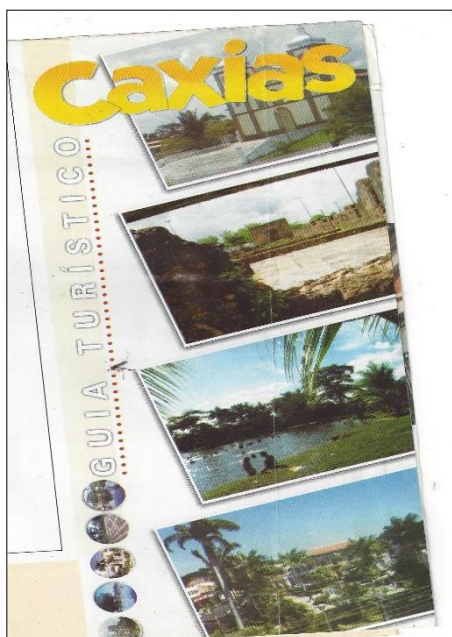


Fig. 01 Guia Turístico - Encarte 2001.

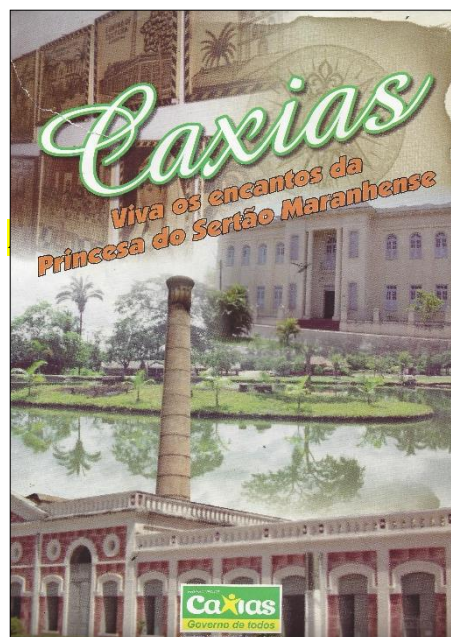


Fig. 02 Guia Turístico - Encarte 2005.
Fonte: acervo particular da autora

Na Figura 05, o folder de Comemoração de Caxias a elevação à categoria de Vila é percebida novamente nas imagens em referência às edificações coloniais do Centro Histórico, com o intuito de manter a memória do patrimônio em evidência.

No Brasil, somente a partir da década de 1940, as ações preservacionistas foram impulsionadas pela modernização das cidades, devido a implantação das indústrias, provocando o tombamento dos bens móveis e imóveis, considerado patrimônio das que estavam passando por transformações. Os tombamentos estavam vinculados aos interesses públicos principalmente no que diz respeito aos acontecimentos memoráveis e marcos da História do lugar. A exemplo, as Ruínas do Quartel da Balaiada localizadas no Morro do Alecrim em Caxias. Nesse local, as tropas portuguesas de José da Cunha Fidié e Luís Alves de Lima e Silva se instalaram como forma de vigiar e proteger a cidade contra os balaios.

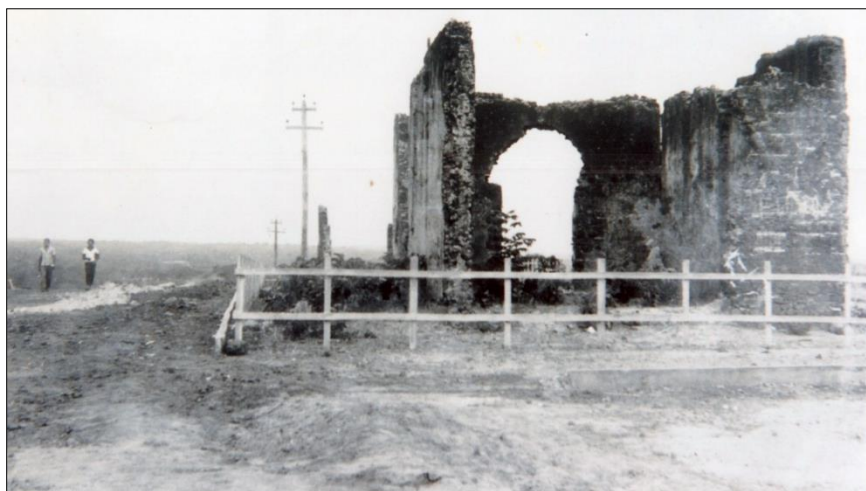


Fig. 06 - Ruínas do Quartel da Balaiada - 1970.

Fonte: autor desconhecido

No Maranhão, a preocupação do Governo do Estado com o processo de modernização realizou os primeiros trabalhos voltado para o centro Histórico na metade da década de 1960, esses trabalhos foram voltados para o aprofundamento do processo de tombamento. No que se refere, Nascimento sobre o Governo (2006, p. 86),

Na ocasião solicitou a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- UNESCO a contribuição de um especialista tendo sido enviado o arquiteto francês Michel Parent que elaborou um conjunto de orientações para a preservação e conservação do patrimônio ambiental de São Luís. Essas orientações estavam baseadas nos princípios internacionais de conservação (em especial nos moldes da carta de Veneza)², e apesar de não conseguirem efetivar-se no sentido de incluir São Luís na listagem do Patrimônio Mundial, conseguiu influenciar trabalhos preservacionistas locais.(NASCIMENTO, 2004, p. 86).

Como apontamos anteriormente em Caxias, a discussão sobre tombamento ocorre através de conversas de grupos de intelectuais da cidade, que solicitaram através de ofício ao Departamento do Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão-Dhap/MA para um análise da situação dos móveis históricos localizados no centro da cidade (Almeida, 2010, p. 161). Da mesma forma que ocorreu em São Luís, o tombamento do centro Histórico de Caxias se efetivou por conta do sentimento de pertença do lugar sustentado pelo desejo de preservar e guardar a memória coletiva. Arantes (1984) confirma esse pensamento descrevendo que,

O interesse pela defesa de estruturas arquitetônicas, paisagens, e recursos naturais, decorre sem dúvidas do desejo de manter laços de continuidade com o passado. Talvez o termo “construir” descreve melhor essa relação, já que esses bens são simplesmente legados de uma geração a outra. É verdade que parte elas chegam às gerações sucessivas como herança. Ao mesmo tempo, entretanto (se não) principalmente, a sua persistência no tempo resulta de ações e interpretações que partem do presente em direção ao passado. Nesse sentido, a assim chamada “preservação” deve ser pensada como o trabalho transformador e seletivo de reconstrução e destruição do passado, que é realizado no presente e nos termos do presente (ARANTES, 1984, p. 09).

Pelo viés do patrimônio as sociedades têm criado formas de representação de passado nas quais se justificam valores que se fundamentam nas relações sociais estabelecidas no presente; ele é um lugar de memória que permite compor imagens que sustentam identidades individuais e coletivas o que o torna um lugar de memória, mas também de esquecimento, de exclusão, de mudanças estabelecidas no cotidiano, por outro lado, possibilita aos sujeitos ver o passado como algo que não está morto, e sim investigá-lo de maneira que possam conhecer a sua própria história.

Nessa perspectiva que este trabalho se propõe a refletir sobre o Patrimônio de Caxias como um passado possível de se preservar, na qual esse refletir gira em torno da

² A Carta de Veneza foi elaborada em maio de 1964 reunidos em Veneza durante o II Congresso Internacional de Arquitetura e Técnicos dos Monumentos Históricos ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Escritórios, aprova o texto com 16 artigos, aos quais estão imbuídos de contribuir para o estudo e a salvaguarda do patrimônio monumental.

preocupação com os significados e os sentidos da História para os sujeitos contemporâneos. Novamente, tomamos de empréstimo a ideia de Rüsen (Cainelli, 2014, p.10) “refletir sobre ‘passados possíveis’ indica, em primeiro lugar, a necessidade de se conhecer caminhos possíveis para dar sentido ao passado”.

No quadro atual dos esquecimentos típicos do momento em que se vive, ou melhor, da síndrome do presentismo, carecemos de pensar na História e no ensino da mesma em sala de aula ou também fora dela, como uma forma de orientar os alunos diante da multiplicidade de questões relacionadas à formação do cidadão e do sujeito, e manter um diálogo epistemológico e metodológico para se compreender essas tensões ligadas às contradições dos tempos pós-modernos. Ao mesmo tempo buscando dar sentido às suas vivências. A disciplina de História assim problematizada poderá fornecer estas capacidades e valores, a par de uma narrativa inclusiva do passado que permita aprofundar a compreensão do presente. (BARCA, 2007, p. 06).

As carências de orientações práticas, segundo Rüsen (Cainelli, 2014, p. 11), resulta num “sentimento de urgência em tornar real o passado, e isso se dá por meio das heranças/memórias. E ressalta, o que dá sentido ao nosso passado é o que lembramos dele”.

Entretanto, isso não é uma operação simples, ao contrário requer um rigor teórico e trabalho sistemático. Nesses termos, seguiremos modelos interpretativos de elaboração de metodologias viáveis a realização do trabalho de educar tomando como ponto a história do passado cristalizada no patrimônio edificado de Caxias. Seguindo essa linha de raciocínio, voltaremos outra vez ao passado.

Em 2004, ao iniciar os passeios com os alunos pelo Centro Histórico de Caxias, percebi a oportunidade de suprir uma inquietação em que havia detectado que a maioria das pessoas de Caxias não conhecem a história da cidade, principalmente está que está ali por trás daqueles casarões, das praças, das ruas.

Trazendo essa inquietação para o campo metodológico e pedagógico, fomos buscar nas experiências da professora Helena Pinto da Universidade do Minho em Portugal, ela nos apresenta a possibilidade de se trabalhar o Centro Histórico local, como fonte pedagógica ou como ela mesma cita Laboratório de Educação Histórica e Patrimonial. A consciência patrimonial é construída a partir da percepção das mudanças de características culturais da sociedade, principalmente por conta da aceleração da História e propagação das informações que formam os bens patrimoniais além das adaptações para novos usos.

Para Pinto (2016, p. 50), “monumentos, cidades históricas, patrimônio cultural, noções relacionadas com o modo como as sociedades ocidentais assumiram a temporalidade e construíram suas identidades”. Se a consciência histórica é influenciada pelas ações. Então têm-se a possibilidade de identificar que “a experiência do tempo é o nosso objeto de prever as mudanças no futuro causam necessidades de orientação no tempo relativamente a interpretação do passado”. (PINTO, 2016, p. 55).

O Centro Histórico revela melhor a espessura do tempo uma vez que se constitui a área mais antiga da cidade, essa interpretação é primordial para as gerações atuais, uma vez que o patrimônio é ligado aos processos de identidade individual e social. É nele que são guardadas as memórias do lugar e assim colocado em contato com a experiência vivida que pode ser encontrada no mundo dos objetos.

Desse modo, os usos dos Centros Históricos como uma fonte patrimonial ultrapassam a fronteira do tempo e revelam uma aprendizagem através das ações educativas no intuito de manter viva a História dos indivíduos daquela localidade. E também possibilitará a utilização de metodologias como a da Educação Patrimonial para a aprendizagem significativas dos sujeitos (PINTO, 2016, pág. 60).

A exploração dos monumentos históricos, através de caminhada pelo Centro Histórico oferece inúmeras possibilidades de aprendizagens, como por exemplo, ajuda a percepção dos alunos através da identificação de sons, cheiros, texturas, medidas, sensações em relação aos edifícios, as ruas, e aos espaços públicos (praças, largos, etc.) (HORTA, 1999, p.08).

Os lugares contêm a marca das atividades humanas e revelam vestígios, interpretar tais vestígios consiste em compreender a continuidade na ligação do espaço vivenciado cuja preservação aparece como imperativo para evitar a perda de referências de identidade. De acordo com esse pensamento, Rüsen (2014, p. 2014) afirma que,

A formação histórica de sentidos significa interpretar a experiência temporal de uma maneira bem determinada, a saber, mediante recurso à experiência do passado. Ela é interpretada de tal maneira que o presente possa ser entendido e o futuro possa ser projetado repleto de normas e esperado repleto de experiências.

A interpretação do patrimônio tem um papel importante nas aulas de História, sobretudo pela sensibilização para a formação da consciência patrimonial e preservação. Na relação dialógica entre o passado e o presente a Educação Patrimonial baseia-se, segundo Pinto (2016, pág.61),

No contato direto com as fontes patrimoniais, na defesa de sentidos de responsabilidade em relação ao patrimônio histórico na reflexão crítica e construtiva face às memórias das comunidades com vista à compreensão temporal.

Pensar no patrimônio de Caxias é um desafio, pois o Centro Histórico vem sendo descaracterizado devido a expansão da cidade e também pela falta de conscientização acerca da valorização dos espaços públicos.

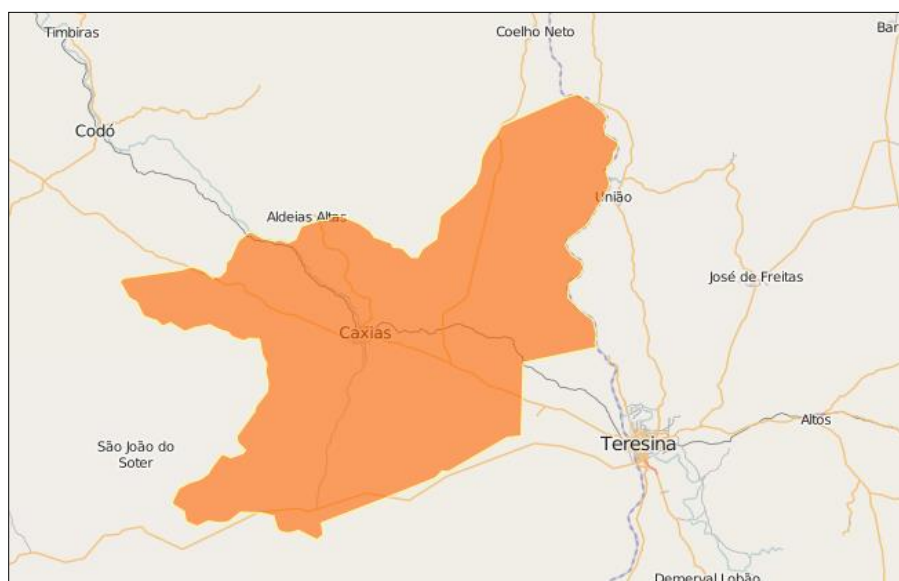


Fig. 07 Mapa dos limites da cidade de Caxias

Fonte: IBGE

Caxias, é uma das mais antigas cidades, a 5ª maior do Maranhão embora não seja tão fortemente associada a esta condição comparativamente à imagem vendida das suas belezas arquitetônicas e naturais pelo mundo afora. Sua população estimada pelo censo em 2015 é de 161.137 pessoas distribuídas numa área de 5.196,771 km. É situada a 360 km da capital São Luís, são limites de Caxias as cidades de Aldeias Altas, Coelho Neto, Codó, São Joao do Sóter, Matões, Timon e próxima de Teresina capital do Piauí. Possui uma rica diversidade cultural, destacando-se, além da literatura, o acervo arquitetônico com as igrejas dos séculos XVIII, XIX e XX, logradouros públicos, casarões, praças, monumentos marcantes de sua história como: a resistência à Independência e ao movimento da Balaiada, as manifestações espontâneas da cultura popular e religiosa como as procissões e celebrações, suas riquezas naturais que são

fontes saudáveis e aprazíveis de bem-estar, lazer, o que torna a cidade um patrimônio histórico, portanto rico, o que exige dos habitantes a responsabilidade pela preservação deste patrimônio cultural.

Sua história tem início por volta de 1716, às margens do rio Itapecuru nas terras mais planas e como maior altitude das Aldeias Altas. Seu processo de urbanização iniciou-se com a chegada dos jesuítas, que formaram as primeiras missões catequéticas. Elevada à categoria de Vila em 31 de outubro de 1811, é denominada Caxias das Aldeias Altas, passando à categoria de cidade, com a denominação de Caxias em 05 de julho de 1836, em consequência do aumento populacional, resultante do desenvolvimento econômico no século XIX, onde era a principal exportadora de algodão para a Europa. O patrimônio edificado de Caxias é um testemunho do processo de urbanização da cidade e concentração de riquezas proporcionadas pelo ciclo de exportação do algodão. Esses “lugares” considerados lugar de memórias em Caxias fazem referências a uma cidade provinciana com aspectos modernos e uma riqueza material e opulência resultante das influências vindas da Europa.

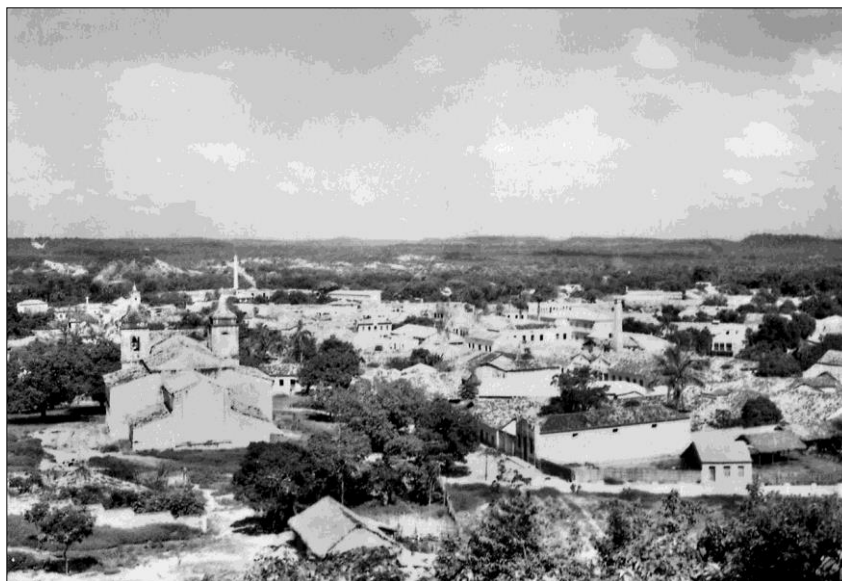


Fig. 08 - Vista parcial de Caxias - 1957.

Fonte: IBGE

A sessão de fotos a seguir evidencia as imagens³ do Centro Histórico desde o século XIX, elas buscam revelar os sentidos e significados e contar um pouco a evolução urbana vivenciada por Caxias na passagem do século XIX para o XX. Essas imagens são

³ Vale ressaltar que algumas imagens são de autores desconhecidos que passaram pela cidade e registraram os espaços, por tem-se dificuldade de saber a origem das fotografias, pelo fato das mesmas circularem sem a preocupação de identificá-las.

circuladas pela cidade e pelo mundo, pelas redes sociais, muitas vezes sem a preocupação de identificar quem são seus autores.

Todavia, as imagens como representações estão intimamente ligadas ao imaginário individual ou coletivo. Essas imagens como descreve Burke (2004, p. 232), “são testemunhas dos estereótipos, mas também, das mudanças, pelas quais os indivíduos ou grupo vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação”. São testemunhas valiosas porque revelam não somente seus artefatos, mas sua organização.



Fig. 09-Vista panorâmica da cidade de Caxias do alto do Morro do Alecrim.

FONTE: Acervo de Sinésio Santos

De início, temos essa tomada feita do alto do Morro do Alecrim, conhecido antigamente como Morro das Tabocas. A imagem do fotógrafo Sinésio Santos na década de 1960 nos mostra a visão panorâmica do morro. O canhão que está em primeiro plano foi utilizado pelas tropas portuguesas durante a Guerra da Balaiada. Atualmente, este canhão se encontra na praça Duque de Caxias em frente ao Centro de Estudos Superiores de Caxias, como forma de manter a memória do conflito.

A imagem é um elemento de interpretação do passado que, embora esteja oculto, está carregada de subjetividade pelo fato do autor despertar a memória dos sujeitos, ao acionar nossa imaginação. Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e, por conseguinte, da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.

A sensibilidade do fotógrafo em retratar a cena identifica o que aponta Londres (2001, p. 200), “uma cidade histórica constitui em si um monumento, mas ao mesmo tempo um tecido vivo”. Burke no texto *Variedades da Memória* (2000, p. 75), ressalta,

Uma das mais interessantes observações de Halbwach sobre a estrutura social da memória se referia ao quinto meio de comunicação na transmissão da memória: o espaço. Ele tornou explícito um ponto implícito [...], “o valor de “por” imagens que desejamos lembrar em locais imaginários impressionantes, explorando a associação de ideias.”

Nesse percurso imagético pela cidade, ainda no Morro do Alecrim, estão as Ruínas do Quartel da Balaiada ocorrida no século XIX entre os anos de 1839 e 1841 foi o antigo quartel de polícia que abrigou as tropas do português José da Cunha Fidiê e José Alves de Lima e Sila (Duque de Caxias).



Fig. 10 – Ruínas do Quartel
Fonte: Acervo particular da autora

Consideradas As ruínas são consideradas como outro fetiche de quem passa pelo local. Em 1997, um grupo de estudiosos do Maranhão, em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão, manifestaram preocupação com o estado físico das Ruínas e encamparam o projeto de restauração do monumento.

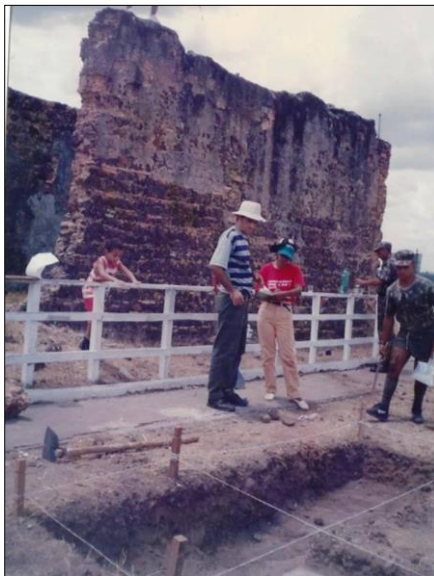


Fig. 11 – Escavações arqueológicas - 1997
Fonte: Acervo particular da autora

Em agosto tiveram início a pesquisa, a qual foi coordenada pelo arqueólogo Deusdedit Carneiro Filho, com apoio de acadêmicos do Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Caxias, utilizou um processo de escavação sistemática na área do morro do Alecrim, em Caxias, onde foram encontrados principalmente artefatos bélicos: projéteis, pederneiras, as Ruínas foram restauradas com o acompanhamento técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),

A ruína, considerada resquícios e testemunho mutilado do monumento, conota por si própria a necessidade de preservação e deve ter suas ações de intervenção direta restrita apenas à consolidação e à conservação do contexto do monumento, uma vez que sua preservação também implica priorização de sua instância histórica, ou seja, do seu trajeto temporal. (PONTES, 2012, pág. 218).

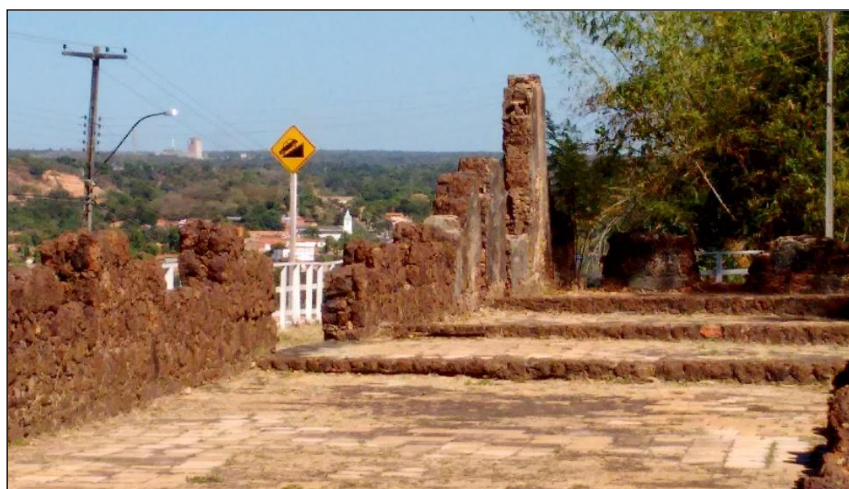


Fig. 12 -Ruínas do Quartel - 2014
Fonte: Acervo particular da autora

Ao lado das Ruínas do antigo Quartel Fig. 11, o Memorial da Balaiada foi construído em 26 de junho de 2004 situado na Praça Duque de Caxias, é um lugar de memória que guarda a história do movimento dos balaios, principalmente sob o olhar dos excluídos, considerado um centro educativo-cultural, recebe diariamente alunos das escolas municipais, estaduais e particulares, assim como turistas brasileiros e estrangeiros para apreciar a exposição permanente de um acervo eclético, como mobília de época doado por famílias tradicionais da cidade, armaria, artefatos bélicos, arqueológicos, numismático, em 1839. A revolta de caráter popular teve como principais líderes Cosme Bento das Chagas (Negro Cosme), Raimundo Gomes Vieira (o Cara Preta) e Lívio Lopes Castelo Branco e Silva, os três estão representados nas estátuas em frente a Praça Duque de Caxias como uma forma de confrontar a memória oficial.



Fig. 13 -.Memorial da Balaiada - 2014
Fonte: Acervo particular da autora

O Memorial da Balaiada integra atualmente museu-escola, biblioteca, centro de documentação e um laboratório de restauração de textos antigos. Nessa proposta, o museu é entendido como espaço de salvaguarda e de divulgação de bens materiais representativos da identidade de um determinado grupo (ABREU, 2014, p.140).



Fig. 14-.Estátua do Negro Cosme
Fonte: Acervo particular da autora



Fig. 15 -.Acervo do Memorial
Fonte: Acervo particular da autora



Fig. 16- Igreja Nossa Senhora dos Remédios (Catedral)
FONTE: Acervo particular da autora

Na Figura 16, temos a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, conhecida como Igreja da Catedral, foi construída no século XIX pela Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios. O local serviu durante a invasão dos balaios à cidade como depósito de munições. Foi colocado em uma das torres (lado esquerdo) um relógio doado pela Câmara Municipal em 1862, ainda em funcionamento, suas badaladas podem ser ouvidas pelos quatro cantos da cidade. O relógio centenário toca de meia em meia hora para marcar o tempo para como forma de orientação das pessoas e trabalhadores do Século XIX. Nesta igreja estão as lápides de Bispo Dom Luís Marelim e Dom Luís D'Andréa.



Fig. 17- Casarão do Comendador Alderico Silva (Seu Dá)
FONTE: acervo particular da autora

Ao lado do Palácio Episcopal, está situado o casarão que, localizado na Rua 1º de agosto em estilo neoclássico, pertence ao Sr. Alderico Silva que era um grande empresário que radicalizou-se em Caxias para expandir seus negócios em prol da comunidade caxiense.

Localizada no largo dos Remédios, ao lado da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, o Palácio Episcopal ou Palácio Diocesano, o prédio abriga os Bispos da cidade e faz parte do acervo arquitetônico do Centro Histórico. De estilo colonial, com mais de 50 janelas de arcos arredondados, Foi construído na metade do século XX, a pedra fundamental foi erguida pelo então Arcebispo do Maranhão Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, em 1943, e foi concluída na Década de 1950 sob a administração do Bispo Dom Luís Gonzaga da Cunha Marelim.

O interior é composto por biblioteca, uma capela, auditório, sala de acervo, imagens de santos do século XIX, como por exemplo a imagem de Nossa Senhora dos Remédios e utensílios litúrgicos. Atualmente, o Palácio está aberto a visitação para a população.



Fig. 18- Palácio Episcopal
FONTE: Acervo de Sinésio

Na figura acima retrata a igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José, conhecida como Igreja da Matriz, por conta de sua localização no centro da Cidade, o templo foi construído pelos padres da Companhia de Jesus no século XVIII.



Fig. 19 - Igreja Nossa Senhora da Conceição e São José (Matriz)
FONTE: Acervo particular da autora

Sua construção é de pedra e cal característico do estilo colonial, com um campanário⁴ do lado direito, ao qual denota uma das características do estilo colonial. No local, foi assinado o termo de Adesão à Independência do Brasil no dia 07 de agosto de 1823, sendo a última cidade do Maranhão a aderir à Independência e ao Imperador D. Pedro I.



Fig. 20 – Réplica da Estátua do Cristo Redentor
FONTE: Gaudêncio Cunha

A igreja está localizada em frente praça Cândido Mendes e na outra extremidade está posicionado a réplica da estátua do Cristo Redentor como mostra a Fig. 20, o monumento foi esculpido pelo artista plástico caxiense Raimundo Nonato Santos, a estátua mede 3 metros de altura e 2,80 de envergadura.



Fig.21- Imagem de Nossa Senhora Das Dores e Bom Jesus dos Passos
FONTE:<http://caxismaranhaoma.blogspot.com.br>

⁴ Campanário significa torre de igreja onde estão os sinos também designado torre sineira é uma torre desenhada para conter sinos ("campanas").

No interior da Matriz, ainda mantém-se as Artes Sacras representação pelas imagens originais da época da construção do século XVIII como as imagens de Nossa Senhora Das Dores e Bom Jesus dos Passos e a Nossa Senhora dos Remédios e São José, ambos são os padroeiros da cidade. Nessa igreja possui cinco altares laterais, guarda ainda muitas relíquias religiosas. No século XX, só as pessoas brancas frequentavam a igreja, resultado do alto índice de preconceito existente na cidade.

Em 1937, ocorre o Congresso Eucarístico Sacerdotal, acontecimento que marca o auge das comemorações religiosas em Caxias. O padre Gilberto Barbosa presidiu o Congresso, teve como objetivo aproximar o povo de Jesus e o dever de trabalhar para a vocação sacerdotal no Maranhão. O evento ocorreu de 29 de junho a 04 de julho de 1937.



Fig. 22 – Largo da Matriz
FONTE: Gaudêncio Cunha

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, uma das Igrejas mais antigas que fazem parte do acervo eclesiástico da cidade. A mesma consta de um requerimento de 04 de outubro de 1775, construída pela mão-de-obra escrava, feita de pedra e cal. No período da Balaiada, foi abrigo da Intendência, ao lado direito onde encontra-se uma cruz, havia um pelourinho, que foi retirado na década de 1980. Segundo Pessoa (2010, pág. 86), “a parte central da cidade já de construções de casarões e igrejas com um padrão arquitetônico mais elaborado, financiado pela riqueza acumulada pela aristocracia

agrária, graças a exploração escravista”. Ao longo de muitos anos somente as pessoas negras da comunidade frequentavam a igreja.



Fig. 23 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

FONTE: Gaudêncio Cunha

Localizada na Praça Rui Barbosa, a igreja permanece com sua fachada original, segundo Mesquita (1991, p.69),

do lado de direito da Igreja, existia um pelourinho, onde os escravos eram cruelmente açoitados e castigados pelos seus donos condenado à morte. O templo ainda conserva o Altar – Mor original. No teto, encontra-se desenhado um cálice da comunhão. Nas paredes, encontram-se ainda restos mortais de pessoas abastardas, muitas delas portuguesas, que compravam um pedaço de chão dentro da igreja. Essas lápides eram feitas em mármore e esculpidas em bronze.

O antigo Largo de São Benedito abriga a Igreja de São Benedito na figura seguinte, faz parte da freguesia de São Benedito criada pela Lei Provincial nº 13 de 08 de maio de 1835 e pela Lei nº 26 de 22 de julho de 1836. Nos meses de agosto, acontece um dos mais tradicionais festejos religiosos de Caxias, a localidade foi palco de um dos embates entre as forças legalistas e os balaios, como cita Mesquita:

a comunidade caxiense, ficava aguardando com ansiedade o início do festejo, onde vestiam-se com esmero, a fim de divertissem nos bingos dançantes, que havia em casa de particulares, nas imediações da praça. Costumavam construir o arraial com barracas ao longo do largo, cobertas de palhas da palmeira de babaçu e enfeitadas com patí, planta nativa da região; todo mundo se divertia visitando e adorando o Santo. Hoje, o festejo não tem a mesma pompa, visto que foi transferido para uma área desocupada do Ginásio Gov. João Castelo. (1991, p. 74).



Fig. 24 – Igreja de São Benedito
FONTE: Acervo Sinésio Santos

Notamos que no ângulo escolhido para retratar o largo, o fotógrafo ressaltou como destaque o espaço de sociabilidade das pessoas, a movimentação das pessoas provavelmente saindo da missa, a praça com suas árvores centenárias. A imagem tem intenção de mostrar as feições da cidade representada no período da belle époque em Caxias. Segundo Moura (2016, p. 57), das fotografias presentes no acervo de Sinésio Santos,

Essa foi uma das que mais voaram e se abrigaram nas casas e espaços caxienses. Talvez, por esse desejo de se ter nos álbuns ou de forma digital às fotografias de uma pessoa que com muita sensibilidade registrava esses momentos da cidade de Caxias, ou até mesmo, por poderem guardar lembranças de uma época em que o Festejo de São Benedito possuía essa grandiosidade.

A fotografia em si é um valioso instrumento na produção de narrativas de um determinado tempo, ou seja:

Recuperar a cidade do passado implica, de certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história. (PESAVENTO, 2005, pág. 10)

Nesse aspecto da memória do patrimônio urbano citado por Pesavento, temos em Caxias uma intensa produção imagética da velha cidade, outro monumento que representa esse passado é o prédio da antiga Fábrica União Têxtil Caxiense na Fig.16, que foi inaugurada em 1889. Uma construção suntuosa de origem inglesa com fachada em estilo neoclássico, planta quadrangular de estrutura metálica vindas dos Estados Unidos e Inglaterra, o monumento mede 52 metros de frente, 68 do lado direito e 40 do lado esquerdo. A mão de obra era composta pelo trabalho feminino, na qual as mulheres eram chamadas de “pipiras”.⁵

A indústria têxtil em Caxias ganhava destaque, principalmente após os êxitos obtidos pela construção da primeira fábrica de tecidos de algodão do Maranhão, em seguida implantou a Companhia Industrial Caxiense e União situada no bairro Ponte, logo depois foi construída a “Manufatura” no centro da cidade, a maior de todas as fábricas (ANTUNES, Apud Souza 2010, p. 220)”.



Fig. 25 – Fábrica União Caxiense
FONTE: Acervo Gaudêncio Cunha

⁵ As pipiras da fábrica eram mulheres filhas de pobre (operários, carpinteiros, etc., consideradas sem instrução, sem educação e desclassificadas. Ver PEREIRA, Ana Paula Alves. As pipiras da fábrica: a operária sob o olhar da sociedade caxiense na década de 1950. In: MELO, Salânia; PESSOA, Jordânia. (org.) Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias Teresina: 2010.



Fig. 26 – Centro de Cultura (antiga Fábrica União Caxiense)
FONTE: Acervo particular da autora

No presente funciona o Centro de Cultura que abriga alguns órgãos municipais como a Secretaria Municipal de Educação, Secretaria de Cultura, Secretaria do Trabalho e Tributação. Na fachada ainda mantém-se a imponente chaminé que pode ser vista por muitos lugares da cidade. Porém, esteve abandonado por muito anos, sem uso. Na década de 1980 foi tombado pelo Patrimônio

Esta edificação é o único prédio tombado individualmente desde 1980. Choay (201, pág.19), destaca,

A herança industrial fora de uso levanta dois tipos de questão, de natureza e escala diferentes. Por um lado, os edifícios isolados em média de construção sólida, sóbria e de manutenção fácil, são adaptáveis às normas de utilização atual e se prestam a múltiplos usos, públicos e privados.

Estas fotos são do mesmo prédio fazem e parte do Centro Histórico, perceber nas figuras 27 e 28, o antigo Mercado Público, localizado em frente a praça Dias Carneiro (Panteon), foi inaugurado em 1922. O Mercado Público foi reutilizado e atualmente funciona a Prefeitura Municipal de Caxias. O Prédio ainda conserva sua fachada original com alguma adaptações modernas na parte interior.



Fig. 27 – Antigo Mercado Central
FONTE: Gaudêncio Cunha



Fig. 28 – Prefeitura Municipal
FONTE: Acervo particular da autora

Na próxima fotografia, veremos a Praça Dias Carneiro, conhecida pelos caxienses como Praça da Panteon, que significa local onde pessoas ilustres de uma comunidade são homenageados. Em formato arredonda, estão localizados em cada lado os busto de Gonçalves Dias, Coelho Neto, Vespasiano Ramos e do idealizador da praça Dias Carneiro.

A Praça Dias Carneiro significa para muitos o coração da cidade. Nessa tomada vista do alto, podemos perceber que é rodeada por outros logradouros públicos como o Colégio São José (Congregação das Missionárias Capuchinhas), a União Artística Operária Caxiense, espaço de lazer dos operários da fábrica têxtil, Câmara Municipal e ao lado esquerdo a Prefeitura Municipal também o prédio da antiga fábrica União Caxiense.



Fig. 29 – Praça Dias Carneiro (Panteon)
FONTE: Marcos Gonçalves

No prédio abaixo na Fig. 30 funcionava a Estação Ferroviária, um símbolo marcante de modernidade que encantava os caxienses. A estrada de ferro ligava os dois Estados e foi aberta em seu primeiro trecho em 1895, ligando Caxias a Cajazeiras (Flores) hoje a cidade de Timon. Em 1919, foi aberto outro trecho de São Luís a Caximbós, prolongado em 1920 até Caxias. Em seguida, O decreto - Lei nº 14.598, de 30 de dezembro de 1920 estabelece que a Estrada de Ferro São Luís – Caxias passou a ser denominada São Luís – Teresina.



Fig. 30 – Estação Ferroviária
FONTE: Tarcísio Vilarinho

A ferrovia foi parte integrante da chamada “belle époque” caxiense. Na estação, diariamente havia um frequente fluxo de pessoas, a elite intelectual, os grandes comerciantes, os latifundiários e pessoas que tinham posses e de poder que desfrutavam do transporte ferroviário. Muitas pessoas iam observar o trem chegar de São Luís bem cedo da manhã e ao entardecer. Locomover-se para a capital maranhense de trem naquele período simbolizava status, poder, além de ser um fetiche, pois modificou os hábitos dos caxienses. A movimentação era intensa, o trem transportava cargas de artigos de luxo vindos de fora do país, as pessoas vestiam suas melhores roupas para passearem e observarem o trem chegar de São Luís bem cedo da manhã e ao entardecer.

Caxias repercutiu no Maranhão até meados do século XX, com uma frenética onda modernizadora de desenvolvimento econômico e social. A estrada de ferro não trouxe apenas o progresso, mas mudanças sociais significativas na postura dos caxienses. Com a estrada de ferro veio o dinamismo do comércio interno, o fetiche da modernidade tomou conta da cidade, o ambiente urbano era afetado por pessoas vindas da capital

São Luís, e da Europa, no qual circulavam aqui para vender e comprar mercadorias. (SOUZA, 2010, p.230).

Atualmente no local, funciona o Instituto Histórico e Geográfico de Caxias inaugurado desde 12 de dezembro de 2003, é chamado a “Casa de César Marques”.



Fig. 31 – Instituto Histórico e Geográfico
FONTE: IHGC

O Instituto é presidido pelo Desembargador Arthur Almada Lima e conta com Sócios Membros e Sócios Mantenedores. No acervo, estão documentos históricos, biblioteca e obras importantes como um exemplar do “Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão”. Além do acervo documental, existem fontes hemerográficas, que servem de pesquisa para estudantes do ensino básico e superior e da comunidade em geral; não somente da população local, assim como estudantes de outras cidades maranhenses, que desejam pesquisar, além de outros Estados.



Fig. 32– Estátua poeta Gonçalves Dias
FONTE: Acervo particular de Letícia Mesquita

Na imagem acima, a praça Gonçalves construída em homenagem ao poeta Gonçalves Dias. Também conhecida como “Praça das Palmeiras”, pelo fato de ser rodeada de palmeiras imperiais que fazem alusão a poesia de Gonçalves Dias. No centro, existe uma estátua do poeta em tamanho natural, retrata o poeta com trajes nobres, em punho o texto da Canção do Exílio que se encontra ao lado da estátua, poesia conhecida em todo o mundo. A praça é aconchegante e desperta um sentimento romântico, nostálgico, pois ali Gonçalves Dias escolheu como inspiração para escrever suas poesias e também por ter sido anteriormente um local de encontro dos casais de namorados e amigos, ao saírem do Cine Rex. Para Pesavento, a preservação deste logradouro significa:

Recuperar a cidade do passado implica, de uma certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar o restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro de carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo (PESAVENTO, 2005, pág.03).

No entorno da praça Gonçalves Dias, outro prédio que faz parte do Centro Histórico é o Antigo Fórum Desembargador Arthur Almada Lima, um prédio imponente com arquitetura neoclássica, localizado na praça Gonçalves Dias. Nas décadas de 60 e 70,

abrigou duas Escolas públicas da rede Estadual de Ensino: Grupo Escolar João Lisboa e Grupo Escolar Gonçalves Dias.



Fig. 33 – Prédio do Antigo Fórum
FONTE: Acervo particular da autora

Também faz parte da arquitetura colonial, a casa que pertence família Vilanova. No interior da residência é mantida a mesma estrutura, com as paredes de larga espessura. Na antiga casa, havia um mirante simbolizando o período colonial, porém sua fachada foi transformada em pontos comerciais, descaracterizando significativamente suas características originais, o que compromete a preservação do local,

Os danos ao patrimônio edificado no centro histórico de Caxias são os mais diversos, indo do calor ou da umidade ao não-uso; pode ser notado, também, através da poluição visual, quer seja no uso de cores inadequadas (cores berrantes), placas de propagandas e da sinalização onde, ao transformarem os sobrados/casas em pontos comerciais, não é respeitada a arquitetura original.(ALMEIDA, 2009, pág. 42).



Fig.34- Fachada da residência da família Vilanova, construída no final do século XIX

FONTE: Acervo particular de Rodrigo Bayma

Outro exemplo de descaracterização do patrimônio histórico é a casa da família Silveira, localizada na Praça da Cândido Mendes, que foi construída em 1873, quando recebeu revestimento de azulejo português, na qual representa o período de ascensão da elite industrial e símbolo do progresso material da cidade.



Fig.35- Fachada da residência da família Silveira

FONTE: Acervo particular da autora

Nesta imagem, vemos outro casarão imponente que faz parte do conjunto arquitetônico é a residência da família Lôbo, ladeada com a casa da família Silveira. A família mantém a fachada original com algumas pequenas modificações. A casa era

chamada de “Casa Verde”, por representar uma das mais ricas da cidade. Aconteciam reuniões dos chamados “Homens Bons”, referências aos homens importantes da cidade que frequentavam o casarão que tomava todo o quarteirão. Outro exemplo de ostentação da elite, são as estátuas de mármore vinda de Portugal instaladas na fachada da casa, como podemos perceber na figura 36 e no detalhe da figura 37.



Fig.36 - Fachada da residência da família Lôbo
FONTE: Acervo particular da autora



Fig.37- Estátua da residência da família Lôbo
FONTE: Acervo particular da autora

Na figura 38, vemos a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, foi a primeira igreja fundada em Caxias no século XVIII, está localizada no bairro Trezidela, e foi destruída durante a guerra da Balaiada por conta que no local haviam a presença de balaios e era armazém de munição. A igreja foi reconstruída, porém não perdeu pouco de sua característica anteriores, na fachada existe um campanário, janelas e portas com arcos típicos do estilo colonial.



Fig.38- Igreja Nossa Senhora de Nazaré
FONTE: Acervo particular da autora



Fig.39- Igreja de Santo Antônio
FONTE: Acervo particular da autora

A Igreja de Santo Antônio situada no bairro Ponte, antigo bairro dos operários, onde acontecia um dos maiores festejos tradicionais- o festejo de Santo Antônio realizado no mês de junho, o qual movimentava toda a cidade. Construída em 1898, pelos padres jesuítas barnabitas, era uma capela feita de palha.

Pela homogeneidade de seu conjunto urbano, sua presença na história maranhense a produção cultural de seus filhos ilustres, como Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos. Tal fato colocará o imenso acervo cultural de Caxias sob a proteção do Estado, representando garantia de perenidade para seu valioso patrimônio histórico, artístico e paisagístico, propriedade de toda comunidade caxiense. Porém, tudo de valor exige cuidado; uma cidade histórica e seus ambientes naturais também necessitam de atenção, tanto de seus administradores como daqueles que ali habitam. Só assim torna-se possível a preservação de tantas e tão frágeis preciosidades, como o espaço de uma praça, o brilho dos azulejos, a técnica de pau a pique, a cor de uma Igreja (Arquivo do DPHAP-MA, 1990).

Em resumo, neste capítulo, apresentamos as categorias de análise passado, memória e Centro Histórico com o objetivo de identificar seus usos e possibilidades dos mesmos em serem trabalhados como laboratórios de aprendizagens, principalmente na construção do sentimento de pertença a partir da criação de uma cidade histórica por possuir características colônias no século XIX e XX. As leituras de Rüsen, Pesavento e Helena Pinto deram subsídios para que se percorresse o centro histórico da cidade e o observasse a partir de seu patrimônio histórico cultural a presentificação do passado através das imagens da cidade como lugar de memória, através da valorização imagética excessiva dos monumentos da cidade.

4. A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: uma experiência pelo Centro Histórico de Caxias - MA

Glória! glória! As façanhas proclamem
Da Princesa do adusto sertão,
Cuja fama e valor se derramam
Pelas terras do audaz Maranhão.
Vamos juntos, no albor destes dias
Os louvores cantar de Caxias .

(Trecho do Hino de Caxias)
Letra por Theodoro Ribeiro Junior
Melodia por Elpídio Pereira

Proponho neste capítulo apresentar uma experiência desenvolvida por mim vivida através do projeto “Caminhar pela Cidade”, realizado desde 2004, com a finalidade de mostrar como o Centro histórico guardou esse acervo arquitetônico que, perceptivelmente, se encontra ameaçado pelo desenvolvimento acelerado e pela modernização urbana. A educação para o patrimônio se fundamenta na reflexão, indissociável, sem fazer a ponte entre o ensino de História e a prática dos professores, a partir de ações educativas visam preservar a herança das gerações anteriores,

Vale afirmar que a valorização do patrimônio cultural brasileiro passa pela ação pedagógica com o objetivo de desenvolver o processo permanente e sistemático de inserção do conhecimento junto à comunidade. A Educação Patrimonial apresentasse como suporte de conhecimento a promover no indivíduo a noção de cidadania, desenvolvendo, assim, de modo coletivo, o sentido de pertencimento e apoderamento, elementos basilares para sensibilização da sociedade e geradores do orgulho e da auto-estima, que fazem elevar o senso de preservação do patrimônio cultural. (LONDRES, pág.05).

4.1 Caminhando e contando histórias pelo centro histórico: um relato de experiências

Quando pensei pela primeira vez qual seria uma temática que pudesse defender num trabalho de Mestrado, surgiu uma dúvida, qual caminho percorrer para chegar lá, quais escolhas deveria fazer? Fui questionada por que não defender sobre o que mais parecia comigo. Logo, procurei identificar algo dentre tantas coisas que gosto de ler e fazer, tentei capturar nas minhas leituras e escritas escondidas algo que pudesse clarear

minhas ideias na preparação do projeto. Mergulhei em outras leituras, selecionei fotografias dentre tantas que possuo, pois fotografar principalmente os lugares de Caxias, depois de ser uma diversão, se tornou uma prática.

Naquele momento de investigar meus arquivos, senti um imenso prazer em imaginar a Cidade, as cenas, as festas, os movimentos, os recortes e encartes, e tudo que estava ali escondido, esperando serem revelados. Essas reflexões impeliram-me na ideia de escrever sobre o que praticava, ou melhor, falar da minha experiência em levar meus alunos para conhecer a história de Caxias e seus lugares.

Dentre tantas leituras, deparei-me com “A alma encantadora da rua”, do jornalista João do Rio. Ao caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro, a qual conhecia como nenhum outro escritor a cidade que tanto amava, que cujas ruas extraiu a matéria-prima da sua obra, escrita em 1908⁶. É uma obra atemporal, pois na contemporaneidade é recorrente a discussão sobre conhecer e descobrir o lugar em que se vive.

Tomamos de empréstimo duas palavras significativas para esse texto, utilizadas pelo autor em sua obra poética e encantadora: a rua e o flâneur). A rua, para João do Rio, é um fator da vida das cidades, a rua tem alma, são artérias por onde circula o sangue, a vida nas cidades. Esse conceito se identifica com a outra palavra flâneur (flanear), pois alguém que flaneia consegue perceber as nuances expressas pela cidade, ou seja flanear é perambular com inteligência, é sentir, se emocionar. Para isso, era preciso andar, e foi assim que o escritor construiu em torno dele a imagem do flâneur, isto é, aquele que passeia pelo simples gosto de passear, sem destino preestabelecido. Flanando ia descobrindo as coisas, os mistérios de uma cidade que, apesar da nova fachada, ainda guardava por trás, escondidos, ritos e costumes que vinham do tempo da Colônia.

De forma empírica, sem muita técnica, me propus a caminhar com os alunos para descobrirmos a cidade, conhecer seus casarões coloniais, cada rua, praças, pintar os pensamentos dos estudantes com as matizes dos edifícios das igrejas, indo a pé como a musa de Horácio em Roma, proclamando a virtude do ato de observar e refletir. Flanar, para João do Rio significa,

⁶ O jornalista e escritor João Paulo Emílio Coelho Barreto, ou melhor, João do Rio (1881-1921), foi a mais completa tradução da belle époque carioca. Mulato e homossexual, num tempo em que ser homossexual era certamente muito mais complicado do que hoje, teve de usar de toda a sua inteligência e astúcia para adaptar-se às situações adversas que enfrentou no plano pessoal e profissional. Foi motivo de aversão e chacota para muitos, mas mesmo assim conseguiu afirmar-se no meio literário, deixando uma obra que tem crescido de importância à medida que o tempo passa. REVISTA DE HISTÓRIA. **A alma encantadora de João do Rio**. Disponível em: w.w.w.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/a-alma-encantadora-de-joao-do-rio. 09 de setembro de 2007. Acesso em 06 de agosto de 2015.

Verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, anoite, meter-se nas rodas da população. (RIO, 1908, p. 03).

Transpor os muros das escolas e da sala de aula significa dar um passo em direção à realidade, mostrar aos alunos a cidade e possibilitar aos mesmos outro debate, além dos conteúdos de História discutidos nas aulas, contribuindo, dessa forma, para a melhoria do ensino da disciplina na escola básica, uma vez que a mesma carece de novas metodologias, práticas pedagógicas, investigação, pesquisas de campo, entre outras, que estimulem novos caminhos para o ensino, na medida que eles possam tornar significativo o que aprendem ao relacionar com os conteúdos de História com o estudo das experiências vividas.

Nesse sentido, a concepção de ensinar História modifica-se para uma percepção que está relação deve conceber a disciplina como o estudo da experiência humana. Essas diversas experiências vividas e que chegam até nós, segundo Selva Guimarães Fonseca, ao utilizar o conceito de experiência na visão de Thompson, confirma essa ideia que segundo ele, “é por meio dos diversos registros das ações humanas, dos documentos, dos monumentos, dos depoimentos de pessoas, de fotografias, objetos, vestuários, que o real vivido por homens e mulheres nos diversos tempos e espaços chega até nós”. (Fonseca, 2003, p.40).

A partir dessa reflexão, é válido que todos os registros e evidências das ações humanas são fontes de estudo da história. Essa experiência ajudou-me a pensar na minha jornada de vida enquanto docente, educar para o patrimônio é uma forma proporcionar aos alunos uma leitura do mundo em que vive, de forma que o aluno possa entender que a história também se faz presente nas praças, nos monumentos, nas festas cívicas, nos nomes das ruas e colégios. (FONSECA, 2003, p. 150). Ressalte-se que a própria família, a escola, a cidade podem servir de referência como história a ser ensinada, assim como os locais institucionais de memória histórica: arquivos, museus, monumentos e sítios arqueológicos.

O Ensino de História relacionado com o patrimônio cultural se tornou desde o século XX, um tema de grande relevância e interesse de professores e pesquisadores que nomearam a educação patrimonial como metodologia na promoção das práticas educativas a serem trabalhadas nas escolas e também fora do ambiente escolar. Muitos

projetos foram criados por universidades, projetos de docentes. Reflexões a esse respeito estimularam e orientaram muitos trabalhos sobre a valorização cultural das comunidades de diversos lugares do país. Uma dessas ações educativas consistia em trabalhar a educação patrimonial voltada para perceber qual a relação da Educação patrimonial com a preservação do patrimônio local.

Para a realização desta ação educativa, preparamos um roteiro pela área tombada. Ao percorrer o Centro histórico com os estudantes, identifiquei que as pessoas não se atentam, através do olhar, para que eles percebam a trajetória das ruas, os detalhes das fachadas das casas e dos casarões, enfim, vou caminhando e contando a história de Caxias com suas ruas estreitas, praças, os monumentos tombados. É nesse momento que percebo mais claramente a relação entre a teoria e a prática, com o objetivo de educar o sentido e o olhar para perceber e despertar, a capacidade de pensar historicamente através do passeio pelo Centro histórico.

Educar para o olhar é um desafio mediante ao alerta em que presenciamos a destruição do passado e a perda de referências históricas, sobretudo por jovens da geração atual. Há uma constante necessidade de desenvolver práticas educativas para a formação da consciência preservacionista dos bens culturais. Uma dessas práticas é educar o olhar através dos sentidos. Caminhar pelos lugares históricos requer um exercício de olhar o que está posto, analisar, discutir, ao mesmo tempo aprender a olhar e refletir sobre o que vê. Segundo Paulo Freire, no livro “A pedagogia da Autonomia” (2015, p. 67), “nossa capacidade de aprender, não está apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade”. Acrescenta ainda que,

mulheres e homens são os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar. (FREIRE, 2015, p. 68).

Para isso, a educação do olhar é a chave para se entender a vida. Essa constatação requer uma educação prévia sobre o mundo. O olhar é o resultado de nossa leitura e o principal meio de capturar a realidade. A partir, dessa visão, ampliam-se os estudos dos espaços de memórias constituídos sobre a cidade de Caxias, onde a mesma se apresenta como um lugar de passado, vista e admirada e, por outro lado, reconhecida como um lugar que tudo “já teve”, ao mesmo tempo reforçando um saudosismo, e por fim, despertando para a necessidade de desenvolver uma consciência de preservação dos

bens culturais, fortalecendo a relação do passado com o presente e reforçando o discurso de conhecer o que ainda resta e preservá-lo.

A ameaça de destruição do passado e da memória do patrimônio edificado de Caxias são evidentes, quando passamos pelas ruas do centro histórico e visualizamos a decadência dos prédios antigos, do derrubamento de casarões para a construção de prédios modernos, como por exemplo, a residência do senhor Jose Delfino, localizada na rua 1º de agosto, datada da década de 1940, foi abandonada pela família e que hoje está sendo habitada por moradores de rua; o prédio do Colégio Caxiense, que está em ruínas por falta de gestão administrativa, na qual era o único Colégio a possuir o teatro e a velha ponte de madeira sobre o rio Itapecuru, que ligava a famosa Rua Porto Grande, hoje denominada Conselheiro Sinval, por onde passavam os pedestres do bairro Ponte até o centro da cidade, a mesma foi desativada após ter sido arrastada pelas águas do rio e por falta de manutenção do poder público. Desse modo, os alunos precisam entender qual a importância do passado para a construção do presente, para se apresentarem em uma nova dimensão de sujeito conhecedor e participante da História (Soares, 2003, p.54).



Fig. 40. Fachada do Colégio Caxiense fundado em 1937

Fonte: acervo particular da autora

A fotografia 40 ilustra a necessidade de trabalhar a conscientização através da prática da Educação Patrimonial devido ao fato que o patrimônio edificado de Caxias precisa ser preservado de forma urgente e que essa metodologia abre um canal de comunicação e informação a respeito da localidade, possibilitando a formação de uma consciência histórica, conseqüentemente, proporcionando aprendizado histórico se

tornando num processo, no qual se abrem os olhos para a História, para a presença perceptível do passado. Para Rüsen (2011, p.11), “o aprendizado histórico deve ser organizado de modo que suas diferentes formas sejam abordadas, praticadas e articuladas, em uma relação consistente de desenvolvimento dinâmico”. Cabe desenvolver no educando a consciência de que é possível preservar os bens culturais, no qual a formação dessa consciência histórica está permeada pela relação entre os valores morais e a decisão de conservar aquilo que é pretérito. Sendo assim, formar uma consciência histórica nos alunos remete ao que anteriormente foi mencionando, sobre a geração atual estar mergulhada numa espécie de eterno presentismo, não dando conta de reconhecer sua realidade atual e sem relacionar com o passado vivido e experienciado por eles.

Educar o olhar do estudante para o patrimônio e o entendimento do que deve ser preservado, valorizado e cuidado deve partir do professor. A tarefa de educar pelo olhar também condiz em educar para a cidadania, principalmente no momento de crise de valores postos na sociedade atual. O ato de olhar e perceber é, portanto, uma intenção de descoberta, no entanto o nosso olhar é resultado de nossa leitura sobre o mundo e o principal meio de captar a realidade. A todo instante, a natureza, as coisas, as pessoas e o mundo se renovam, de modo que o nosso olhar se renove. (Carneiro, 2005, p. 35).

Essa relação de educar para o patrimônio não seria possível sem considerar o ensino de História como suporte para essa transposição do olhar e a escola como espaço educativo, além do professor como mediador dessa prática e o ensino, especificamente o da História, dada a importância, porque coloca o aluno em contato não apenas com sua realidade, mas contribui para a percepção de valores e princípios.

Rüsen nos chama a atenção para a experiência do indivíduo que além de ser própria ao aprendizado espontâneo, como também induzidos, ou seja, o autor com sua reflexão sobre os critérios de orientação do agir humano no tempo, de modo que se viabilize superar as carências existenciais, muito significativas para a vida prática humana.

Assim, conhecer a história do patrimônio em Caxias nos leva para duas particularidades: primeiro, o fato dos alunos não conhecerem a história da cidade por não terem sido orientados durante a sua escolaridade, e nem direcionados a olhar o espaço em que se vive como meio de aprendizado; segundo, qual o significado de se estudar o patrimônio local? Justamente a expectativa desse trabalho é despertar o sentido de pertencimento através da discussão aqui exposta em relação a trabalhar a Educação

Patrimonial com os alunos das escolas de Caxias, tornando o ensino de História um campo de interação e construção do saber histórico escolar e das identidades.

Essa competência implica entre outras coisas na capacidade de aprender a olhar o passado e resgatar sua qualidade temporal, diferenciando-a do presente (Rüsen, 2015, p. 59). Essa disciplina nas palavras de Nadai (2014, p.96), “é encarregada, sobretudo de situar o aluno diante das permanências e das rupturas da sociedade e de sua atuação enquanto sujeitos históricos”.

Dentro desse contexto, fazer a leitura da cidade a partir das aulas de História é buscar despertar nos cotidianos escolares caxienses a importância da identidade cultural e da memória do lugar, uma vez que essa temática é pouca discutida nas aulas. A pesquisa tem ainda o intuito de sugerir para os professores e acadêmicos, principalmente educadores e profissionais, a utilização deste texto como suporte para as aulas de história, os qual podem desenvolver projetos nas escolas sobre educação para o patrimônio e para a formação da consciência histórica dos alunos.

É no cotidiano das cidades que se apresenta a possibilidade de ensinar a leitura do mundo a partir das representações construídas, como patrimônio e monumentos. Olhar para a história fora da sala de aula, é como afirma Mattozzi (In: Schmidt; Cainneli, 2009, pág.153), possibilitar ao aluno entender a importância de outras dimensões na construção do conhecimento do passado e que há fenômenos que devem ser analisados.



Fig. 41. Alunos caminhando pela Rua 1º, ao fundo o Palácio Episcopal
Fonte: acervo particular da autora

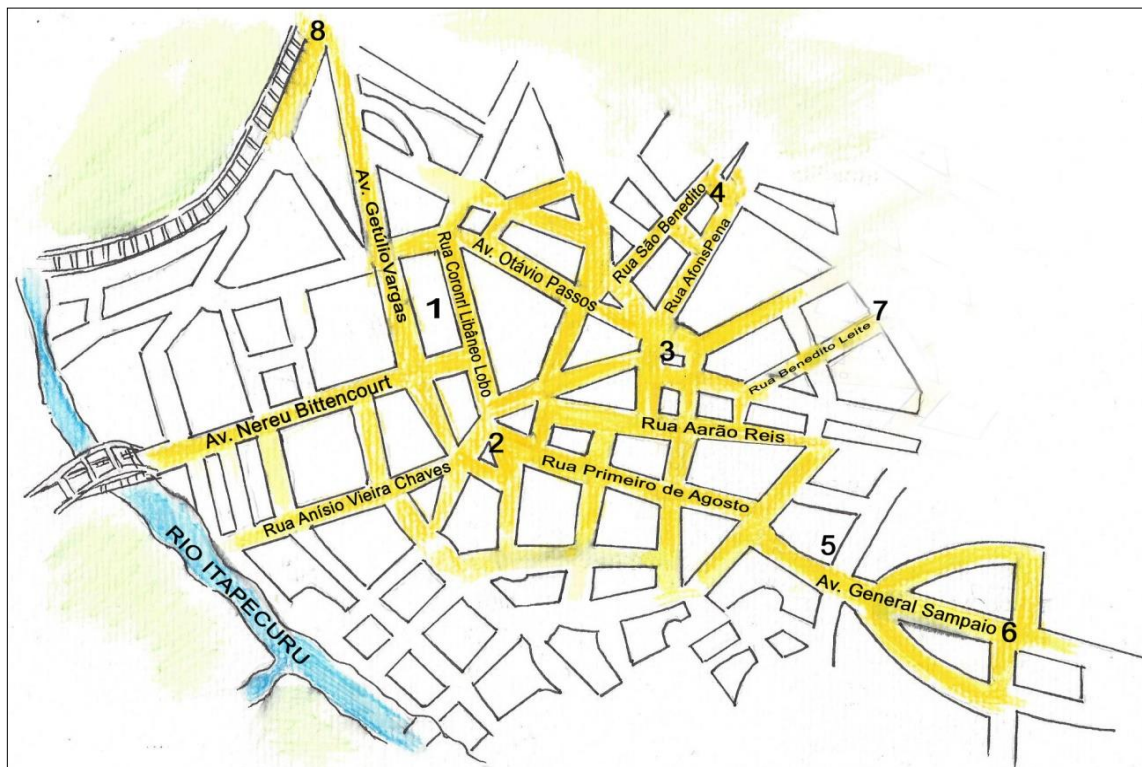
A imagem acima mostra um dos passeios pelo Centro Histórico, o qual é realizado com alunos tanto da zona urbana, quanto da zona rural. Pelo exposto, um desafio se apresenta dentro no nosso trabalho: pensar a categoria Educação Patrimonial em Caxias, principalmente pelo fato de não haver registros de escolas que trabalham efetivamente com essa metodologia. Hoje, há apenas algumas iniciativas bem restritas de

professores que trabalham as aulas passeios, após terem a informação do projeto “Caminhar pela Cidade”.

O projeto “Caminhar pela cidade” começou a ser pensado quando ainda estudava no Curso de História, uma das minhas inquietações em estudar História foi responder algumas dessas interrogações, tais como: Por que as pessoas não conhecem a história de Caxias? a qual cresci ouvindo falar de Gonçalves Dias, Coelho Neto, maior prosador, e por que essas histórias não são discutidas em sala de aula? E quais os registros, vestígios dessa História? Como forma de amenizar estas interrogações fui pesquisar sobre a construção histórica da cidade de Caxias, ler sobre sua origem, suas peculiaridades, algo que pudesse suprir minhas ansiedades.

Em busca das primeiras respostas e sem muitos conhecimentos sobre categorias como patrimônio, memória e educação patrimonial, motivada apenas pelo desejo de trazer à tona essa história, para que as pessoas pudessem conhecer e preservar. As leituras foram abrindo novos caminhos e cada vez mais fui identificando essas categoria espalhadas pela cidade. Passei a perceber que Caxias tem história, memória, tem patrimônio e que era necessário fazer as pessoas conhecerem também.

O público alvo escolhido naquele momento foram os alunos das escolas de Caxias, por entender que os mesmos poderiam ser a ponte ideal para eu contar as histórias que havia lido em encartes e livros de memorialistas da. Porém, a caminhada seria pelas ruas do Centro da cidade, uma vez que não percebia por parte dos professores o interesse ou até mesmo o desconhecimento em fazer esse tipo de atividades para discutir essas temáticas. A partir de então os passeios foram ganhando dimensão que não foi mais possível fazê-los sem agendamento. As primeiras experiências em caminhar pela cidade foram feitas sem nenhum registro imagético, porém só após alguns anos, foi feito os registros dos passeios com o intuito de guardar os momentos para estudos posteriores. Vale ressaltar que, como não tinha o conhecimento de registrar com outras técnicas, apenas fotografava as caminhadas.



LIMITE DE TOMBAMENTO

LEGENDA

1. Praça Dias Carneiro (Panteon)
2. Praça Cândido Mendes
3. Praça Gonçalves Dias
4. Praça de São Benedito
5. Praça Magalhães de Almeida
6. Morro do Alecrim
7. Cemitério dos Remédios
8. Antiga Estação Ferroviária

Fig. 42 – Mapa dos limites de tombamento do Centro Histórico de Caxias – MA

Ilustração: Joana Batista.

O mapa da Figura 39 mostra a área que foi efetuado o tombamento do Centro Histórico arquitetônico e área paisagística do município de Caxias. Nessa lei, definiu-se como limites:

Centro Histórico

Inicia-se na interseção do Rio Itapecuru com a Rua Porto das Pedras, seguindo por esta e incluindo o casario do lado direito até encontrar a Rua Conselheiro Furtado. Dobra-se à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se pelas Ruas do Cotovelo e 13 de Maio, alcançando a Praça Magalhães de Almeida. Incluindo o casario do lado direito da Praça, sobe o Morro do Alecrim, contornando as ruínas do Forte e o Monumento ao Duque de Caxias. Neste ponto, desce a encosta à esquerda do morro até o cruzamento das Ruas Aarão Reis e Bom Jesus dos Passos, seguindo por esta até a Rua Dr. Berrêdo onde dobra-se à esquerda e, incluindo o casario do lado direito, segue-se até à esquina da

Rua dos Grades. Dobra-se à direita, seguindo pela Rua dos Frades até seu cruzamento com a Praça do Cemitério dos Remédios, subindo por esta e incluindo seu casario do lado direito, contornando o Cemitério dos Remédios descendo pela mesma Praça do Cemitério dos Remédios até a Praça São Sebastião. Dobra-se à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se pela Rua da Tangerina, cruzando a Rua Nossa Senhora de Fátima, contornando a Praça Dom Marelim e o Cemitério São Benedito. Retornando pela Av. Santos Dumont até a Rua da Independência onde dobra à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se até a esquina da Rua Siqueira Campos onde dobra-se à direita e segue-se até contornar a Capela de São Francisco e a Praça que lhe fica em frente. Retorna-se pela mesma Rua Siqueira Campos até a Rua Libânio Lobo, seguindo-se por esta até a esquina da Rua Agostinho Reis onde dobra-se à direita, continuando por esta e cruzando a Av. Getúlio Vargas, contornando o Mercado Central até a linha da Estrada de Ferro, acompanhando-a até encontrar o Rio Itapecuru. Morro Santo Antonio Compreende a Capela Santo Antonio no bairro Ponte, edificada no topo do Morro do mesmo nome, as encostas e escadaria existentes que dão acesso ao templo.

Fábrica Francastro

Compreende a edificação original sede da Fábrica do mesmo nome, localizada no Bairro Ponte.

Balneário Hidromineral

Área paisagística composta por fonte de água mineral sulfurosa, lago que contém lama negra com propriedades medicinais e extensa reserva florestal, totalizando 40 hectares. (Decreto de Tombamento Nº 11.681/90).

O mapa anterior nos mostra a área de tombamento efetuada pela Lei Estadual em 1990 que compreende desde o Morro do Alecrim até o Bairro Ponte especificamente a Igreja de Santo Antonio, Balneário Veneza. Vale ressaltar que o passeio a pé só é feito no Centro da cidade. As outras áreas por serem distantes, as visitas são feitas com o poio de transporte.

O percurso escolhido pelo Centro Histórico para a caminhada com os estudantes tem início no Centro Histórico, começamos a conversa em frente ao Centro de Cultura (antiga fábrica de tecido), por ser uma um prédio tombado e por onde começa a memória da Caxias fabril, pensada a partir das elites econômicas do século XIX. O monumento marca a presença da belle époque e imponência das construções arquitetônicas do período.



Fig. 43. Alunos do 9ª ano da U. I.M. João Santino Torres – Povoado Cabeceira de São Pedro- 3º Distrito de Caxias - 2008.

Fonte: acervo particular da autora



Fig. 44. Alunos da Tuma do 2º ciclo da EJA-Educação de Jovens e Adultos da U. I. M. Antonio Edson– 2009.

Fonte: acervo particular da autora

As figuras 43 e 44 formam o acervo de fotografias que compõem a realização do projeto. Os passeios são feitos por alunos tanto de Caxias, como alunos de outras cidades e localidades próximas. A primeira imagem são os alunos da zona rural, que conheceram a história que faz parte da sua região e de que eles não tinham conhecimento. Muitos dos alunos não conheciam o Centro Histórico, esporadicamente, veem a cidade somente para fazer algumas compras e tirar documentos, muitos sem conhecer a localidade.



Fig. 45- Alunos e professores da U.I.M. Senador Alexandre Costa-Codó, ao fundo Fachada da Prefeitura Municipal

FONTE: acervo particular da autora



Fig. 46- Fachada da igreja de N. S. do Rosário dos Pretos - 2012

FONTE: acervo particular da autora

O próximo percurso da caminhada são as praças Dias Carneiro, figura 45, onde os alunos e professores escutam atentamente as primeiras histórias sobre a transformação do antigo Mercado Central na Prefeitura Municipal, observam os detalhes

coloniais do prédio, e as modificações no interior do mesmo. Na afigura 46, os participantes conhecem a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, percebem in loco suas características em estilo barroco representados nas imagens dos santos no interior da igreja. São instigados a registrar o que veem nas fachadas, na torre, no entorno da igreja como forma de captar os detalhes do lugar.



Fig. 47- Conversa com alunos da U.I.M.
Deborah Pereira
FONTE: acervo particular da autora



Fig. 48 – Alunos da Escola Municipal Magnólia Costa- São João do Sóter na Praça Gonçalves Dias
FONTE: acervo particular da autora

O passeio continua pela Praça Dias Carneiro, figura 47, quando explico o significado da denominação de Praça do Panteon, os participantes ficam atentos as explicações sobre os poetas reunidos na Praça. Outro percurso da caminhada é a Praça Gonçalves Dias representada na figura 48, momento em que as mudanças são muito significativas, porque podemos perceber ao entorno da Praça que muitos casarões antigos estão sendo modificados sem autorização.

O professor, por sua vez, também pode perceber que a cidade, a comunidade ou bairro onde trabalha, existe inúmeras possibilidades de trabalhar com a identidade local de seus alunos e poder realizar um bom trabalho de Educação Patrimonial. Afinal, a alma da cidade é formada por seus moradores, (LONDRES, p.09). Para Carneiro (2005, p. 340), “a educação do olhar se torna de extrema importância para o futuro da sociedade”.

Através dos passeios, a curiosidade dos alunos pode ser despertada em conhecer o passado e acordar para a reflexão, os alunos podem desenvolver a capacidade de perguntar sobre outros tempos, sobre o lugar onde vivem e sobre os diferentes objetos existentes na sociedade.

Uma caminhada no Centro Histórico é parte integral do processo de aprendizado sobre o seu significado e sua conservação. Os alunos devem saber para que estão fazendo a visita, ter atividades específicas como conhecer o mobiliário das casas para ver e registrar, ou seja, um roteiro básico de observação preparado pelo professor, que ao mesmo tempo auxiliará e provocará discussões sobre a conservação e as mudanças ocorridas na área. (HORTA, 199, p. 28).



Fig. 49- Alunos caminhando até o adro da Igreja da Catedral - 2008
FONTE: acervo particular da autora



Fig. 50 - Professores de História da Rede Municipal - 2008
FONTE: acervo particular da autora

O percurso segue na rua 1º de agosto passando pela Igreja de Nossa dos Remédios, na tomada da figura 47, alunos do Ensino Fundamental da cidade de Codó conheceram a Igreja e o relógio datado do século XIX. Ao lado temos a figura 48, nesta estão os Professores do município, aos quais participaram da experiência de trabalhar as aulas de História, além da sala de aula. Esta visita com os Professores fez parte das sugestões de atividades propostas aos docentes para que possam trabalhar a temática do patrimônio e da educação patrimonial nas aulas de História e Pedagogia. Pois no município não há uma Proposta Pedagógica inserida nos currículos escolares

Nas figuras abaixo (51 e 52), respectivamente, temos os alunos da U.I.M. Deborah Pereira em uma das visitas na Academia Caxiense de Letras, localizada na rua 1º de Agosto, onde guarda os escritos dos principais literatos de Caxias. O segundo grupo são acadêmicos do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, o lugar ao fundo é o casarão do Comendador Alderico Sila, em estilo colonial, futuramente será aberto ao público com a finalidade de expor os móveis antigos que ainda existem na casa.



Fig. 51- Academia Caxiense de Letras -
Alunos da U.I.M. Deborah Pereira
FONTE: acervo particular da autora



Fig. 52- Entrada do casarão do Com. Alderico
Silva
FONTE: acervo particular da autora

A exploração educativa do patrimônio histórico, de forma sistemática poderá permitir o desenvolvimento de múltiplos saberes e competências, articulando aspectos teóricos e práticos, estimulando uma atitude de descoberta por parte dos participantes, mas sem esquecer o componente lúdico dos estudantes. Na figura 53, temos os acadêmicos de Pedagogia que participaram do passeio, também no sentido de pensar em outras metodologias para aplicar em sala de aula na educação infantil, temos ainda os Professores da rede municipal, atentamente escutam as explicações sobre o largo da Catedral.



Fig. 53- Acadêmicos do Curso de Pedagogia-
UEMA
FONTE: acervo particular da autora

Segundo Horta (1999, p. 260),

Os Centros Históricos de muitas cidades do Brasil são excelentes para estimular o professor e seus alunos a estabelecer e compreender as

relações fundamentais entre o presente, o passado, e as mudanças nos modos de vida das pessoas que neles viveram, assim como nas próprias cidades. O professor e seus alunos têm a oportunidade de aprender juntos sobre o Centro Histórico, já que este permite um amplo campo de investigação, que desperta interesse tanto numa criança aos primeiros anos de aprendizagem, como nos adolescentes.



Fig. 55 - Alunos do 6º Ano da U.I.M. Antonieta Castelo- Aldeias Altas
FONTE: acervo particular da autora



Fig. 56 - Alunos do Programa BB Educar da Secretaria Municipal de Educação de Caxias.
FONTE: acervo particular da autora

Os passeios pelos monumentos históricos também despertam curiosidade em crianças, figura 56, e idosos, como podemos perceber na figura 55. Para eles, há um encantamento com a história da cidade, numa dicotomia entre os que já viveram e sentem a cidade, porém ficam admirados com a descoberta através de outro olhar, no caso dos idosos, e os que ainda não conhecem, que ainda estão em formação e descobrindo o mundo, no caso das crianças. Essa aprendizagem é denominada de *literacia* histórica, citada anteriormente. Para Schimidt: Cainelli, (2009, p. 66), “o significado da aprendizagem histórica é transformar informações em conhecimentos”. Dessa forma, a finalidade do ensino de História é levar à população os conteúdos, os temas, os métodos, os procedimentos e as técnicas indispensáveis para produzir o conhecimento histórico.



Fig. 57- Alunos da U.E.M. Magnólia Costa
- São João do Sóter

FONTE: acervo particular da autora



Fig. 58- Alunos da U.I.M. Guiomar
Assunção

FONTE: acervo particular da autora



Fig. 59- Alunos da U.E.M. Magnólia Costa
- São João do Sóter ao fundo Igreja de
Santo Antônio

FONTE: acervo particular da autora

O passeio é concluído quando chegamos as Ruínas do Quartel da Balaiada figura 57, os estudantes mantêm contato com as histórias do passado tanto do conflito da Balaiada, simbolizados por estátuas a frente do Memorial da Balaiada, como no presente, em forma de patrimônio arquitetônico.

Ao adentrarmos, (figura 58), somos recebidos por um guia que nos explica todos os artefatos, documentos, vestígios que estão em evidência no acervo do Memorial, todos passam a conhecer uma maquete de como era a cidade de Caxias no período da Balaiada. Todo o percurso é feito a pé com exceção das Igrejas de Nossa Senhora de Nazaré e

Santo Antônio, na antiga Estação Ferroviária como mostra a figura 59, o deslocamento para esses prédios são feitos através de transporte.

Nesse sentido, a questão sobre conhecer para preservar o patrimônio é feito com a intervenção de professor de forma planejada, que fomenta o desenvolvimento de olhar dos estudantes, visando a construção do conhecimento. Carneiro defende que,

Devem ser eleitos métodos e atividades que aperfeiçoam experiências de aprendizagem ricos em situações de compartilhamento, nas quais os alunos possam opinar, assumir responsabilidades, colocar-se, resolver problemas e conflitos, refletir sobre as consequências. (CARNEIRO, 2005, p. 39).

A vantagem do trabalho da observação é direta com o objeto observado. Dessa forma, ao compartilhar a experiência de caminhar com os alunos pelo Centro Histórico de Caxias, tentamos despertar, nos alunos, os sentidos com vista a adquirir os conhecimentos necessários para o aprendizado do cotidiano e incentivar a reflexão acerca do sentido de pertencimento do lugar.

A prática da aula de campo que é desenvolvida pelos professores torna-se uma importante oportunidade e mediar operacionalizar os conceitos trabalhados em sala de aula e mediar os conhecimentos sobre o patrimônio cultural da humanidade e a cultura do próprio educando. O estudante irá interagir com o patrimônio material como construções antigas, museus, com seu acervo de quadros, esculturas, exposições documentais e tecnológicas, e assim por diante, percebendo a produção material de sua sociedade, o desenvolvimento técnico de uma comunidade e a variabilidade destes artefatos. (SANTOS; ABRANTES, 2012, p.17)

Se o Patrimônio exige atenção e respostas adequadas por parte das autoridades responsáveis, pela sua defesa e preservação, requer, também, um tratamento educativo que sensibilize as jovens gerações, facultando-lhes os meios necessários à sua “leitura”, através de uma linguagem atraente e acessível.

Cada vez mais sentimos a necessidade de produzir conhecimentos fora do espaço escolar, como maneira de reforçar a possibilidade pesquisa sobre o lugar em que se vive, construindo a história local. Isso significa que, numa sociedade dominada pela tecnologia, exige dos professores, em especial os de História, repensar sua prática pedagógica na construção do conhecimento histórico dos sujeitos e para os sujeitos.

Portanto, a Educação Patrimonial pode ser desenvolvida de diferentes formas, sempre de acordo com cada realidade e com diferentes objetivos. O que deve unir as ações de Educação Patrimonial é o foco no patrimônio cultural em suas diversas manifestações (materiais, imateriais, naturais, etc), bem como que os processos

educativos devem primar pela construção coletiva e democracia do conhecimento, no sentido de formar cidadãos conscientes de sua própria existência e, sobretudo, da permanência no mundo, tornando os seus alunos mais críticos.

Na perspectiva de Cristina Freire,

Os monumentos espalhados pela cidade, assim como as antigas esculturas gregas nos jardins da Antiguidade, funcionam no mundo moderno como o elo eterno do passado(que representam) e o futuro para o qual se dirigem. Ligam ainda o “eu” a todos os outros de uma comunidade ausente. O trabalho com os monumentos no ensino de História é muito importante na ressignificação de seus significados históricos e dos papéis desempenhados pelos sujeitos na construção dos monumentos. (In: Schmidt; Cainelli, 2003, p. 153),

Nesta Dissertação, foi dada especial atenção ao estabelecer uma aproximação da teoria e da prática vivenciada com os alunos, especialmente pelo viés de trabalhar com o patrimônio histórico cultural, em especial o patrimônio edificado de Caxias, através das discussões sobre o significado desses monumentos e a relação construída no sentido de criar uma identidade particular a cidade de Caxias que também leva à aproximação com a relação patrimônio e a vida cotidiana.

Percebemos que ainda existem carências quanto a preservação desse patrimônio construído no passado, ora por falta de atenção e valor aos bens culturais locais, ora por falta de incentivo em preservá-los. Partimos da reflexão sobre o processo e os resultados deste estudo em que a metodologia da Educação Patrimonial está relacionada com o Ensino de História. e que pode contribuir para a formação da consciência histórica dos alunos das escolas de Caxias.

A Educação Patrimonial é pouco trabalhada nas escolas de Caxias, são poucos os professores que trabalham, de forma tímida, a temática patrimônio. Em suma, promovem passeios a partir da criação do Projeto “Caminhar pela Cidade” e da divulgação do mesmo nas escolas. Dessa forma, outro objetivo deste produto de Mestrado é propor atividades aos docentes do município, para que possam utilizar como suporte para as aulas de história e deixá-las mais prazerosa, atraente e dinâmica.

4.2 PRODUTO FINAL: Sugestão de material para a inclusão da Educação Patrimonial nas escolas de Caxias como suporte para as aulas de História

Pensar num material que auxiliasse a inclusão da metodologia da Educação Patrimonial nas aulas de História surge da necessidade de desmistificar o discurso da impossibilidade, que é recorrente na fala de muitos docentes. A proposta desse material tem por finalidade a utilização como metodologia da Educação Patrimonial em sala de aula e promover a discussão dessa temática entre professores e alunos de forma interativa e na produção de conhecimento. Uma educação voltada para o conhecimento e valorização da memória local promoverá maior identificação de todos com a história do lugar em que vive.

Nossa intensão com o presente trabalho é oferecer uma contribuição aos professores de História, relatando minha a experiência em desenvolver o Projeto “Caminhar pela Cidade” com os alunos das escolas de Caxias, apresentar sugestões de atividades que envolvam o ensino de História e a educação para o patrimônio. A pesquisa mostrou que na atualidade é imprescindível trabalhar as aulas de História além dos conteúdos do livro didático em sala de aula, sendo, até mesmo, uma exigência do Ministério da Educação como prever a portaria normativa nº 07 do Ministério da Educação,

o trabalho de conclusão final poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, 7 do Ministério da Educação, o trabalho de conclusão final do curso: II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia 07 a 09 de outubro de 2010 ISBN: 2178-6135 Artigo número: 84 protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística; sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente propostos e aprovados pela CAPES (DOU, 23/06/2009)”

O material educativo proposto tem os seguintes objetivos :

OBJETIVO GERAL:

Propor um material capaz de auxiliar o professor no desenvolvimento de atividades de Educação patrimonial com alunos das escolas de Caxias e ainda contribuir para a formação de agentes co-responsáveis na preservação do patrimônio cultural da cidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o história do patrimônio material local;
- Investigar a relevância da Educação Patrimonial, para a construção do conhecimento histórico escolar;
- Destacar as atividades prévias para professores e alunos sobre a história de Caxias- MA, partindo de um processo reflexível

APRESENTAÇÃO O material educativo proposto tem os seguintes objetivos :

OBJETIVO GERAL:

Propor um material capaz de auxiliar o professor no desenvolvimento de atividades de Educação patrimonial com alunos das escolas de Caxias e ainda contribuir para a formação de agentes co-responsáveis na preservação do patrimônio cultural da cidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer o história do patrimônio material local;
- Investigar a relevância da Educação Patrimonial, para a construção do conhecimento histórico escolar;
- Destacar as atividades prévias para professores e alunos sobre a história de Caxias- MA, partindo de um processo reflexível

O presente trabalho constitui o Produto educacional obtido a partir da Dissertação de mestrado, que se intitula “Educação Patrimonial em Caxias MA-Mosaico de Memórias”, desenvolvida durante o curso de Mestrado Profissional em História, Ensino e Narrativas, ofertado pela Universidade Estadual do Maranhão, sob a orientação do Prof. Dr^a. Alan Kardec Gomes Pachêco Filho.

A pesquisa teve como embasamento teórico os estudos sobre a Memória, Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial e buscou relacionar essas categorias com o ensino de História visa a elaboração de com atividades que possa contribuir para o processo de ensino e aprendizagem a partir desta relação para a melhoria da prática profissional no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem e para desenvolvimento de capacidades específicas nos alunos.

A preservação do patrimônio local e da memória dos lugares se tornaram frequentes e fazer a leitura da cidade a partir das aulas de História é buscar despertar nas escolas caxienses a importância da identidade cultural e da memória. A intenção de produzir um material didático, que possa auxiliar com sugestões de atividades para os professores utilizarem em sala de aula ou fora dela.

A Educação Patrimonial é um trabalho permanente de envolvimento de todos os segmentos que compõem a comunidade, visando à preservação das marcas e manifestações culturais locais. A produção de um material de apoio como produto final da Dissertação visa dar suporte durante as aulas de História com informações sobre a cidade. Com ele surge a necessidade de criar instrumentos para as escolas desenvolverem estudos sobre Patrimônio, que possa proporcionar ao aluno entender a realidade em que o mesmo está inserido, e a partir disso, preservar, valorizar e sentir orgulho de sua História, cuidando do patrimônio cultural e ser um agente propagador destes valores relacionadas ao patrimônio local, tanto de natureza material quanto a imaterial de Caxias Maranhão.

O material educativo foi elaborado para que possa divulgar informações sobre o patrimônio histórico e cultural destinado para alunos e professores da Rede Pública e Particular de Ensino de Caxias, cujo objetivo é educar para preservar o patrimônio, e garantir o fortalecimento da autoestima das comunidades pelo reconhecimento e valorização de sua cultura. O material ficou sistematizado da seguinte forma:

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ENSINO E
NARRATIVAS**

AUTORA

JOANA BATISTA DE SOUZA

MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA, ENSINO E NARRATIVAS

UEMA - SÃO LUÍS

ORIENTADOR

DR. ALAN KARDEC GOMES PACHÊCO FILHO

SÃO LUÍS

2016



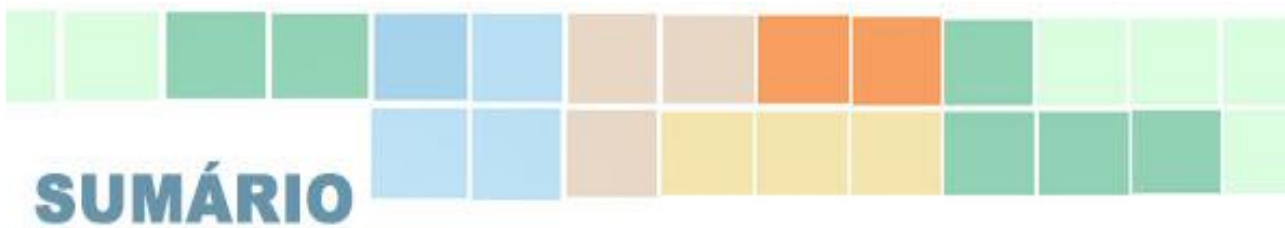
Suporte pedagógico

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM CAXIAS MA

MOSAICO DE MEMÓRIAS



Autora: JOANA BATISTA DE SOUZA



1. Apresentação.....	01
2. Localização Caxais.....	02
3. O que é Patrimônio.....	03
4. Educação Patrimonial: O que é?.....	06
5. Identificação e seleção dos locais considerados patrimônio.....	08
6. Roteiro de passeio pelo Centro Histórico.....	09
7. O uso de fontes iconográficas.....	10
8. Sugestões de Atividades para serem aplicadas em sala de aula.....	11



APRESENTAÇÃO

Caro Professor,

O material educativo intitulado “**Educação Patrimonial em Caxias-MA: mosaico de memórias**” foi concebido na perspectiva de colaborar com a inserção do tema da Educação Patrimonial no processo de ensino e aprendizagem. Aliás, tornar Educação Patrimonial um tema presente nas agendas educacionais, foi elaborado para que possa divulgar informações sobre o patrimônio histórico e cultural destinado para alunos e professores da Rede Pública e Particular de Ensino de Caxias, cujo objetivo é educar para preservar o patrimônio, e garantir o fortalecimento da autoestima das comunidades pelo reconhecimento e valorização de sua cultura e fortalecer o sentimento de pertencimento à cidade por meio do conhecimento da História de Caxias, através da metodologia da Educação Patrimonial. Com ele surge a necessidade de criar instrumentos para as escolas desenvolverem estudos sobre Patrimônio, que possa proporcionar ao na qual está inserido, e a partir disso, preservar, valorizar e sentir orgulho de sua História, cuidando do patrimônio cultural e ser um agente propagador destes valores relacionados ao patrimônio local, tanto de natureza material quanto a imaterial de Caxias Maranhão. A educação patrimonial deve servir de instrumento que garanta o direito à memória e à cidadania envolver a comunidade, levando-a a apropriar-se e usufruir do patrimônio como fonte e metodologia de ensino.

A Autora

LOCALIZAÇÃO

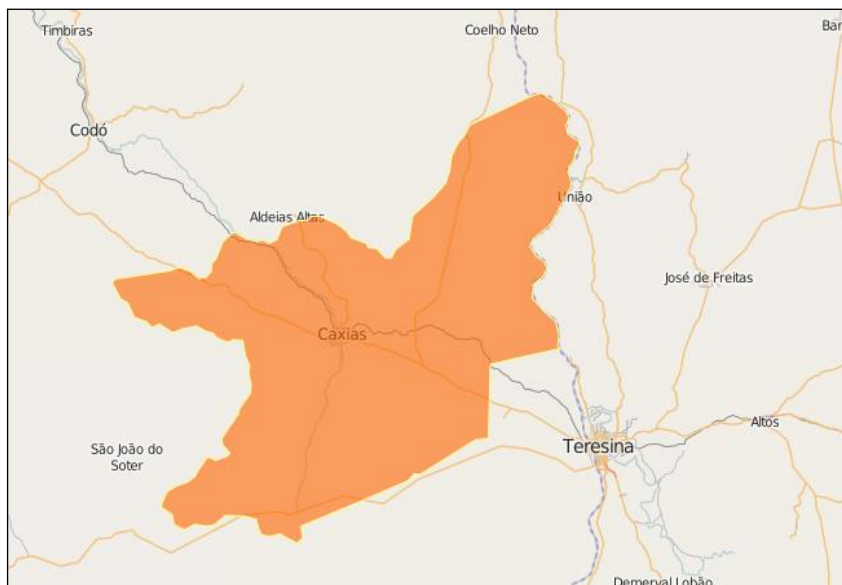
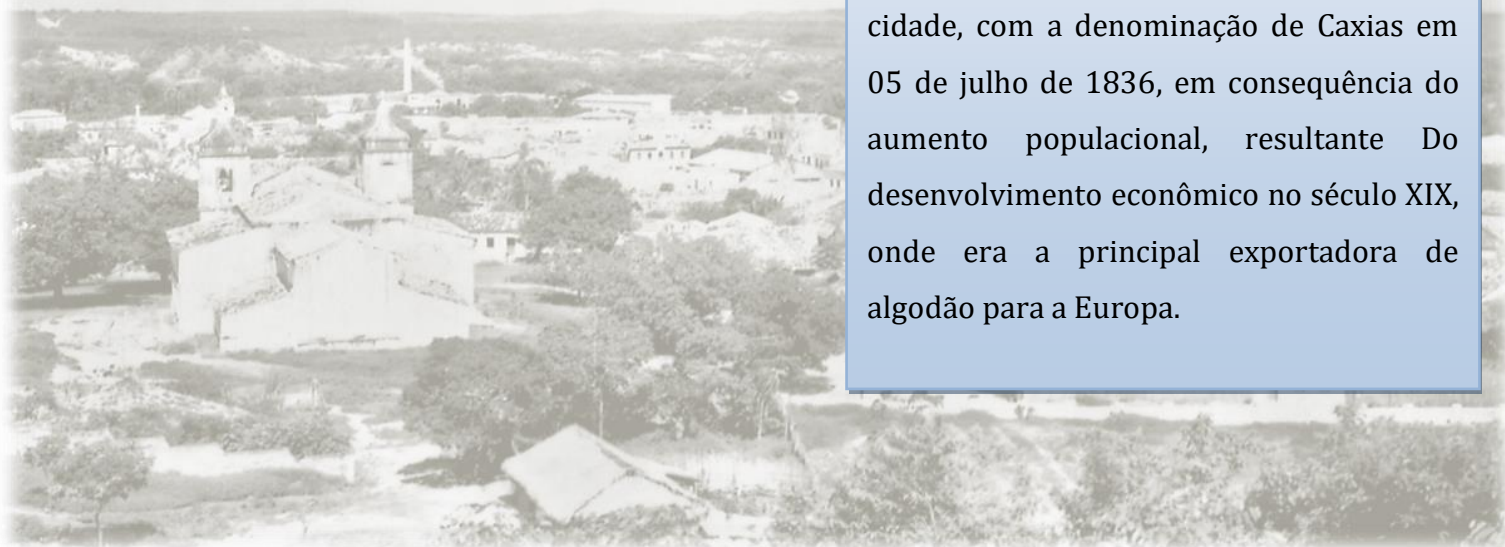


Fig. 60- Mapa dos limites de Caxias
Fonte: IBGE

Caxias está situada a 360 km da capital São Luís, tem como limites de as cidades de Aldeias Altas, Coelho Neto, Codó, São Joao do Sóter, Matões, Timon e próxima de Teresina capital do Piauí.

Sua história tem início por volta de 1716, às margens do rio Itapecuru nas terras mais planas e mais altas das Aldeias Altas. Seu processo de urbanização inicia-se com a chegada dos jesuítas que formaram as primeiras missões catequéticas.

Elevada à categoria de Vila em 31 de outubro de 1811, é denominada Caxias das Aldeias Altas, passando à categoria de cidade, com a denominação de Caxias em 05 de julho de 1836, em consequência do aumento populacional, resultante Do desenvolvimento econômico no século XIX, onde era a principal exportadora de algodão para a Europa.





PATRIMÔNIO

O QUE SIGNIFICA?

São todos os bens, materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma pessoa ou um povo possui ou consegue acumular.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN baseado na Constituição Brasileira de 1988, amplia a noção de patrimônio cultural que pode ser **classificado de diversas formas: patrimônio material, imaterial, ambiental ou natural** além de oficializar a responsabilidade do Estado, em seu artigo 216,

considera como patrimônio cultural todos os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.



Fig.61 - Centro de Cultura (antiga fábrica têxtil)

Ilustração: Joana Batista

Patrimônio cultural

É o conjunto de bens, de natureza material e/ou imaterial, que guarda em si referências à identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos sociais.

É um elemento importante para o desenvolvimento sustentado, a promoção do bem-estar social, a participação e a cidadania. (HORTA, 1999).

Patrimônio cultural

Divide-se em:

a) Formas de expressão: literatura, música, danças, rituais, teatro, vestuário, pinturas corporais, etc.

b) Os modos de criar, fazer e viver: a culinária, o artesanato, as telhas coloniais modeladas pelas escravas nas próprias coxas, etc.~

c) Criações científicas, artísticas, tecnológicas e documentais:

- **Científicas:** o mapeamento do DNA, a criação de variedades de café brasileiro, etc;

- **Artísticas:** Pampulha, Brasília, as obras de Aleijadinho, Anita Malfatti, Villa Lobos, o baião, o forró, os cocares indígenas, as pinturas rupestres, etc;

- **Tecnológicas:** o biodiesel, o 14 Bis de Santos Dumont, etc;

- **Documentais:** a legislação, teses, tratados, compêndios, cartas cartográficas, registros cartoriais, livros de batismo, óbitos, casamentos, etc. (HORTA, 1999).



O PATRIMÔNIO DE CAXIAS-MA

PATRIMÔNIO MATERIAL

Imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.



Fig. 62 - Palácio Episcopal
Fonte: Acervo particular da autora

PATRIMÔNIO IMATERIAL

São as tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; expressões artísticas; práticas sociais; conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; técnicas artesanais tradicionais, rituais e atos festivos. (HORTA, 1999).



Fig. 63 - Caminhada do Mastro de São Sebastião
Fonte: Acervo da autora

PATRIMÔNIO AMBIENTAL OU NATURAL

São os monumentos naturais, os sítios e as paisagens.



Fig. 64. Balneário Venezia
Fonte: acervo particular da autora

Por que preservar

Cada indivíduo é parte de um todo – da sociedade e do ambiente onde vive – e constrói, com os demais, a história dessa sociedade, legando às gerações futuras, por meio dos produtos criados e das intervenções no ambiente, registros capazes de propiciar a compreensão da história humana pelas gerações futuras.

A destruição dos bens herdados das gerações passadas acarreta o rompimento da corrente do conhecimento, levando-nos a repetir Incessantemente experiências já vividas.

Atualmente, a importância da preservação ganha novo foco, decorrente da necessária consciência de diminuirmos o impacto sobre o ambiente, provocado pela produção de bens. A preservação e o reuso de edifícios e objetos contribuem para a redução de energia e matéria-prima necessárias para a produção de novos.

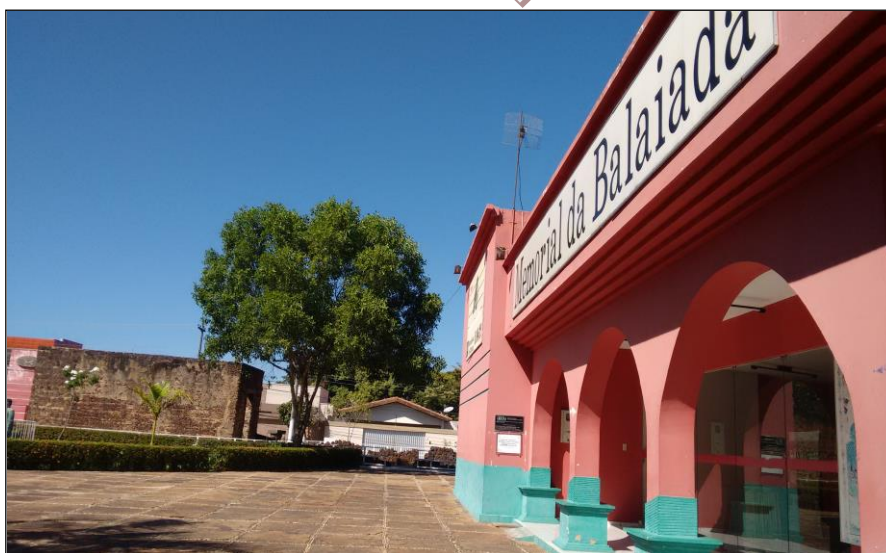


Fig. 65. Memorial da Balaiada

Fonte: acervo da autora

São vidas,
famílias,
histórias que
gritam, que
dançam em
nossa frente,
apresentando
um passado
que na verdade
não passou,

ainda está vivo e presente. Cada objeto, cada imóvel, cada lugar, cada monumento nos revela quem somos e como chegamos aqui. O que em nós foi recebido de herança? Muitas vezes nem percebemos, mas vivemos exatamente como nossos pais. O que vamos deixar de herança? Cabe a cada um de nós definir o que será passado, e como será para as futuras gerações.



Como preservar?

Para preservar o patrimônio é necessário, inicialmente, conhecê-lo através de inventários e pesquisas realizadas pelos órgãos de preservação, em conjunto com as comunidades.

O passo seguinte será a utilização dos meios de comunicação e do ensino formal e informal para a educação e informação das comunidades, visando desenvolver o sentimento de valorização dos bens culturais e reflexão sobre as dificuldades de sua preservação. (GHIRARDELLO; SPISSO, 2008)

O que é tombamento?

É um conjunto de ações, realizadas pelo poder público e alicerçado por legislação específica, que visa preservar os bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e afetivo, impedindo a sua destruição e/ou descaracterização. (GHIRARDELLO; SPISSO, 2008)

Por que o nome tombamento?

É o ato de tombar, ou seja, inventariar, arquivar, registrar coisas ou fatos relativos a uma especialidade ou região, para proteger, assegurar, garantir a existência por parte de algum poder. Este nome tem origem em Portugal, vem da Torre do Tombo, ou do Arquivo (uma das torres do Castelo de São Jorge), onde eram guardados documentos importantes que hoje fazem parte do Arquivo Central do Estado Português. Um monumento é antes de tudo uma referência a um momento na trajetória histórico-cultural de um povo. (GHIRARDELLO; SPISSO, 2008)



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL (Heritage Education)

O QUE SIGNIFICA?

A Educação Patrimonial consiste em um “processo permanente e sistemático”, centrado no “Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”,

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).



A meta que se deve ter em vista, portanto, é de despertar no educando a curiosidade, o desejo e o prazer de conhecer e de conviver com os bens culturais enquanto patrimônio coletivo, e de levá-lo a se apropriar desses bens enquanto recursos que aprimoram sua qualidade de vida, e que contribuem para seu enriquecimento enquanto pessoa e cidadão.

COMO APLICAR A METODOLOGIA?

A metodologia se aplica, a qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

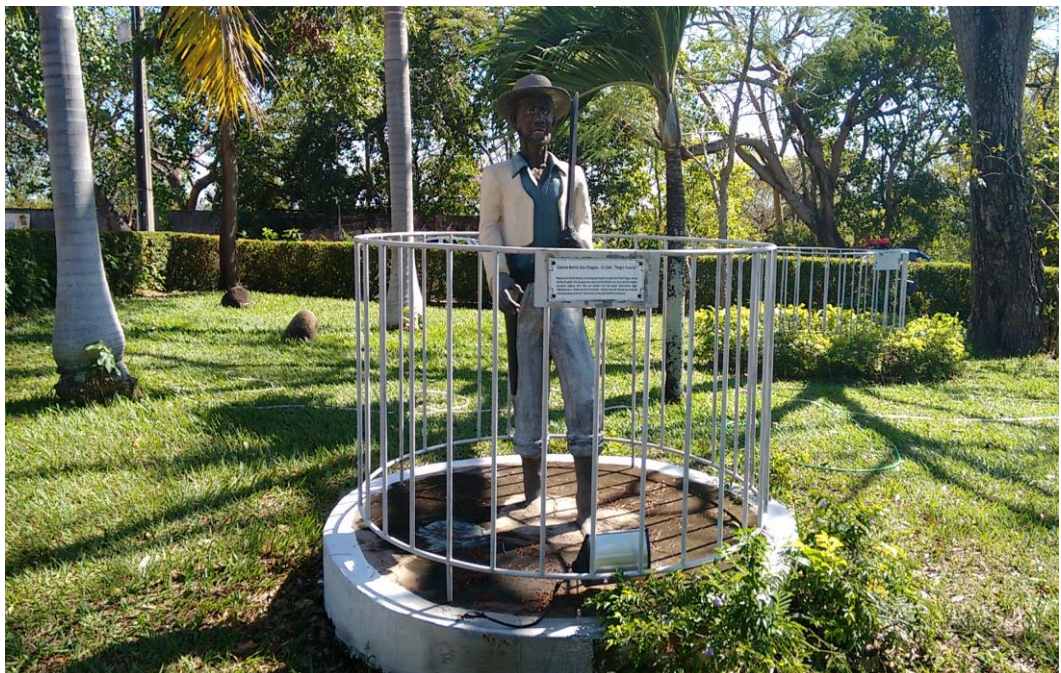


Fig. 66. Escultura de Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme
Um dos líderes da Revolta da Balaiada
Fonte: Acervo Memorial da Balaiada

A política de Educação Patrimonial do IPHAN está estruturada em três eixos de atuação:

- a) **Inserção do tema Patrimônio Cultural na educação formal.** É de essencial importância levar a reflexão sobre a preservação do patrimônio à rede formal de ensino.
- b) **Gestão compartilhada das ações educativas.** A principal estratégia é o fomento à Rede Casas do Patrimônio, que busca reconhecer o protagonismo local das ações educativas de valorização do Patrimônio Cultural, articulando agentes e instituições que possuam envolvimento com o tema e com os bens culturais. Procura-se, ainda, ampliar a capilaridade e privilegiar ações descentralizadas de uma política pública de Educação Patrimonial, em uma perspectiva de construção coletiva que envolva as três instâncias de governo.
- c) **Instituição de marcos programáticos no campo da Educação Patrimonial.** Em razão da ampliação do conceito de patrimônio e da multiplicação de ações educativas em todo o país, há necessidade de normatizar e garantir o cumprimento de diretrizes mínimas da Política Nacional de Educação Patrimonial. Essas diretrizes foram consolidadas nos seguintes documentos: *Carta de Nova Olinda (2009)*, *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural (2009)* e *Documento do II Encontro Nacional de Educação Patrimonial (2011)*.

ETAPAS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Muitas atividades deverão ser empreendidas, com a finalidade de descrever, registrar, difundir os valores, tomar medidas para manter, conservar e restaurar os bens culturais. Para a consecução desses objetivos, a partir de uma proposta metodológica que envolve quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais (a saber: observação, registro, exploração e apropriação).

ETAPAS	Objetivos	Recursos
Observação	Identificação do objeto, sua função e significado; desenvolvimento da percepção visual e simbólica.	Exercícios de percepção visual e sensorial por meio de perguntas, experimentações, medições, anotações, jogos, etc.
Registro	Fixação do conhecimento percebido, aprofundamento da observação e análise crítica; desenvolvimento da memória e do pensamento lógico, intuitivo e operacional.	Desenhos; descrição verbal ou escrita; gráfico; fotografias; maquetes; mapas e plantas baixas.
Exploração	Desenvolvimento da capacidade de análise e julgamento crítico; interpretação das evidências e significados.	Análise do problema; levantamento de hipóteses; discussão; avaliação; pesquisa em outras fontes como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais e revistas.
Apropriação	Envolvimento afetivo; internalização; desenvolvimento da capacidade de autoexpressão; apropriação; participação criativa; valorização do bem cultural.	Recriação, releitura, dramatização; interpretação por meio de diferentes formas de expressão como pintura, escultura, drama, dança, música, poesia, texto, filme e vídeo.



IDENTIFICAÇÃO DOS BENS MATERIAS



Fig. 67- Igreja Catedral
Ilustração : Joana Batista

Às ações educativas através da Educação patrimonial, são um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de nossa cultura. Seu objetivo geral é, nesse sentido, justamente conduzir os jovens a uma nova forma de visão,

permitindo-lhes reconhecer valores que, sem sua participação, viriam fatalmente a desaparecer de nossas vidas. As atividades de identificação de um monumento, de objetos seguem alguns critérios para serem aplicados durante a realização. Existem monumentos cosntruidos especialmente para celebrar ou relembrar algum episódio, momento ou personagens de nossa história, criado por arquitetos, escultores, etc.

QUADRO APLICADO À IDENTIFICAÇÃO PARA O ESTUDO DE UM MONUMENTO

Presente	Passado	Influencia do passado no presente
Como é o lugar hoje?	Como era o lugar antes no passado ?	Que elementos do passado podemos ver hoje?
Por que este lugar é assim hoje e como se diferencia ou se assemelha a outros lugares?	Por que este lugar era deste modo no passado? Como e porque ele se diferenciava ou se assemelhava a outros lugares no passado?	Que influencia estes elementos tiveram sobre este lugar, e como esta influencia se diferencia ou se assemelha ao que aconteceu a outros lugares ?
De que maneira este lugar se relaciona com outros lugares?	De que maneira este lugar estava relacionado com outros lugares?	De que modo as relações existentes no passado influenciam este lugar e o modo em que ele se relaciona hoje com outros lugares ?
Como este lugar está mudando e por que?	Que mudanças aconteceram neste ao longo do tempo e por quê?	Como as mudanças ocorridos estão refletidas hoje, neste lugar?
Como seria viver neste lugar, hoje?	Como seria viver neste lugar, no passado?	Como o passado influencia a modo e a experiência de viver neste lugar?

A utilização deste quadro de identificação pode ser aplicado no monumento ao lado.

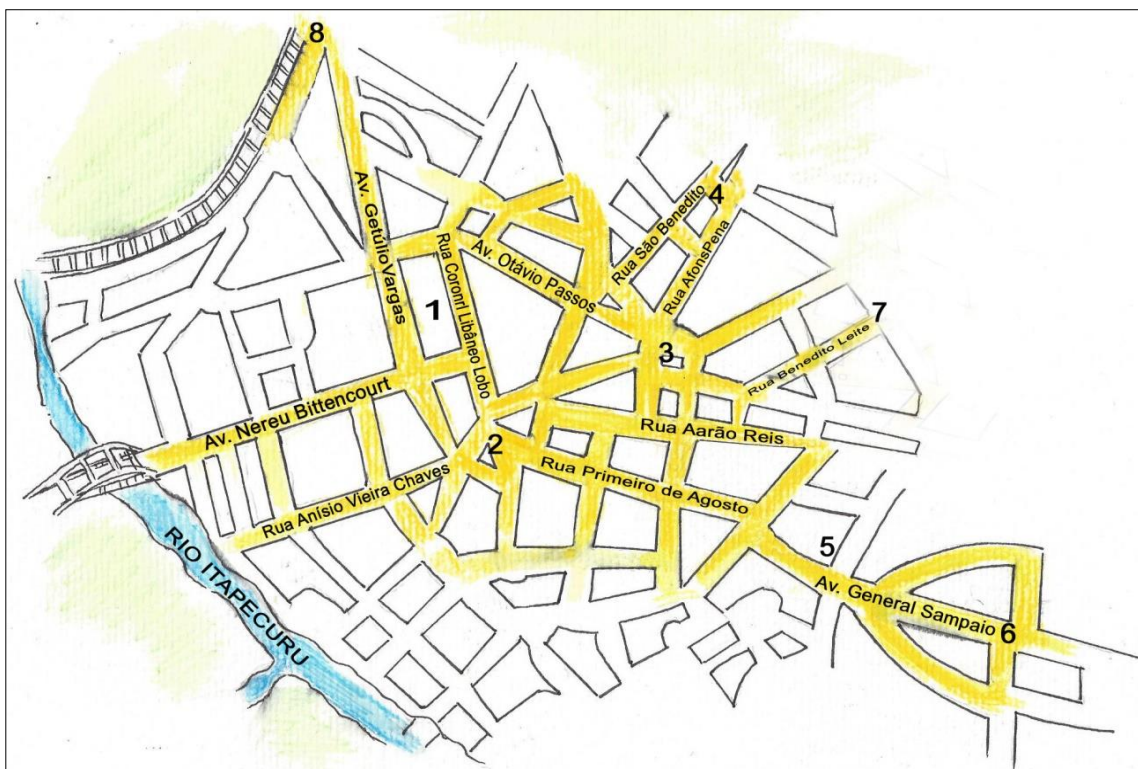
O casarão do Antigo Fórum Desembargador Arthur Almada Lima, um prédio imponente com arquitetura neoclássica, localizado na praça Gonçalves Dias. Nas décadas de 60 e 70 abrigou duas Escolas públicas da rede Estadual de Ensino: Grupo Escolar João Lisboa e Grupo Escolar Gonçalves Dias.





ROTEIRO HISTÓRICO

ROTEIRO DO CENTRO HISTÓRICO DE CAXIAS - MA



LIMITE DE TOMBAMENTO

LEGENDA

1. Praça Dias Carneiro (Panteon)
2. Praça Cândido Mendes
3. Praça Gonçalves Dias
4. Praça de São Benedito
5. Praça Magalhães de Almeida
6. Morro do Alecrim
7. Cemitério dos Remédios
8. Antiga Estação Ferroviária

Fig. 69-Mapa dos limites de tombamento do Centro Histórico de Caxias - MA

Ilustração: Joana Batista.

O mapa da página anterior nos mostra a área de tombamento do Centro Histórico de Caxias constante do processo nº 0834/90, referente ao Centro Histórico de Caxias/Maranhão. O Art. 2º - Recomendar que o tombamento solicitado seja precedido das exigências contidas nos Arts. 2º e 4º e/ou 7º, da Lei nº 3.999, de 05 de dezembro de 1987 (Arquivo do DPHAP-MA, 1990).

Centro Histórico

Inicia-se na interseção do Rio Itapecuru com a Rua Porto das Pedras, seguindo por esta e incluindo o casario do lado direito até encontrar a Rua Conselheiro Furtado. Dobra-se à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se pelas Ruas do Cotovelo e 13 de Maio, alcançando a Praça Magalhães de Almeida. Incluindo o casario do lado direito da Praça, sobe o Morro do Alecrim, contornando as ruínas do Forte e o Monumento ao Duque de Caxias. Neste ponto, desce a encosta à esquerda do morro até o cruzamento das Ruas Aarão Reis e Bom Jesus dos Passos, seguindo por esta até a Rua Dr. Berrêdo onde dobra-se à esquerda e, incluindo o casario do lado direito, segue-se até à esquina da Rua dos Grades. Dobra-se à direita, seguindo pela Rua dos Frades até seu cruzamento com a Praça do Cemitério dos Remédios, subindo por esta e incluindo seu casario do lado direito, contornando o Cemitério dos Remédios descendo pela mesma Praça do Cemitério dos Remédios até a Praça São Sebastião. Dobra-se à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se pela Rua da Tangerina, cruzando a Rua Nossa Senhora de Fátima, contornando a Praça Dom Marelim e o Cemitério São Benedito. Retornando pela Av. Santos Dumont até a Rua da Independência onde dobra à direita e, incluindo o casario do lado direito, segue-se até a esquina da Rua Siqueira Campos onde dobra-se à direita e segue-se até contornar a Capela de São Francisco e a Praça que lhe fica em frente. Retorna-se pela mesma Rua Siqueira Campos até a Rua Libânio Lobo, seguindo-se por esta até a esquina da Rua Agostinho Reis onde dobra-se à direita, continuando por esta e cruzando a Av. Getúlio Vargas, contornando o Mercado Central até a linha da Estrada de Ferro, acompanhando-a até encontrar o Rio Itapecuru. Morro Santo Antonio Compreende a Capela Santo Antonio no bairro Ponte, edificada no topo do Morro do mesmo nome, as encostas e escadaria existentes que dão acesso ao templo.

Fábrica Francastro

Compreende a edificação original sede da Fábrica do mesmo nome, localizada no Bairro Ponte.

Balneário Hidromineral

Área paisagística composta por fonte de água mineral sulfurosa, lago que contém lama negra com propriedades medicinais e extensa reserva florestal, totalizando 40 hectares. (Decreto de Tombamento Nº 11.681/90).(ALMEIDA, 2008)

O USO DE FONTES ICONOGRÁFICAS



Fig. 70-Armazém Caxias
Fonte: autor desconhecido

A fotografia em si é um valioso instrumento na produção de determinado tempo, ou seja:

Recuperar a cidade do passado implica, de certa forma, não apenas registrar lembranças, relatar fatos, celebrar personagens, reconstruir, reabilitar ou restaurar prédios, preservar materialmente espaços significativos do contexto urbano. Todo traço do passado pode ser datado através do conhecimento científico, ou classificado segundo um estilo preciso, mas o resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história. (PESAVENTO, 2005, pág. 10)

SUGESTÕES DE ATIVIDADES⁷

01- Conceitos a serem trabalhados dentro de sala de aula:(Matérias: História – Geografia) Você sabe o que é um bem?

Identificar os bens da cidade.

E os bens de sua família? Por que eles são importantes

Quando foram comprados ou produzidos?

A quem pertenceram e a quem pertencem atualmente

Serviam ou servem para que?

Você sabe o que é cultura?

O que seria um bem cultural? Porque eles são importantes?

Dê exemplos de bens culturais?

Você sabe dizer quais são os bens culturais de sua Cidade? O que é Patrimônio Cultural

O que é tombamento?

Identificar os bens culturais tombados em sua cidade

02- Jogo de Comparações – a ser trabalhado dentro de sala de aula: (Matéria: História - Geografia)

- Foto antiga de uma rua comparada com a foto atual.

- Bens que existiam e que não existem mais.

- O meio de transporte do passado e o atual.

- Como se vestiam as pessoas e como se vestem hoje.

- Faça uma entrevista com um parente mais velho sobre a sua vida na infância e adolescência: onde morava, onde estudava, se trabalhava, como brincava, lugares que freqüentava, músicas que ouvia, como se vestia.

03- Questionário - Reconhecendo a cidade – a ser trabalhado dentro de sala de aula: (Matéria: História, Geografia, Educação Artística)

Você conhece a história da sua cidade?

Historicizar a sua cidade.

⁷ As sugestões de atividades apresentadas podem ser modificadas mediante pesquisa dos bens culturais.

Desenhe a planta da sua cidade localizando os lugares e os prédios ou casas mais importantes.

Registrar as escolas, cinemas, igrejas, praças existentes na sua cidade.

Identificar os lugares de diversão que você mais frequenta. Escreva uma redação sobre este local.

Você sabe onde nasce o rio que passa por sua cidade? Qual a origem do nome do rio?

Faça um desenho do rio desde a sua nascente até chegar a sua cidade, identificando os lugares por onde passa.

Desenhe o caminho que você percorre para chegar na escola identificando as casas mais antigas

Enumerar as festas mais importantes da cidade e onde acontecem.

Descreva a festa que você considera a mais importante.

Em sua opinião, qual o bem cultural mais importante da cidade. Por que?

O que você acha que deve ser feito para se preservar os bens culturais da sua cidade.

Enumerar os problemas que a sua cidade apresenta.

Sugerir as soluções para estes problemas.

Como é a sua cidade dos sonhos?

04- Elaboração de inventário do acervo cultural da cidade: (Matéria: História e Geografia) Para compor a exposição a ser realizada.

05- Levantamento a ser trabalhado referente aos bens culturais da cidade contendo informações históricas (construtor, época da construção, primeiros moradores, usos, etc.) e fotografias. Utilizar uma planta cadastral recente da cidade ou localidade.

SUGESTÕES DE FICHAS DE INVENTÁRIO

FICHA INVENTÁRIO DOS LUGARES

1. NOME DO LUGAR

Localização

Distrito

Conselho

Freguesia

Local



IMAGEM

FICHA INVENTÁRIO DE EDIFÍCIOS**1. NOME DO EDIFÍCIO****Localização****Distrito****Conselho****Freguesia****Local**

IMAGEM

FICHA INVENTÁRIO DE TRADIÇÕES FESTIVAS

1. NOME DA TRADIÇÃO FESTIVA (PATRIMÔNIO IMATERIAL)

Localização

Distrito

Conselho

Freguesia

Local



IMAGEM

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda produção textual independentemente da categoria que se destina pressupõe um percurso. De algum modo, é estabelecido um ponto de partida e um ponto de chegada, que não são aleatórios, mas decorrem dos objetivos que se quer atingir. Esses procedimentos implicam muitas vezes na seleção de recursos que servem como suporte para tal ponto.

O conhecimento histórico e, principalmente, o processo de ensino e aprendizagem na História estão relacionados com a leitura, tanto de textos verbais como os de não verbais, aos quais são representados, por vezes, por uma imagem, um filme, mapas, vestígios, monumentos, passeio a museus, a sítios históricos, na qual essa produção historiográfica se baseia em três vieses construídos: a leitura, a interpretação e o questionamento dessas fontes.

Para tanto, é fundamental que os professores orientem os estudantes a utilizarem tais fontes, selecionar os recursos que possibilitem a aprendizagem de forma que esses recursos sejam explorados dentro do contexto escolar para auxiliar a compreensão histórica dos educandos. Isso fica evidente, por exemplo, quando lemos uma imagem, ou quando fazemos um passeio por algum espaço. É certo que, de algum modo, tais comportamentos pressupõem o desenvolvimento de habilidades e propiciam, ao longo da aprendizagem, meios para os quais essas atividades possam ser realizadas.

Os desafios dos professores de História em tempos de globalização são imensos, um deles é trazer para a sala de aula os diferentes campos historiográficos. Ainda há uma certa resistência diante dos novos objetos, novas abordagens e problemas tão discutidos atualmente, que são incorporados para estimular a renovação dos estudos históricos. Esses desafios também atingem os alunos em sua condição de apenas receptores de informações, de conteúdos, currículos e livros didáticos, muitas vezes desinteressantes, que os mesmos lutam para entender e decifrar. Ressoam constantemente vozes de revolta e apatia para com o ensino de História. Assim, é preciso mudar as finalidades diante das transformações atuais para atender a um público escolar cada vez mais diferenciado em que são moldados pela experiência do mundo vivido numa realidade transformada.

Rüsen nos diz que os seres humanos precisam interpretar seu mundo e entender a si mesmos na relação com outros para poderem sobreviver. A formação histórica do sentido, segundo Rüsen (2014), identifica a interpretação, a experiência temporal bem

determinada com o recurso das experiências do passado. Esse sentido permite decifrar e interpretar o processo do passado em forma de história.

Ao longo deste trabalho, a preocupação foi trazer para a discussão as possibilidades de pensarmos no presente através da compreensão do passado e nas possibilidades na qual ele se apresenta. Focamos o nosso olhar para o patrimônio histórico cultural material de Caxias, construído a partir dos séculos XVIII, XIX e XX, por entendermos que é através da cultura e da memória que as pessoas se identificam umas com as outras.

Da mesma forma, estudar a história local como metodologia de ensino para atender aos pressupostos da construção do conhecimento, que interagem com o saber se tornando muito significativo e consciente, aproximando mais o aluno de seu cotidiano, da família e da cidade, do seu lugar, para a compreensão de si mesmo e do outro como sujeitos históricos. Além do caráter formativo, o recurso da observação do cotidiano, das formas materiais da localidade, das fontes e novos usos para velhos objetos são pistas para despertar a reflexão sobre os mesmo e apontar novas abordagens, assim como novas práticas dentro do espaço escolar e fora dele.

Nessa perspectiva renovadora da prática pedagógica, as mudanças historiográficas trouxeram para o ensino de História outras interpretações entre o saber histórico escolar e as dimensões pedagógicas através de uma metodologia voltada para atender as necessidades das gerações atuais. Como estratégia pedagógica, o estudo da localidade propõe articular as aulas de História com a aproximação do aluno às experiências vividas no passado e também no presente, além de desenvolver atividades diretamente vinculadas à vida cotidiana.

Inserir o aluno na comunidade a qual ele faz parte é uma das intenções deste trabalho, principalmente no que se refere a pesquisa e na problematização da História do lugar, tanto professores como alunos podem desenvolver um trabalho coletivo, bem como constituir saberes enriquecidos com o auxílio de outros campos interdisciplinares, neste caso, o específico do Patrimônio edificado de Caxias, no sentido de conhecer, refletir sobre sua preservação para as futuras gerações.

Educar é um desafio constante e a sala de aula não pode ser apenas um espaço de transmissão de informações, nela deve haver um espaço de construção de sentidos, haja vista que na proposta aqui apresentada pensamos em dar sentido à cidade através da ação de educar para o patrimônio. Dessa forma, faz-se necessário criar estratégias entre a escola, ou seja, a educação formal e a leitura da cidade através de metodologias e

atividades não formais, criando sentido pelo contato, na observação do lugar, das memórias, das histórias e das suas pluralidades.

A História deve se apreendida como uma experiência cultural que orienta os alunos para uma educação histórica, promovendo uma relação entre professores e alunos para compreensão do processo de produção do conhecimento histórico, como por exemplo através da metodologia da Educação Patrimonial.

A inserção da temática do patrimônio no currículo escolar, através de um programa de Educação patrimonial, procurando discutir e definir com a comunidade as formas de resgate, identificação e preservação dos seus bens culturais. A Educação Patrimonial tem sido considerada como o ensino centrado nos bens culturais, objetivando proporcionar às pessoas um maior contato com patrimônio cultural de sua região, a partir da problematização dos objetos ou patrimônios culturais representativos de uma comunidade.

Diante dessas reflexões sobre os resultados deste estudo para a Educação Patrimonial, destacam-se algumas considerações percebidas durante a pesquisa, tais como: a exploração educativa do patrimônio histórico, de forma sistemática, poderá permitir o desenvolvimento de múltiplos saberes e competências ao articular aspectos teóricos e práticos, estimulando uma atitude de descoberta por parte dos estudantes e professores que participam da caminhada pelo Centro Histórico.

Outra percepção foi que o despertar de interesses na área da Educação Patrimonial passa fundamentalmente por experiências concretas e participativas de aprendizagem, como no caso do relato de uma das minhas experiências de passear e contar a história de Caxias para os que ali estavam. A promoção do pensamento histórico envolve experiências com significado, nomeadamente em locais que os jovens possam explorar numa atmosfera descontraída e manifestar as suas opiniões, visões e saberes.

Por falta de conhecimento da história da cidade manifestada pelos participantes nos passeios, surgiu a necessidade de elaboração de um material educativo no plano metodológico. Tal processo exige um desenvolvimento cuidadoso que atente na adequação de aspectos como: formulação de questões, propostas de tarefas e atividades, linguagem adequada que combine com a teoria e com o lúdico; permitindo experiências educativas para a faixa etária de estudantes da escola básica.

Considerando a necessidade de preservar o passado, esse processo implica em reconhecer o rico acervo cultural de Caxias e defender a necessidade de sua valorização com ações educativas incorporadas a prática da sala de aula. Mais um motivo para que a escola, mais especificamente, o ensino de História assumo o compromisso de formar a consciência

histórica na perspectiva de fornecer elementos para a orientação e interpretação do passado e a articulação entre educação, escola, patrimônio e o exercício da cidadania e a consciência da salvaguarda.

Sensibilizar para salvaguardar o patrimônio pode ser uma prática desenvolvida com grupos de diferentes níveis, mas pressupõe a existência de educadores sensíveis e, ainda, a produção de novos e múltiplos instrumentos, criando narrativas que proporcionem a experimentação de metodologias diversas na abordagem do Patrimônio.

Ensinar História visitando Centros Históricos, paisagens, museus, lugares, ajuda crianças, jovens e adolescentes a perceberem, segundo a educação histórica, as diferenças entre passado e presente. Caxias, para mim, tem alma, tem artérias que circulam o sangue da luta da Balaiada, da vida de seus moradores, que pulsa em cada casa, em cada rua, nas praças, perambular em Caxias é perceber as nuances expressas por uma cidade cheia de histórias, flanejar por ela é sentir e se emocionar como disse João do Rio, é descobrir a alma encantadora da cidade.

Diante dessas reflexões sobre os resultados deste estudo para a Educação Patrimonial, destacam-se algumas considerações percebidas durante a pesquisa, tais como: a exploração educativa do patrimônio histórico, de forma sistemática, poderá permitir o desenvolvimento de múltiplos saberes e competências ao articular aspectos teóricos e práticos, estimulando uma atitude de descoberta por parte dos estudantes e professores que participam da caminhada pelo Centro Histórico.

Outra percepção foi que o despertar de interesses na área da Educação Patrimonial passou fundamentalmente por experiências concretas e participadas de aprendizagem, como no caso do relato de uma das minhas experiências de passear e contar a história de Caxias para os participantes. A promoção do pensamento histórico envolve experiências com significado, nomeadamente em locais que os jovens possam explorar numa atmosfera descontraída e manifestar as suas opiniões, visões e saberes.

Por falta de conhecimento da história da cidade, manifestada pelos participantes nos passeios, surgiu a necessidade de elaboração de um material educativo, no plano metodológico, exige um processo cuidadoso que atente na adequação de aspectos como: formulação de questões, propostas de tarefas e atividades, linguagem adequada que combine com a teoria e com o lúdico; permitindo experiências educativas para a faixa etária de estudantes da escola básica.

Considera a necessidade de preservar o passado, implica em reconhecer o rico acervo cultural de Caxias e defender a necessidade de sua valorização com ações educativas incorporadas a prática da sala de aula. Mais um motivo para que a escola, especificamente o

ensino de História assuma o compromisso de formar a consciência histórica na perspectiva de fornecer elementos para a orientação e interpretação do passado e a articulação entre educação, escola, patrimônio e o exercício da cidadania e a consciência da salvaguarda.

Sensibilizar para a salvaguarda do patrimônio pode ser desenvolvida com grupos de diferentes níveis, mas pressupõe a existência de educadores sensíveis e, ainda a produção de novos e múltiplos instrumentos, criando narrativas que proporcionem a experimentação de metodologias diversas na abordagem do Patrimônio.

Ensinar História visitando Centros Históricos, paisagens museus, lugares, ajuda crianças e jovens, adolescentes a perceber segundo a educação histórica as diferenças entre passado e presente. Caxias para mim, tem alma, tem artérias que circula o sangue da luta da Balaiada, da vida de seus moradores que pulsa em cada casa, em cada rua, nas praças, perambular em Caxias é perceber as nuances expressas por uma cidade cheia de histórias, flanejar por ela é sentir e se emocionar com disse João do Rio é descobrir a alma encantadora da cidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação.** SOCIEDADE E CULTURA, V. 8, N. 2, JUL./DEZ. 2005, P. 37-52.

ABREU, Gabriel Fleck de. **O museu e a praça: educação patrimonial e ensino de História.** In: GIL, Carmem Zeli.; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski (Org). **Patrimônio Cultural e Ensino de História.** – ed.- Porto Alegre, RS: Edelbra, 2014.

ALMEIDA, Eliane de Sousa. **O patrimônio edificado do Centro Histórico de Caxias-MA: entre a materialidade e a imaterialidade.** / Eliane de Sousa Almeida. Teresina: 2008 166 fls. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) UFPI.

_____. **Patrimônio cultural e memórias: percorrendo os dias e sentindo a cidade de Caxias.** In: MELO, Salânia; PESSOA, Jordânia. (org.) **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias.** Teresina: Edufpi, 2010.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** S. Paulo: Pioneira, 2004. 203p.

ANTUNES, José. **Reminiscências século XX: em tempos de Caxias.** - Rio de Janeiro: 2001

_____. **O Campo da História: especialidades e abordagens,** Petrópolis, Vozes, Rio de Janeiro: 2004.

ARANTES, A. A. **Produzindo o passado.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

BARCA, Isabel. **A Educação Histórica uma sociedade aberta.** Currículo sem Fronteiras, v.7, n.1, pp.5-9, Jan/Jun 2007.

_____. **Marcos de Consciência Histórica de jovens portugueses.** Currículo sem Fronteiras, v.7, n.1, pp.115-126, Jan/Jun 2007. Acesso em 30 de junho de 2014.

_____. **A educação histórica numa sociedade aberta.** Currículo sem Fronteiras. v.7,n.1, p.5-9, Jan/Jun. 2007.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.**

São Paulo, Cortez Editora, 2009.

_____. **O saber histórico na sala de aula.** 12. ed. – 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto.2013.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução.** - Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2009.

BURKE. Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Variedades de história cultural**; tradução Alda Porto, Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2000.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. **Fachada da Inserção: a saga da civilidade em São Luís do Maranhão**. - São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2012.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência história**. - Rio de Janeiro: Edita FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____, Michel de. **A operação historiográfica. In: A escrita da História**. Rio de Janeiro: Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. (Memória e Sociedade). DIFEL: Bertrand do Brasil, 1988.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Unesp, 2006.

CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (Orgs). **Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil**, - Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

COUTINHO, Milson, **Caxias das Aldeias Altas: subsídios para uma história**. -2. ed. Prefeitura de Caxias, São Luís, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação**. v. 24, n. 1, São Paulo, p. 141-159, 1998.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; PEDRO, Pedro. **Educação Patrimonial : histórico, conceitos e processos**. – Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. 63 p.: il.; 28 cm.

FONSECA, M. C. L. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. - 51.ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GAZÓLLA, Lucivani. **A Educação Patrimonial na Escola: um estudo sobre a percepção dos professores acerca do patrimônio de Joaçaba (SC):** UNOESC, 2007. 117 f, (Dissertação de Mestrado em Educação), Universidade do Oeste de Santa Catarina, JOAÇABA – SC.

GERMANO, José Wellington. **Estado Militar e Educação Militar e Educação no Brasil: 1964-1985.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, Carmem Zeli.; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski (Org). **Patrimônio Cultural e Ensino de História.** – ed.- Porto Alegre, RS: Edelbra, 2014.

GHIRARDELLO, Nilson. SPISSO, Beatriz. **Patrimônio histórico: como e por que preservar/coordenação** de: e colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria [et al.]. -- Bauru, SP: Canal 6, 2008.

GOES, Moacir e CUNHA, Luis Antonio. **O Golpe na educação.** 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

_____. **Patrimônio Cultural e ensino de história: reflexões sobre a remoção de uma vila de classes populares.** In: GASPAROTTO, Alessandra; DE FRAGA, Hilda Jaqueline; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. (Org.). Ensino de história no CONESUL – Patrimônio cultural, territórios e fronteiras. Porto Alegre: Evangraf / UNIPAMPA Jaguarão, 2013, p. 147-162.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** 7. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 2006.

HOBSBAWM, E. **A Era dos extremos. O breve século XX.** 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.

ITAQUI, José. Revista da Faculdade de Porto Alegre de Educação, Ciência e Letras: Porto Alegre.

FILHO, Alan Kardec Gomes Pachêco Filho; CORRÊA, Helidacy Maria Muniz, PEREIRA; Josenildo de Jesus (Organizadores). **São Luís 400 anos: (con) tradição de uma cidade histórica.**- São Luís: Café & Lápis; Ed. UEMA, 2014.

LIMA, Carlos de. **História do Maranhão.** São Luís, 1981.

MARQUES, Cesar Augusto. **Dicionário Histórico – Geográfico da Província do Maranhão.** 3. Ed. Coleção São Luís – 03, Cia Editora Fon-Fon e Seletea: Rio de Janeiro, Março, 1970.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Educação patrimonial: da teoria à prática.**- Londrina: Ed. UNIFIL, 2009, 108p

MEDEIROS, Francisco Caldas. **Aconteceu em Caxias (relatos históricos)**. - Selo Academia Caxiense de Letras, 2. ed. Caxias: 2005.

MELO, Salaânia Maria Barsosa; SOUZA, Joana Batista de; SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campos (Orgs.). **Caxias: memórias, histórias e outros saberes**.- Teresina: EDUFPI, 2016.

MESQUITA, Letícia. **Memórias de Caxias, cada rua sua história**. Câmara Municipal de Caxias. – Caxias - MA, 1992.

MOURA, Jéssica da Silva. **Lugar de Memória: um olhar sobre a cidade de Caxias através das lentes de Sinésio Santos na década 60** / Jéssica da Silva Moura. Caxias - MA: CESC/UEMA, 2016 (Monografia do Curso de História).

NADAI, Elza. **O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”**. In: PINKY, Jaime (Org). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo. : Contexto. 2006.

NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. **As alterações nos projetos de praças para a conservação de Centros Históricos**. O caso de São Luís do Maranhão. Recife. 2004. (Dissertação em Mestrado em Desenvolvimento urbano-Universidade Federal do Pernambuco-UFPE).

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo, vol. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Regina Soares de. **Historia: A reflexão e a pratica de ensino**. – São Paulo: Blucher. 2012.

ORIÁ, R. **Educação Patrimonial: conhecer para preservar**. 2005. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/articulistas/articulista0003.asp>> Acesso em: 19 de maio 2014.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. – São Paulo: Brasiliense, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist. vol.27 no.53 São Paulo Jan./June 2007.

_____. **Cidade, espaço e tempo: reflexos sobre a memoria e patrimônio urbano**. Cadernos de LEPAARO, Pelotas, v. II, n.4, 2005.

PESSOA, Jordânia Maria. **Entre a tradição e a modernidade a Belle Époque caxiense: práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX**. Imperatriz: Ética, 2009.

PINSKY, Jaime, PINKY, Carla Bassanezi. **Por uma História prazerosa e conseqüente**. In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. Carnal, Leandro (org.). - 5.ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Maria Helena. **Evidências Patrimoniais para a Educação histórica: uma experiência educativa no Centro Histórico de Guimaraes.** Currículo sem Fronteiras, v.7, nº1, p.171-185, Jan/Jun.2007.

_____. **Os centros históricos como laboratórios de Educação Histórica e Patrimonial.** Revisita Historia Hoje, v.5,nº9,p.49-75.2016.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200- 212. Disponível em: . Acesso em: 20 de junho 2014.

PONTES, Anna Maria de Lira. **Memórias, vivências, alegoria: as ruínas do Centro Histórico de João Pessoa.** In: CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (Orgs). **Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil,-** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais.** In: **Tempo.** Rio de Janeiro, n,2,p.59-72, dez, 1996.

QUEIROZ, Moema Nascimento. **A Educação Patrimonial como Instrumento de Cidadania.** Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3562> Acesso em: 20 de julho de 2015.

QUEIROZ. Paulo Roberto Cimó. **Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20,** Bauru, SP: EDUSC; Campo Grande, MS: Ed. U FMS: 2004.

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **A Escrita da História Escolar: memória e historiografia.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

REVISTA POR DENTRO DA HISTÓRIA – **Revista de educação patrimonial,** Ano 1 - Nº 1, janeiro /2009, Contagem – MG.

REVISÃO DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA. **Dossiê: Educação Histórica e a pratica da sala de aula.** - REDUH/Laboratório de Pesquisa de Educação Histórica da UFPR: Editoração: Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schimidt: Coord. Editorial: Lidiane Camila Lourençato. Lucas Pydd Nechi, Thiago Augusto Divardim de Oliveira; Editoração Eletrônica: Cesar Sousa, nº 5 (Jan/Abril/:-2014). Curitiba: LAPEDUH, 2014.

SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos; ABRANTES, Elizabeth Sousa. **Sugestões Didático-metodológicas para o ensino de História.** – São Luís: EDUEMA, 2012.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva** – Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d’Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHIMDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e Ensino de História.** - Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

_____, GARCIA, Tania Maria F. Braga. **A Formação da Consciência Histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História.** Cad. Cedes, Campinas, vol.25, n.67, p.297 -308, set/dez.2005. (Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>) Acesso em 25 de maio de 2014.

_____, CAINELLI, Marlene (Org.). **Ensinar história.** – São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.**-23. Ed. E atual.- São Paulo, 2007.

SILVA FILHO, José Oliveira da. **A história capturada: São Luís pelas lentes de Gaudêncio Cunha (1895-1908).**- São Luís: EDUEMA,2012.

SIMÃO. Maria Cristina. **Preservação do patrimônio cultural em cidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, André Luís Ramos (org.). **Educação Patrimonial: Relatos e Experiências.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

SOUZA, Ana Carina Calixto de. **A Importância da Educação patrimonial para a preservação dos Patrimônios Históricos e Arquitetônicos do Recife.** Disponível em: http://www.pe.senac.br/ascom/faculdade/Anais_EncPesqExt/IV/anais/pôster/003_2010_poster.pdf. Acesso em 15 de abril de 2015.

SOUZA, Joana Batista de. **Imagens e Poder: a representação iconográfica dos conteúdos históricos nos livros didáticos das escolas públicas no período da Ditadura Militar,- Caxias (1964-1985).** Monografia: CESC/UEMA, 2006.

_____, Joana Batista de. **O poder dos trilhos: a trajetória do trem em Caxias no final do século XIX até a década de 1920.** In: MELO, Salânia; PESSOA, Jordânia. (org.) **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias** Teresina: 2010.